ESTUDOS PSIQUICOS

Vol. I

1939-41

Ao Ex.mo Senhor Coronel Faure da Rosa,
amigo e dedicado fiel de "Estudos Psíquicos"
e velho camarada de pugnas espirituais,
esta singela oferenda de minha
grande estima

Lisboa, 27 de Set.º 1941

Fernando Pessoa

ESTUDOS PSÍQUICOS

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há multa maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo o que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

(PUBLICAÇÃO BIMESTRAL)

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro, e do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro.

Rua do Salitre, 149, 1.º D. = = = = = = = = = = = = = = LISBOA

DIRECÇÃO E PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores - correspondentes:

Em **França** ... ... Dr. Gabriel Gobron
No **Rio de Janeiro** ... ... Dr. Carlos Imbassahy
Em **Buenos Aires** ... ... Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

PORTUGAL	*Continente e Ilhas*	*15$00*
	Colónias	*20$00*
ESTRANGEIRO	*Espanha*	*15$00*
	Brasil	*20$00*
	Outros países	*25$00*

Representante do Centro e da Revista no Rio de Janeiro:

Henrique Magalhães — Avenida Passos, 30, 1.º

A ASSINATURA É ANUAL E PAGA ADIANTADAMENTE

Composto e Impresso na Tip. SILVAS, Ltd.—R. D. Pedro V, 120 • • VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Estudos Psiquicos

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

1.º VOLUME

1939 a 1941

RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA

ÍNDICE DAS MATÉRIAS CONTIDAS NO PRESENTE VOLUME

N.º 1

	Pág.
Nota preambular, *pelo Director*	1
Notas & Comentários, *por I. D. S.*	3
A Alma humana *pelo Dr. A. Lôbo Vilela*	5
Alguns aspectos da evolução, *pelo Dr. António J. Freire*	8
Livre arbítrio e determinismo, *pelo Dr. José Gaita*	13
Fenomenologia metapsíquica, *pelo Dr. Rodrigo Sanz*	15
Bibliografia, *por I. D. S.*	19
Comunicações supranormais, *pelo coronel Faure da Rosa*	20
Por êsse mundo...	23
Espiritismo experimental, *pelo Dr. Pedro Dias de Sousa*	24
As manifestações da consciência, *pelo Dr. Aléxis Carrel*	26
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*	27
¿O Espiritismo merece condenação?, *pelo Dr. A. Pratas*	29
Figuras que partem — Desencarnou o Dr. Rodrigo Sanz	31
Noticiário	32

N.º 2

	Pág.
Noite de Natal, *pelo Dr. José Gaita*	33
Sôbre a existência de Deus, *pelo Dr. A. Lôbo Vilela*	36
Por êsse mundo..., *por I. D. S.*	40
Organização e funcionamento dos Grupos Espiritas Familiares, *pelo Dr. Pedro Dias de Sousa*	41
Novos Rumos, *palestra de Isidoro Duarte Santos no acto inaugural dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor*	44
Fenómenos metapsíquicos (II), *pelo Dr. Rodrigo Sanz*	47
Balzac e os fenómenos supranormais, *pelo coronel Faure da Rosa*	50
Notas & Comentários, *por I. D. S.*	53
Bibliografia, *por I. D. S.*	54
O sofrimento e a evolução, *por Eduardo da Silva Tavares*	5
Perseverança, *por António Xavier*	5
Os factos entre nós — *Caso inesperado de fotografia espirita — Fenómeno de visão a distância*	56
O verdadeiro sentido da vida, *por M. Tavares*	57
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*	5
Inauguração dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor	61
Por êsse mundo...	62
Noticiário	63

N.º 3

	Pág.
Aos irmãos do Brasil, *por Isidoro Duarte Santos*	65
Princípios doutrinários do Espiritismo, *pelo Dr. Gustave Geley*	69
O mistério das cruzes indianas, *pelo Dr. Gabriel Gobron*	70
Classificação dos fenómenos supranormais, *pelo Dr. Lôbo Vilela*	73
Alguns aspectos da crise da morte e o mundo astral, *pelo Dr. António J. Freire*	77
Balzac e os fenómenos supranormais (I), *pelo coronel Faure da Rosa*	81
O valor da prece e a eficácia da concentração, *pelo Dr. Pedro Dias de Sousa*	84
¿Mortos ou vivos?, *por Manuel Tavares*	87
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*	88
Por êsse mundo..., *por I. D. S.*	91
Notas & Comentários, *por I. D. S.*	92
Reünião de confraternização, *por Estêvão Rodrigues*	93
Noticiário	94

N.º 4

	Pág.
O Espiritismo a tratos..., *pelo coronel Faure da Rosa*	97
A luta do astral contra as falsas noticias, *pelo*	

Pág.

Dr. Lucien-Graux 102
Manifestações espiritas, *pelo Dr. Lôbo Vilela* 104
Fenomenologia metapsíquica (IIII), *pelo Dr. Rodrigo Sanz* 107
Homenagem do Centro E. Luz e Amor ao Mestre Allan Kardec 110
O espirito de Garrett fala acêrca dos dois mundos... 111
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 113
A bem dos homnes, *por Pedro Cardia*..... 114
Potencialidade amorosa, *por Ernesto Pérez Méndez* 115
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 117
Perispírito, *por Manuel Tavares* 121
«Estudos Psíquicos» e a imprensa 122
Subscrição pró-Sede 124
Por êsse mundo..., *por I. D. S.* 125
Bibliografia, *por F. R.* 127
Noticiário 128

N.° 5

As provas doutrinárias da imortalidade, *pelo Dr. Lôbo Vilela* 129
Principios doutrinários do Espiritismo, *pelo Dr. Gustave Geley* 130
Crónica, *pelo Dr. Carlos Imbassahy* 131
Embustosofia, *pelo coronel Faure da Rosa* 133
O Espiritismo e a Igreja Anglicana, *por Ernest W. Oaten* 136
Passeio a Cabo Ruivo 141
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 142
Fenomenologia metapsíquica (IV), *pelo Dr. Rodrigo Sanz* 144
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 147
Bibliografia, *por F. R. e S. E. M.* 152
Por êsse mundo..., *por I. D. S.* 153
Dos médiuns, *pelo Dr. Pedro Dias de Sousa*
Vocabulário de Metapsíquica (I), *pelo Dr. A. Lôbo Vilela* 156
A evolução e o pensamento criador, *por Seravat* 158
Noticiário 159

N.° 6

A falência do materialismo (I), *por Isidoro Duarte Santos* 161
Mais academias..., *por Leopoldo Machado* 167
O surdo de nascença, *pelo Dr. Santiago Argüello* 168
Infantilismo psíquico, *pelo coronel Faure da Rosa* 169
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 172
Luzeiros, *por Ernesto Pérez Méndez* 174
A guerra, *pelo coronel J. A. Costa* 176
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 177
Gabriel Gobron 179
Passeio á mata da Caparica 180
Falam os sábios 181
Por êsse mundo... 182
Os factos entre nós — Um caso excepcional 183

Pág.

Bibliografia, *por S. E. M. e F. R.* 186
Vocabulário de Metapsíquica (II), *pelo Dr. A. Lôbo Vilela* 188
Noticiário 191

N.° 7

A falência do materialismo (II), *por Isidoro Duarte Santos* 193
Desencarnou Oliver Lodge 198
Milagres, *pelo coronel Faure da Rosa* 199
Espiritofobia protestante (I), *pelo Dr. Sebastião Elviro Martins* 202
Por êsse mundo..., *por I. D. S.* 205
Defesa do valor humano na realidade espirita, *pelo Dr. Luís M. di Cristóforo* 206
O mundo está ficando louco, *por Leopoldo Machado* 208
Como eu compreendo a solidariedade, *por Dinah Santos Lima* 209
Um alto teorema, *pelo Dr. Rodrigo Sanz* 212
Campanhas sociais do Espiritismo no Brasil, *por Ismael Gomes Braga* 214
Seara evangélica — A Caridade, *pelo Dr. José Gaita* 216
Por êsse mundo..., *por I. D. S.* 217
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 218
Bibliografia, *por S. E. M.* 220
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 222
Noticiário 223

N.° 8

Aniversários, *por Isidoro Duarte Santos* 225
O facto espirita, *pelo coronel Faure da Rosa* 228
Um ano, *por Manuel Tavares* 230
Espiritofobia protestante (II), *pelo Dr. Sebastião Elvido Martins* 231
Recordando, *por Maria Velêda* 235
Confissão, *pelo Dr. Alfredo Mota* 237
Considerações sôbre o perispírito, *pelo Dr. A. Dias Pratas* 238
Do alto — O nosso aniversário, *por Reper-Siam* 241
Louvado seja Deus, *pelo Dr. Sá Mesquita* ... 242
Novo ano, *pelo Centro Espírita «Luz»* 242
Toque de clarim, *por Vendrell i Mercadal*..... 243
Outra vez na terra, *por Emília Pomar de Sousa Machado* 245
A propósito de um aniversário, *pelo coronel Faure da Rosa* 246
Centro E. Luz e Amor, *pelo Dr. António J. Freire* 246
Seara evangélica, *por Henrique Magalhães* 247
Um ano de propaganda 249
Jornada vitoriosa, *pelo Dr. Pedro Dias de Sousa* 252
Mensagem mediúnica de «Emmanuel», *por Ismael Gomes Braga* 253
Caminho errado 254
Dr. António Lôbo Vilela 254
Vencerl, *pelo Dr. José Gaita* 255
Caridade, protecção e luz, *pelo Grupo Espírita de Faro* 257

Pag.

Os factos entre nós, *por J. Vendrell i Mercadal* 258
Obra meritória, *por Otílio da Silva Reis* 259
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 260
Esperança, *por Ernesto Pérez Méndez* 261
Filosofia espirita, *pelo Dr. Rodrigo Sanz* 262
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 264
Efemérides do Centro E. Luz e Amor 267
Alguns aspectos do mundo astral 268
Por êsse mundo..., *por I. D. S.* 269
Bibliografia, *pelo Dr. Sebastião E. Martins* 270
Auxílio aos necessitados 271
Noticiário 272

N.º 9

A falência do materialismo (III), *por Isidoro Duarte Santos* 273
Confissão (II), *pelo Dr. Alfredo Mota* 278
Espiritofobia protestante (III), *pelo Dr. Sebastião E. Martins* 279
O facto espirita (II), *pelo coronel Faure da Rosa* 283
Vergonha científica, *por J. Vendrell i Mercadal* 286
Efemérides do Centro E. Luz e Amor 289
Como eu compreendo a solidariedade, *por Dinah Santos Lima* 290
O juiz e o Espiritismo, *por H. Magalhães*..... 294
Esperança e fé, *por L. F. Lôbo de Aguilar* 295
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 296
Os factos entre nós, *por J. Vendrell i Mercadal* 298
Incoerências, *por F. de Oliveira* 299
Bibliografia, *por I. D. S.* 300
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 301
Noticiário 303

N.º 10

O éter cósmico, pelo *Dr. António J. Freire* 305
As invenções dos homens, *pelo coronel Faure da Rosa* 309
Espiritofobia protestante (IV), *pelo Dr. Sebastião E. Martins*..... 312
Allan Kardec, homem de génio e de coragem, *por I. D. S.* 316
Aléxis Carrel, *pelo Dr. António J. Freire* 318
Os factos entre nós — Curas obtidas no Grupo Espirita de Aveiro 320
Ecos da imprensa espirita, *por I. D. S.* 322
Promete a ti mesmo, *por Prometheus* 323
Velhos paladinos — Dr. Amélia Cardia, *por I. D. S.* 324

Pag.

O mundo dos fluidos, *por Manuel Tavares* ... 325
A doutrina espirita, *pelo Dr. Gustave Geley* 326
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 327
Confissão (III), *pelo Dr. Alfredo Mota* 328
Bibliografia, *pelo Dr. Sebastião E. Martins* 329
Por êsse mundo..., *por I. D. S.* 332
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 333
Noticiário 335

N.º 11

O subconsciente e o automatismo psicológico, *pelo Dr. António J. Freire*..... 337
O problema da morte (I), *pelo Dr. Sebastião E. Martins* 345
Pela vitória do Espírito (I), *pelo Dr. Fred* 348
Religiões, *pelo coronel Faure da Rosa* 353
Ecos da imprensa espirita, *por I. D. S.* 357
Vingança e perdão, *pelo Dr. A. D. Pratas* 358
Allan Kardec — Uma vontade, *pelo Dr. Luís M. di Cristóforo* 359
Reflexões do Além, *por H. Magalhães* 360
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 361
Bibliografia, *por I. D. S. e S. E. M:* 362
Carta aos meus colegas médicos, *pelo Dr. Alfredo Mota* 363
Por êsse mundo..., *por I. D. S.* 364
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 365
A nova revelação, *por Artur Conan Doyle*... 366
Noticiário 367

N.º 12

Mecânica Psíquica, *pelo coronel Faure da Rosa* 369
Camilo Flammarion — Um Carácter, *pelo Dr. Luís M. di Cristóforo* 374
O problema da morte (II), *pelo Dr. Sebastião Elviro Martins* 377
Pea Vitória do Espiritismo (II), *pelo Dr. Fred* 380
Nem todos os que dizem «Senhor, senhor!», *por Henrique Magalhães* 384
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 385
Ecos da imprensa espirita, *por I. D. S.* 387
Confissão (IV), *pelo Dr. Alfredo Mota* 389
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 390
Por êsse mundo..., *por I. D. S.* 393
Bibliografia, *pelo D. Sebastião Elviro Martins* 395
Noticiário 396

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

Secretário	Director e Proprietário	Editor
José Joaquim Gaita	Isidoro Duarte Santos	Pedro C. Dias de Sousa

ANO 1.º LISBOA, SETEMBRO-OUTUBRO DE 1939 N.º 1

Nota preambular

EM Dezembro de 1938, dizíamos nós, no último número de *O Mensageiro Espirita*, que dirigíamos e naquela data encerrava a sua terceira fase de existência:

> «Não julgueis, leitores amigos, que fugimos do campo em que mourejamos, há perto de vinte anos. Vamos abalançar-nos a outros trabalhos e continuaremos a defender a Causa Espirita, com o mesmo ardor, a mesma alegria e a mesma esperança».

Quiseram as circunstâncias indicar-nos rumo diferente daquele que levantáramos. Quis a consciência ponderar atitudes e tomar resolução em altura decisiva; e o espírito, que habituado fôra sempre a observar rígidos preceitos, no tocante ao dever cumprido, ou a cumprir, obedeceu e aprestou-se para nova jornada. Que, a-final, a seara era grande e os trabalhadores apontavam-se a dedo, assim rareavam êles na courela que se impunha desbravar, desse por onde desse. Bem podíamos, então, tomar a peito empreitada que coubesse em nossas fôrças. E assim foi que viemos para o reduto e cá estamos, mais animosos do que nunca, dispostos ao sacrifício de sempre, que os obstáculos não abalam a fé dos crentes, antes a retemperam, a golpes de renúncia, que é o verdadeiro heroismo dos humildes.

Cá estamos, prezados leitores, bandeira desfraldada, fronte erguida e peito descoberto, arautos da Boa-Nova que corre mundo, oferecendo à humanidade vastos campos conducentes à salvação.

Vamos estudar e propagar as verdades neo-espiritualistas, no serviço da Causa, na união das almas afins, fazendo convergir, em abalo centrípeto, fôrças dispersas que necessitam de congregar-se em comunhão de pensamento.

Se o título desta revista não fôsse elucidativo, bastariam os nomes que a informam, para que todos ficassem tranquilos, quanto ao caminho a percorrer; porém, muito mais do que uma coisa e outra, os nossos trabalhos futuros darão a medida do que queremos e do que valemos.

Neste sector, far-se-à, claramente, a

defesa do Espiritismo, sem eufemismos de alguma espécie, embora todos os colaboradores tenham a mais ampla liberdade crítica, indo até à controvérsia, sempre que dela resulte benefício para a Doutrina.

As nossas colunas procurarão ser a imagem viva, palpitante, do desejo de progresso que nos anima. Assim, demonstraremos a solidez dos nossos postulados, provando que não receamos apreciações de qualquer natureza, seja qual for a posição científica dos críticos ou dos adversários.

Sem oferecer verdades absolutas, que não tem, visto que assentam na relatividade do conhecimento, esta doutrina impor-se-à, todavia, pelas verdades *de facto, de razão* e *de fé*, em que baseia a sua estrutura. *Estudos Psíquicos*, quer por intermédio dos seus diversos colaboradores, quer pela variedade das suas secções, que darão uma idea aproximada do movimento espirita mundial, trabalhará na consecução dêste objectivo: *harmonizar o continente com o conteúdo.* Estudará, não agredirá. Respeitará todas as crenças, e, quando tiver que revidar ataques, fá-lo-à, não esquecendo nunca o respeito que deve a si própria e ao Ideal que representa. Baterá, delicadamente, à porta do leitor, mesmo céptico impenitente, ou materialista de convicção e convidá-los-à a abrir as suas páginas modestas, mas sinceras. Dir-lhes-à, de olhar franco e sorriso prazenteiro

— Leitor amigo: folheia-me, sem azedume, nem receio. Há sempre alguma coisa que aprender, além dos conhecimentos que já possuímos. E, se te não interessa a minha leitura, leva-me a um amigo, em vez de me lançar ao fogo. Farás obra meritória e corresponderás à amabilidade com que te procuro.

*

Estudos Psíquicos defenderá o Espiritismo Dialético, como meio de conduzir o homem à interpretação espiritualista dos factos, enfrentará o materialismo histórico e servirá de barreira às ideas inquietadoras que avassalam o mundo actual.

Aos conceitos negativos, oporá a floração das ideas elevadas, em planos construtivos, facilmente assimiláveis, de maneira que os homens nos entendam e descubram, dentro de cada um, a partícula de Deus que lá habita incógnita, pronta a desentranhar-se em frutos, a accionar o aperfeiçoamento progressivo a que fomos destinados.

Adoptando processos rigorosamente científicos, o Espiritismo chegará às *verdades de facto.* Constituíndo-se em filosofia, apresentará *verdades de razão.* Tocando a natureza intuitiva e o sentimento religioso do homem, justificará e imporá as *verdades de fé.*

Provará, desta forma, que é universal e integral.

Facto, fide, ratio, eis a formosa trilogia que escuda a Doutrina Espirita, em constante expansão de anelos, traço de união entre o invisível e o visível, entre o inconsciente e o consciente, síntese psíquica de dois mundos que se interpenetram, em evolução incessante.

Nesta orientação, seguiremos para Deus, pela Ciência e pelo Amor, não esquecendo o carácter humano da Revelação Espirita, vista e apreciada por inteligências limitadas que não podem compreender o Infinito.

Se conseguirmos interessar meia dúzia de estudiosos, se os obrigarmos a encarar o problema de sêr e do destino, como resultante de inquietação espiritual ou de anseio renovador, por satisfeitos nos daremos, já que longe de nós está a pretenção de fazer proselitismo.

Medite, pois, o leitor, na doutrina que lhe vamos apresentar. Exemplifique-a, dentro das possibilidades que lhe foram atribuídas no plano da Criação, como parcela do agregado social, e busque a *Verdade* que convier ao seu entendimento, conforme suas aptidões intelectuais e morais. Não pare, não estratifique. Olhe em frente e dinamize a vontade nessa prodigiosa ascenção que a todos impele para o Alto e para Deus. *Estudos Psíquicos* o auxiliará nessa tarefa. *Estudos Psíquicos* o guiará na escôlha dos autores e nos métodos de trabalho.

Notas & Comentários

Saüdação

★ *O primeiro gesto de «Estudos Psíquicos» é saüdar, carinhosamente, tôda a imprensa espírita portuguesa e estrangeira, envolvendo-a no mesmo abraço fraternal, no mesmo pensamento de amor, no mesmo desejo de progresso. Não fazemos acepção de pessoas, porque todos os bons obreiros merecem à nossa franca saüdação. E, pois que «Estudos Psíquicos» deseja viver em boa camaradagem com os seus colegas, em obediência à divisa que ostenta ao alto das suas páginas; e porque necessita de muita paz, a-fim-de poder trabalhar proficuamente, em prol da doutrina que encarna e defende, aqui fica exarada a vontade que nos anima de em tudo proceder, de maneira que ninguém tenha de nos apontar conscientes falhas, fóra do espírito de quem dirige estas colunas.*

¿Encontraremos a tarefa facilitada ou teremos que lutar, gastando energias preciosas em inglórias pugnas? O tempo o dirá, que é grande mestre e amigo.

«Estudos Psíquicos» vai correr mundo, esperançado no bom acolhimento dos leitores. É possível que alguns discordem da sua orientação, entendendo que devia ser mais popular, menos científica e talvez infensa a filosofias, evitando, assim, a maçada do estudo a quem se deixou vencer pelo comodismo hodierno. Sim, é possível que alguns discordem. Mas êsses podem ler a secção «Por êsse mundo», em gotas homeopáticas, em notícias sintéticas, ficando, em dez minutos, ao corrente do movimento espírita mundial. Terão ali uma espécie de jornal falado, semelhante aos que as agências oferecem, através da ràdio. Nenhum leitor perderá com a leitura de «Estudos Psíquicos», todos acharão aqui pábulo para o seu entendimento...

«Estudos Psíquicos» cumprimenta todos os espíritas e convida-os a colaborar, sinceramente, na obra comum. Vinde até nós, confrades de boa vontade. Vinde de braços abertos, que os nossos braços cá estão para vos receber, peito com peito, coração com coração.

Esta é a nossa primeira fala, desataviada e simples, palavra franca e sem véu que se dirige à família espírita, de que somos os mais humildes componentes.

Congressos espíritas

★ *Os jornais espíritas brasileiros falam na realização dum congresso de jornalistas espíritas no Rio de Janeiro, por iniciativa do confrade Deolindo Amorim, e declaram que começam a chegar solicitações de informes àcêrca do congresso, suas finalidades, meios de representação, etc.*

Quere dizer: no Brasil, o Espiritismo caminha a passos de gigante. Os nossos irmãos de Além-Mar reünem-se e combinam a acção a desenvolver, certos de que o esfôrço isolado é sempre em pura perda. E vão para um congresso da imprensa, porque da orientação uniforme da imprensa resultará maior proveito para a Causa. Têm razão, os nossos confrades brasileiros.

«Estudos Psíquicos» vai trabalhar para a realização do segundo congresso espírita português. É necessário reunir a família espírita, pô-la em contacto mais estreito. Do seu conhecimento mútuo, só poderão advir benefícios. Já contamos com algumas valiosas adesões. A seguir, outras virão, certamente.

Estamos convencidos de que será questão de agitar o caso sem idéas preconcebidas. É o que faremos, em números sucessivos, pois o nosso fim é construtivo, no mais elevado grau. A nossa divisa não admite dúvidas: «Pelo progresso e prestígio do Espiritismo. Pela união fraternal da família espírita».

Neste sentido, alargaremos o âmbito da acção, congregaremos todos os que se interessarem pela expansão do Espiritismo. O momento é asado. A guerra que se está a travar levará milhões de indivíduos a pensar no problema do ser e do destino. A ciência espírita terá inúmeros cultores. Concitemos a sua atenção. As probabilidades são tantas, tantas, que dispensam cálculos prematuros.

Tratemos do assunto com dedicação, com perseverança, dispostos a vencer todos os obstáculos. Tudo será conseguido, desde que a boa vontade seja manifesta.

Espiritas espanhois em França

★ A «Revue Spirite» de Agosto passado dá-nos a notícia de que grande número de espiritas espanhois tiveram que abandonar o seu país e encontram-se em França, em condições lamentáveis. Muitos dêles têm sido albergados nos campos de concentração ou acolhidos à generosidade de amigos aridosos.

Esta revista acrescenta que os espíritas franceses devem auxiliar aqueles irmãos espirituais, em obediência aos deveres de solidariedade impostos pela doutrina. E apela para todos, no sentido de promoverem subscrições, destinadas a minorar a extrema penúria de muitas almas que foram tocadas pelo flagelo duma guerra civil tão longa e dolorosa.

Para êste fim, criou-se, em Montpellier (1 Boulevard Pasteur), um escritório centralizador dos donativos prestados, dirigido pelo Dr. Humberto Tôrres, antigo presidente da Junta Consultiva da Federação Espírita Espanhola, e cuja vida foi inteiramante consagrada à difusão do Espiritismo.

Escusado será dizer que «Estudos Psíquicos» lastima profundamente a sorte dêsses confrades que tiveram necessidade de emigrar, por terem ficado reduzidos à miséria, em virtude da pilhagem de que foram vítimas. Se algum leitor quiser enviar qualquer óbulo, com destino àqueles irmãos, da melhor vontade serviremos de intermediários, fazendo-o chegar à «Revue Spirite».

O Espiritismo na côrte inglêsa

★ Quási tôda a família real inglêsa se interessa pelo Espiritismo. Sabe-se que a falecida rainha Vitóriatinha dois médiuns: James Lees e John Browin. James Lees foi um dos maiores videntes do seu tempo e tornou-se célebre pela descoberta de Jack-o-estripador, que encheu de pânico os bairros mais populosos de Londres. Jack era médico da côrte. Um entêrro, simulado, encobriu a sua entrada no manicómio.

A rainha Alexandra também se dedicava ao Espiritismo. "Psychic News" conta que Jorge V, filho da rainha, recebeu um dia certa mensagem espírita proveniente de sua mãi, e agradeceu ao correspondente, em carta autógrafa. Jorge VI também se interessa pelo psiquismo.

Ora, sendo o Espiritismo estudado e praticado por tão nobres individualidades, é por que tem excelências que o impõem à comunidade. Em vez, pois, de o combater, sem conhecimento de causa, devem os seus detractores estudá-lo, como faz a gente equilibrada e culta, como faz a família real britânica. Temos a certeza de que mudarão de opinião todos quantos lhe penetrarem os arcanos.

Os que nele buscarem demonismo ou sobrenatural, verão inutilizados os seus esforços. O Espiritismo é terreno onde só os verdadeiros pesquisadores se poderão aventurar sem receio. Basta que venham munidos de boa-fé e desejo franco de investigar.

Nota final

A curiosa e espontânea colaboração que nos tem chegado às mãos demonstra que a simples notícia do aparecimento de «Estudos Psíquicos» está despertando certo interêsse no meio espírita português. Êste facto é inegável. Não podemos deixar de o reconhecer. Para quem principia, é incontroverso que tal circunstância representa grande papel, pois todos gostam de ver as suas emprêsas acalentadas, mesmo por aqueles que as podem auxiliar, apenas, com a sua simpatia. E por vermos que o apôio recebido é, em verdade, muito superior à nossa expectativa, não deixaremos de lhe corresponder, dentro das nossas fôrças e da nossa boa vontade.

Aqui afirmamos, pois, que esta revista defenderá sempre o Espiritismo, dentro do seu campo de acção, que alargará sucessivamente, à medida que novos elementos apareçam. Neste ponto, podem estar tranquilos. A firmeza de opinião dos que lhe dão o seu concurso é característica e não cede, com facilidade, por ser baseada no raciocínio e na lógica. Nem os motejos frívolos, nem os ataques inconsistentes chegarão para apagar o nosso entusiasmo, que aumenta dia a dia, incessantemente. Todos estão dispostos a erguer bem alto a divisa que nos orienta, sem receios, nem vergonha, porque receio é faltar à palavra e vergonha é dar exemplos de insuficiência moral que não estão, felizmente, no nosso programa.

A colaboração a que nos referimos encontraria, já, neste primeiro número, o seu acolhimento, se imperiosa necessidade não houvesse de dar carácter à revista, já abrindo secções que terá de manter, já inserindo trabalhos daqueles que serão seus cooperadores habituais. Dêste modo, só no próximo número abriremos a tribuna destinada aos que tenham ideas e desejem trazer a sua pedra ao edifício comum. Aos que vieram e aos que, naturalmente, se não farão esperar, damos a certeza do nosso amparo e da nossa simpatia.

"Estudos Psíquicos" demonstra assim que lhe são gratas todas as gentilezas que recebe.

S/O - 39

A ALMA HUMANA

pelo Dr. António Lôbo Vilela

Uma das coisas que mais tem surpreendido os etnólogos é a primitividade e universalidade da crença nos espíritos. Mas, sem se darem ao trabalho de investigar a origem real dessa crença, partiram do princípio que se tratava de uma superstição grosseira e, dentro destas normas, imaginaram tôda a série de fenómenos naturais que a podiam ter determinado. Nós, porém, que reconhecemos a realidade dos fenómenos espiritistas, somos lògicamente conduzidos a atribuir-lhes a origem das crenças religiosas. Na observação dêstes fenómenos é que deve procurar-se, pois, a génese da ideia de alma e não numa pretensa ilusão dos selvagens ao contemplarem a sua imagem reflectida nas águas, a sombra dos sêres e das coisas projectada no chão, acompanhando os seus movimentos, ou as imagens vivas dos sonhos, visto que os selvagens, embora ignorantes, são bastante inteligentes para distinguirem umas das outras.

O homem primitivo não inventou os espíritos como não inventou a geometria. A crença nos espíritos começou por ser uma arte mágica de encantamentos e esconjuros. Poincaré *(La science et l'hypothèse)* nega o valor objectivo e experimental da geometria, mas logo se contradiz afirmando que «se não houvesse corpos sólidos na natureza, não haveria geometria». Análoga observação podemos nós fazer àcêrca dos mágicos: se os espíritos não existissem, nunca teria havido mágicos. Le Dantec, numa das suas belas obras *(Les lois naturelles*, pág. 63) escreve: «Os nossos ancestros não tiveram que imaginar planos, êles viram-nos; não tiveram que imaginar rectas, viram-nas; viram um círculo perfeito olhando o sol ou a lua cheia.» Outro tanto diremos nós dos espíritos: os nossos antepassados não precisaram de inventá-los, porque os viam, e, sem isso, não os podiam ter imaginado. «*Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*» é o dogma dos materialistas que, a-pesar disso, pretendem negar realidade objectiva à crença universal na existência dos espíritos.

Os etnólogos, que pretendem estabelecer uma interpretação positiva das crenças religiosas, apelam, de bom grado, para o poder da imaginação criadora, a faculdade mais irreal que nos é atribuída. Visite-se um museu, uma exposição de arte qualquer, em que haja obras dos melhores artistas, que apresentem um carácter de maior originalidade, e procure-se o papel que cabe à imaginação criadora. A Beleza, na arte, reduz-se, quási inteiramente, à perfeita reprodução do natural... E nós que vemos a impossibilidade de um artista criar formas de beleza sem se inspirar no real, poderiamos então admitir que os selvagens, para quem a vida se resume no jôgo das sensações, tivessem criado, não apenas um mundo de objectos inanimados como os que constituem a arte, mas um mundo de sêres vivos, inteligentes, que seria o mundo dos espíritos? Tratando-se mesmo dum capricho da imaginação, como poderia compreender-se a universalidade dessa crença?

Quando estudámos a génese das crenças religiosas, assinalámos, embora resumidamente o papel que coube aos fenómenos espiritistas. Não voltaremos agora a êste assunto, limitado-nos a frizar que, entre os selvagens, os fenómenos espiritistas se produzem com maior freqüência, mas não porque êles tenham faculdades supranormais particularmente desenvolvidas. Tudo se compreende se notarmos que os espíritos que vulgarmente ali se manifestam, sendo menos evoluídos, têm corpos psíquicos mais densos e podem, por isso, produzir fenómenos físicos com maior facilidade. Por outro lado, os vivos costumam recorrer a certos alcalóides ou a bebidas alcoólicas, nas cerimónias religiosas, provocando assim um desdobramento parcial que permite a percepção supranormal.

Os índios da América empregam, para êsse efeito, algumas substâncias vegetais, como a trepadeira *yagé* e o cacto *peyotl*, que mastigam directamente ou com as quais fazem infusões que ingerem nas práticas do culto. Nos santuários antigos, a Pítia, antes de entrar em convulsões sôbre a trípode sagrada, mastigava fôlhas de loureiro que gozam de propriedades hipnóticas, como o Dr. Kerner *(La voyante de Prevorst)*, verificou. Os magos da Pérsia, nas suas cerimónias religiosas, serviam uma bebida alcoólica, o

hôma, feita com ervas pisadas e filtradas; os hindus bebem o *sôma*, um licor fermentado; os derviches fumam haxixe; os scitas embriagam-se com vapores de cânhamo; e na Idade Média recorria-se muito à mandrágora. O catolicismo que herdou do paganismo o ritual sumptuoso, mas desvirtuando-lhe o sentido, ainda hoje emprega o vinho no sacrifício da missa (revivescência dos sacrifícios de vítimas imoladas em honra dos deuses); e os protestantes adoptaram o sumo de uvas em certas cerimónias.

* * *

O problema da natureza da alma atravessa duas fases distintas: primeira, a da *materialidade da alma*, determinada pela observação dos fenómenos espiritistas com carácter objectivo; depois, a da *espiritualidade da alma* atingida por mera especulação metafísica.

É fácil compreender, que os povos primitivos, como os selvagens modernos, chegaram à crença na materialidade da alma pela observação das aparições fantásticas, procurando relacioná-las com os outros fenómenos que melhor e mais fàcilmente podiam observar. Umas vezes as aparições eram tão materializadas que permitiam identificá-las com as almas dos mortos, firmando a crença na sobrevivência; outras vezes, a maior parte, certamente, elas eram a reprodução exacta dum corpo físico, sob uma forma aérea, obscura, como um fumo ligeiro, o que justifica a designação de *sombras* que os antigos davam às almas dos mortos; raramente essas aparições se apresentavam como nebulosas, brancas ou multicôres, luminosas (1), como nuvens subtis, (*Odisséa*, XI, 476), labaredas vivas que falavam (2) e que, dada a impossibilidade de se identificarem com as almas dos mortos, constituiram os deuses (3).

Os chineses distinguem o *huen* e o *ling*, sendo o primeiro pròpriamente o espírito e o outro a substância que o corporiza (4). Os persas chamavam *feruer* ao corpo espiritual.

O *Ká* dos egípcios era o *duplo* do corpo: «era como um segundo exemplar do corpo, numa matéria menos densa que a corporal, uma projecção colorida mas aérea, do indivíduo, que o reproduzia exactamente em tôdas as suas partes». (5) Os gregos chamavam *odolon* ao corpo espiritual que, sendo a reprodução exacta do corpo físico, é constituído por uma substância subtil, de uma rara tenuïdade, que escapa ao tacto. No reino de Plutão, as almas erram sob a forma de sombras ligeiras (6). Quando Ulisses querer estreitar em seus braços a «sombra» de sua mãe, não consegue mas que abraçar o vasio: «Tal é, depois do trespasse, a condição dos mortais; êles não têm mais carne nem osso; tudo é pasto da chama devoradora; desde que o corpo, pálido e gelado, exalou o sôpro da vida, a alma, como um sonho adejante, fugiu para o reino das sombras.» (7) Vergílio descreve uma cena análoga, quando Eneas quere abraçar o fantasma de sua mulher Creusa: «Três vezes ali tentei lançar-lhe os braços ao pescoço, três vezes a imagem, em vão segura, foge das minhas mãos, como as brisas ligeiras e muito semelhante ao leve sono» (8). A sibila de Cumas explica a Eneas que as sombras do Tártaro, sem corpo, arrastam ténues vidas sob ôcas imagens de formas que a sua espada debalde trespassaria (9). Homero e Vergílio consideram a alma como um sôpro que se evola da bôca ou das feridas do moribundo (10). Os romanos costumavam debruçar-se sôbre os parentes ou amigos que se encontravam na agonia, para aspirarem o seu último sôpro de vida (11). Entre os povos da Polinésia é costume tapar a bôca e o nariz aos muribundos, para impedir que a alma se evole com o último suspiro (12).

Para os hebreus, Jeová é um sôpro que «vôa nas asas dos ventos» (13), um fogo devorador que consome os holocaustos e as banhas das vítimas, como consome os filhos de Arão (*Levit.* X-2). «O Senhor teu Deus é um fogo devorante (14). Os Espíritos que descem sôbre os Apóstolos, manifestam-se por um sussurro como o do vento e têm o aspecto de línguas de fogo. (*Actos*, II, 2 e 3). O Alcorão apresenta os gémeos como formados de um «fogo subtil» (XV-27), de «fogo puro sem fumo» (LV-14).

Jeová, para dar vida ao barro de que fez Adão, insuflou-lhe o «sôpro de vida» (*Génese*, II-7; e é o mesmo modo que faz ressuscitar os mortos (*Ezequiel*, XXXVII-9). «A suprema bondade sopra em nós a vida», Dante: *Paraiso*, VII-48).

Os sábios e os filósofos procuram, por sua vez, determinar a natureza da alma. Uns consideravam a alma e o espírito como um todo homogéneo, mas de uma matéria muito subtil; outros, tomando talvez em conta o carácter essencial dos fenómenos subjectivos, negaram a materialidade do espírito, identificando-o todavia, com a alma; outros ainda, distinguindo a alma do espírito, aceitavam a materialidade da alma que assim corporizava o espírito imaterial (15).

Leucipo e Demócrito consideravam a alma constituída por átomos esféricos e lisos que, assemelhando-se aos do fogo (16), eram de todos os mais subtis e penetravam todo o corpo, dando origem aos fenómenos da vida. Lucrécio distingue a alma *(anima)* do espírito *(animus)*, mas considera ambos materiais. Os átomos que constituem o espírito são mais esféricos, mais pequenos e movem-se com maior velocidade. A alma é constituída por três categorias de átomos, sucessivamente mais subtis: de ar, de vapor, de calor, sendo os últimos aqueles cuja natureza mais se aproxima da do espírito. «A alma, escreve Heráclito, (17) é um vapor quente e sêco e o mais sêco é o melhor».

Para Aristóteles, além do espírito *(Vous)*, existe uma alma física, embora subtil, que é a enteléquia do corpo (18). S. Paulo (19) admite que a ressurreição se faz em «corpos celestiais». Orígenes diz que os corpos dos anjos, como os dos demónios, são feitos duma substância vaporosa (20), semelhante ao *ochêma* de Platão e ao *ocheumata* dos neo-platónicos, atribuíndo-lhes uma forma esférica (21). Tertuliano (22) considerava a alma como um sôpro aéreo. S. Basílio (23) pensava de modo análogo. Segundo Guizot (24), os doutores da igreja primitiva eram partidários da materialidade da alma. S.to Hilário escreve: «Não há nada nas substâncias e na criação, quer sôbre a Terra, quer no céu e entre as coisas visíveis, como entre as invisíveis, que não seja corporal, porque é necessário que tudo o que é criado esteja em alguma coisa». *(Canon* V, *in Matth.)*

À idea simplista de um corpo espiritual único, a alma, que por assim dizer corporizava o espírito, sucedeu depois a concepção de vários corpos psíquicos que serviam de transição entre o espírito pròpriamente dito e o corpo físico, os quais se iam subtilizando com a evolução. É assim que os egípcios, além do *Ka*, admitiam a existência de outros corpos espirituais como o *Ku* (o luminoso, que alguns autores identificam com o *Ka)* o *sahu*, o *sriti*, e o *ib*. O espírito era designado pelo nome de *ba* ou *be* e representado simbòlicamente por uma ave. Platão distinguia três espécies de almas: uma alma inferior localizada no ventre, uma alma afectiva que reside no peito e uma alma intelectual *(Vous)* que ilumina o cérebro. Os escolásticos, á semelhança de Aristóteles, consideravam também três espécies de almas: alma vegetativa *(forma corporalis)*, comum a todos os sêres vivos; a sensitiva *(anima sensitiva)* comum aos animais e ao homem, e a intelectual *(anima intellectualis)*, exclusiva do homem e única imortal.

---

(1) Os nomes que alguns povos dão aos deuses são sinónimos de espíritos ou de sombras, como o *Teotl* dos mexicanos e o *Guacas* dos peruanos, etc.; outras vezes significam luminoso, brilhante, como os Devas (de *div:* brilhar) dos hindus.

(2) «Vós não vistes figura alguma no dia em que o Senhor vos falou, em Horeb, do meio do fogo.» *(Deut,* IV-15).

(3) «Desde que se começa a pensar que há no homem um ser inteiramente distinto da máquina e que o entendimento persiste depois da morte, dá-se a êste entendimento um corpo delicado, subtil, aéreo, semelhante ao corpo no qual está alojado. Se a alma do homem não tivesse conservado uma forma semelhante à que possuia durante a vida, não se podia distinguir, depois da morte, a alma de um homem da de outro. Esta alma, esta sombra, que subsistia separada do seu corpo, podia muito bem mostrar-se, voltar a ver os lugares que tinha habitado, visitar os seus parentes, os seus amigos, instruí-los. Não havia impossibilidade alguma em tudo isto.» (Voltaire: *Dictionnaire philosophique).*

(4) Gougenot des Mousseaux: *Les médiateurs et les moyens de la magie,* pág. 307.

(5) Maspero: *Hist. Ancienne des peuples de l'Orient.*

(6) *Panegírico de Messala,* 67-68.

(7) *Odisséa,* XI.

(8) *Eneida,* II, 791-793.

(9) *Eneida,* VI, 292-294.

(10) *Ilíada,* XVI, 505, 556; XXII-362; *Eneida,* II, 561-562.

(11) *Eneida,* IV-684; Cícero: Verr., V-452.

(12) Bertilon: *Les races sauvages.*

(13) II, *Reis,* XXII-11; *Ps.* XVII-11, uma chama que brilha (1) Êxodo, III-2; XIX-18; XXIV-17; *Deuter.,* IV-12, 15; *Actos,* VII-30.

(14) *Levítico,* IX-24; *Juizes,* VI-21; II, *Reis,* XXII-9; *Reis,* XVIII-38; II, *Paralip.,* VII-1; *Ps.,* XVII-9; *Deuter,* IX-3; *Isaías,* XXX-27.

(15) Anaxágoras foi o primeiro filósofo grego a estabelecer a distinção entre matéria e espírito considerando aquela como elemento passivo, e êste a fôrça organizadora e propulsora. (Aristóteles: *Metafísica,* I-3, 984).

(16) Aristóteles: *Da alma,* I-2.

(17) *Fragmentos,* 27, 49, 54.

(18) *Da alma,* II-2.

(19) I Coríntios, XV, 40, 44.

(20) *Dos Princípios,* I, 7.

(21) *Dos Princípios,* II, 3, 8, 11.

(22) *Da Alma,* 56. *Da Carne de Cristo,* VI, 5,

(23) *Do Espírito Santo,* 16.

(24) Guizot, *Histoire de la Civilisation en France,* I-160.

Alguns aspectos da evolução

(Do transformismo)

pelo Dr. António J. Freire

A evolução consiste na transformação contínua das coisas e dos seres, caracterizada por seu aperfeiçoamento progressivo em relação com um fim ou ideal determinado.

A evolução apresenta-se como uma necessidade incoercível à qual é submetido o Universo inteiro. Tudo o que existe evoluciona e ninguém pode subtrair-se a esta lei, mesmo pela morte. O que nós chamamos «nascimento e morte», representa passagens dum a outro estado de evolução.

Drs. A. Auvard et M. Schultz — L'Evoluisme.

A evolução, no seu significado mais geral, constitue um dos princípios científicos mais bem fundamentados. O evolucionismo, ainda que só fôsse baseado nas ciências naturais, desafiaria tôda a refutação. No vértice da evolução, a alma é um princípio consciente e livre. No percurso da sua evolução progressiva, a alma passa por organismos sucessivamente mais aperfeiçoados numa série contínua de encarnações e de desencarnações (palingenesia).

Dr. G. Geley — De l'Inconscient au Conscient.

NA história do pensamento humano há uma coïncidência singular e instrutiva, merecendo particular atenção: o aparecimento quási sumultâneo, em meados do século passado, do transformismo e do espiritismo.

O transformismo, expresso na evolução das espécies, desde a sua orígem, nos diferentes reinos da natureza, envolve, no seu carácter naturalista clássico, sòmente as variações ascendentes ancestrais das formas orgânicas (filogenia); o espiritismo traduz a evolução anímica nos domínios gerais do espírito.

O transformismo e o espiritismo, talvez antagónicos aparentemente dentro da escola positivista, são, no entanto, substancialmente termos complementares, intimamente ligados na correlação indissolúvel que une a *forma* à *vida* no panvitalismo universal. Só pela acção dum dinamismo psíquico, ainda que rudimentar, podem ser preenchidas as lacunas e resolvidas as incógnitas que ainda obscurecem alguns problemas do tranformismo, — quer fisiológicos, desde a própria origem das espécies e da histólise dos insectos, até às transformações bruscas criadoras de novas espécies (mutações de Vries); quer de ordem psicológica, como demonstrou Fabre para os instintos dos insectos; quer, ainda, de ordem filosófica, fazendo o transformismo «*sair o máximo do mínimo, o complexo do elementar*», como justifica o dr. G. Geley na sua obra magistral — *De l'Inconscient au Conscient*. No entanto, pode-se talvez afirmar que a doutrina da evolução e o espiritismo são das conquistas mais luminosas e fecundas que nos legou o século passado, envolvendo, tanto uma como outra, na sua vasta e profunda generalização — ciências, filosofias e religiões.

Ainda que Buffon, Goethe e Lineu tivessem sido os precursores, é a Lamarck, Russell Wallace e Darwin, especialmente o primeiro, que se deve a sistematização da doutrina do transformismo ou da descendência (1).

---

(1) Russel Wallace foi também um dos mais insignes espiritas da primeira hora, em Inglaterra. Uma das suas obras — trad. franc. «*Les Miracles et le Moderne Spiritualisme*» — quer pelo seu valor intrínseco, quer pela elevada categoria científica do autor, muito concorreu para a vulgarização do espiritismo em Inglaterra, chamando a atenção dos homens de ciência para a observação e estudo dos fenómenos anímicos e espíritas, no domínio do supranormal.

R. Wallace foi um dos fundadores, em 1869, da Sociedade Dialéctica de Londres, dedicada exclusivamente à análise e verificação do experimentalismo espirita (trad. franc., «*Rapport, sur le Spiritualisme par le Comité de la Société Dialectique de Londres*»). O rigor científico dos seus relatórios e severo contrôlo nos factos observados, muito concorreram para que o consagrado sábio, William Crookes («*Recherches sur les Phénomènes du Spiritdalisme*», trad. franc.) se dedicasse a esta categoria de estudos (1870-1874), donde surgiu a célebre e clássica materialização de Katie King com larga repercussão em todo o mundo, especialmente nos meios intelectuais inglêses e norte-americanos. Não foram certamente estranhas a estes trabalhos as fundações da Sociedade de Investigações Psíquicas, quer inglêsa, quer norte-americana, onde têm afluído dos maiores sábios, filósofos e literatos contemporâneos. Em muitas dezenas de volumes (*Proceedings*) estão registados, seleccionados e rigorosamente observados milhares de factos anímicos e espiritas, suficientes para imporem o fundamento real e científico do espiritismo, constituindo uma sólida barreira ao materialismo dominante e o triunfo definitivo e irrefutável do espírito sobre a matéria

Darwin e R. Wallace, cujos trabalhos apareceram simultaneamente, baseavam-se apenas na *selecção natural*, na «*struggle for life*», na vitória das espécies mais fortes e vigorosas.

Lamarck tomou como condição essencial *a influência do meio* (mesologia), origem de novas funções de adaptação e de reacção e conseqüentemente a formação de novos órgãos, pois só «a função faz o órgão», e não o órgão a função.

As espécies vivas, partindo dum tronco comum, ramificam-se em géneros, famílias, ordens e classes, variando a sua identidade de orígem devido à acção das causas múltiplas, fixando-se por hereditariedade, a ponto dos progenitores poderem reproduzir uma nova espécie. As formas animais evolucionam, através de gerações sucessivas, de espécie para espécie, de género para género, quer por variações fracas, graduais e sucessivas, acentuando-se de geração para geração, (flutuações), quer por variações bruscas, dum jacto, (mutações).

Três noções dominam a doutrina do transformismo: uma fundamental — *a filogenia* — expressa na genealogia ancestral por hereditariedades sucessivas; duas subsidiárias: *causalidade* e *modalidade*, podendo associar-se as causas darvinianas, mais acentuadamente as lamarquianas, e outras, devidas às modernas investigações dos neo-lamarquistas: Wagner, Gulick, Packard, Le Dantec, Dohrn, etc. Cope dá todo o relêvo ao uso ou não uso dos órgãos e às reacções fisiológicas correlativas às excitações do meio ambiente (*cinetogénese*).

* * *

O estudo do transformismo atinge a sua máxima acuïdade quando trata de explicar a origem do homem, determinando a sua genealogia, tentando ligá-lo numa linha ancestral aos *antropóides e primatas*. Lineu, (1707-1778), no seu — *Systema Naturae* — agrupou com os primatas o seu *Homo sapiens*, embora ocupando o vértice hierárquico da escala zoológica.

Quatrefages, (1810-1890), separou o homem do reino animal, criando um quadro à parte — *o reino hominal*.

Debalde têm procurado os partidários do transformismo encontrar os elos sucessivos da cadeia ancestral, duma forma concreta, sem intermitências ou lacunas, ligando o homem aos antropóides ou a outros símios.

Não está ainda apagado na memória, o sucesso retumbante produzido, em 1894, pela descoberta do médico holandês, dr. E. Dubois, dum fóssil intermediário entre os antropóides e o homem, encontrado em Java — o célebre *antropopitecus*. Facto significativo da época contemporânea: a maior parte da imprensa mundial, pressupondo que estava solucionada com esta descoberta a origem simiana do homem, deu larga publicidade ao aparecimento do *antropopitecus*, como uma vitória decisiva para o materialismo e o ateísmo.

Na abalisada opinião do eminente Prof. R. Perrier, nem o *Antropopitecus*, nem as descobertas mais recentes do *Palaeanthropus* (Bonarelli, 1907), e do *Homo rhodesienses* (1921), resolvem o perturbante e misterioso enigma da origem do homem.

O transformismo pôs, frente a frente, um dos mais complexos e angustiosos problemas que tem agitado o pensamento humano nos seus quadros mais representativos — científico, filosófico e religioso: — *transformismo ou criacionismo ?*

Para a ciência, o criacionismo é um mero conceito místico e teológico, irredutível e antagónico ao princípio evolucionista que domina todos os reinos da natureza, desde o inorgânico ao orgânico. Para os sistemas neo-espiritualistas, tendo no mais alto grau o conceito da Divindade, o criacionismo no seu aspecto humano, comportando um Deus antropomórfico, ilaqueado num geocentrismo mesquinho, com a sua cornucópia de graças e de predestinações, com as suas retaliações e com os seus favoritismos, repugna à sua razão e ao seu sentimento. O transformismo peca por defeito no seu conceito materialista e agnóstico; o criacionismo peca por excesso no seu misticismo super-espiritualista. A solução deve estar, talvez, no meio termo entre os dois sistemas, desde que se saiba conciliar a idea dum Criador com o princípio evolucionista, princípio de que participam tôdas as correntes neo-espiritualistas; princípio fundamental para a compreensão do progresso na multiplicidade dos seus aspectos dentro do seu carácter universalista e cósmico. A evolução,

perante a comprovação da sobrevivência humana e a comunicação entre os habitantes dos dois mundos: astral e terrestre.

Allan Kardec, o inolvidável e sempre venerado patriarca do espiritismo, a quem mais se deve a sua sistematização, dignificação e vulgarização, através da multiplicidade das suas obras, ainda hoje clássicas, clarificando-o da sua confusão e deturpação iniciais, extraindo os seus princípios básicos, fazendo luz nas sombras da sua complexidade fenomenológica, e William Crookes pelo espírito rigorosamente científico que soube imprimir ao estudo do experimentalismo espírita, representam, dentro dum critério de justiça e de verdade, os dois mais luminosos e fecundos marcos miliários na evolução do espiritismo, ideal de resgate e de regeneração espiritual da Humanidade.

na sua máxima amplitude, abrangendo e solidarizando Céus e Terras, Sóis e Planetas, o Universo inteiro, é, talvez, a lei fundamental da Providência de que tôdas as outras são subsidiárias e complementares; razão de ser da Vida, animada e impulsionada pelo Espírito, como seu directo refluxo, para um fim de perfeição inacessível, por emquanto, à nossa razão, transcendendo na sua ascese o tempo e o espaço. A evolução não é uma lei fabricada ou concebida dentro dos mais sábios laboratórios, nem, tão pouco, decretada pelos homens — é a resultante dessa Providência omnisciente e omnipotente que cristalizou fascículos de Luz através dos Universos cósmicos.

Embora o transformismo, adstrito mais particularmente ao reino animal, não tenha o poder expansivo e generalizador da evolução, que o ultrapassa para outros sectores da Natureza, é fora de dúvida que mesmo nos reinos inferiores — mineral e vegetal — o transformismo evolutivo é um facto incontroverso para a ciência, pelo menos, nas suas linhas gerais, atenta a lentidão das suas transformações progressivas.

* * *

Os biologistas da escola de Vialleton não aceitam o transformismo integral, só admitindo as variações pouco profundas nas espécies zoológicas, insuficientes para efectuarem a transição dum género para uma família, menos ainda duma família para uma ordem.

R. Perrier, (cit. de G. Dumas — *Nouveau Traité de Psichologie*, vol. I, ed. Alcan, Paris, 1930) diz: «*Desde o Situriano, a maior parte dos tipos animais mostram-se com os seus caracteres próprios, mesmo para os grupos recentemente aparecidos, como mamíferos e aves; a paleontologia não tem revelado os tipos formais, indiscutíveis, ligando estes grupos a formas mais antigas que seriam os seus ancestros*». Mais adiante diz ainda: «*A doutrina transformista, a-pesar-de ataques e críticas, permanece íntegra no seu princípio evolucionista*».

Ainda que em alguns dos grandes grupos zoológicos o transformismo tenha bases seguras para se afirmar duma forma completa, como sucede nos *equídios;* na verdade, outros grupos existem onde a paleontologia não forneceu até agora os elos de ligação concreta para completar a sua cadeia genealógica, em conseqüência das camadas geológicas não terem fornecido os indispensáveis elementos fósseis de ligação ancestral.

Emquanto a escola de Le Dantec, baseada na *assimilação funcional*, donde resulta a adaptação ao meio e a evolução consecutiva, permanece fiel ao mecanismo puro, outros neo-lamarquistas: Cope, Pauly, Naegeli, etc., compreendendo as lacunas do sistema e as dificuldades de interpretação para os saltos bruscos (*mutações*) de algumas espécies, à face da insuficiência da concepção mecanicista, procuram encontrar um novo *elemento dinâmico* para melhor compreensão do transformismo.

Cope admite uma energia particular de crescimento (*batmismo*), energia transmissível pelas células germinais, constituíndo um *dinamismo vital* que faria compreender como «a função faz o órgão».

Pauly e outros neo-lamarquistas vão mais longe, atribuíndo mesmo aos minerais e vegetais um certo grau de *consciência profunda* donde resultariam tôdas as modificações e adaptações progressivas.

Naegeli é ainda mais categórico, admitindo dois plasmas para os organismos: o nutritivo, não diferenciado, comum a tôdas as espécies; o *idioplasma*, diferenciado e específico para cada espécie. «O idioplasma conteria, além dos *fascículos micelianos* que o caracterizam, *uma tendência evolutiva interna com tôdas as capacidades, tôdas as potencialidades de transformação e de aperfeiçoamento que teriam existido desde a primeira origem da vida, nas primeiras formas viventes*» (cit. de G. Geley — *De l'Inconscient au Conscient*, ed. Alcan, paris 1921).

As concepções de Naegeli são instrutivas, abrindo novo horizontes ao transformismo, deixando antever *um dinamismo psíquico* presidindo e orientando a evolução da Vida através do polimorfismo das suas formas materiais, condicionadas pela selecção natural darviniana e ainda mais profundamente pelas influências mesológicas lamarquianas. Mesmo assim, conjugados, estes factores são, só por si, insuficientes para determinar a evolução das espécies e solucionar alguns problemas inerentes ao transformismo.

Só por um «*milagre natural*» se poderiam compreender as passagens dos grupos zoológicos de meio para meio: da vida aquática para a vida terrestre; da vida terrestre para a vida aérea, como um mero e fortuito resultado de adaptação. O dr. G. Geley é explícito sôbre esta dificuldade (Op. cit. pág.16):

«As espéeies ancestrais, adaptadas a meios muito especiais, não tinham necessidade alguma de mudar de meio e mesmo que sentissem essa necessidade não a poderiam rea-

lizar. O reptil, ancestro da ave, só poderia adaptar-se a um meio que não era o seu meio natural depois da sua passagem da forma réptil para a forma ave. Era indispensável criar asas, mas asas úteis e não rudimentos embrionários, para assim se adaptar e viver no meio aéreo. Um raciocinio idêntico aplica-se naturalmente à passagem do peixe a batráquio. Mas onde a impossibilidade das transformações por adaptação aparece ainda mais evidente é na evolução do insecto. Não existe relação alguma entre a biologia da larva representando, numa certa medida, o estado primitivo do insecto ancestral e a biologia do insecto perfeito. Não se consegue conceber por que séries misteriosas de adaptações, um insecto, habituado à vida larvar, na terra ou nas águas, teria podido chegar progressivamente a criar asas para uma vida aérea que lhe era fechada e mesmo desconhecida. Quando se pensa que estas séries misteriosas de adaptações se teriam realizado, não, uma só vez excepcionalmente, à maneira dum «*milagre natural*», mas tantas vezes quantos são os géneros de insectos alados, tem de abandonar-se tôda a esperança de ligar a aparição das suas espécies aos factores larmaquianos, como rejeitar a idea de atribui-las aos factores darvinianos. Plate compreendeu a impossibilidade destas transformações formidáveis Por adaptação quando escrevia: — «*ainda que um animal pertença a um certo grupo, as possibilidades de variações acham-se restritas, e, em muitos casos, reduzidas a limites muito estreitos*». A origem dos instintos primários e as suas modalidades, — continua o dr. G. Geley — é tão difícil de explicar pelo naturalismo clássico, como a própria origem das espécies. Mais adiante o dr. G. Geley acrescenta: «A aparição espontânea dos seres vivos é uma impossibilidade filosófica. A aparição progressiva dêstes seres não é contraditada pela teoria das mutações. É sòmente o mecanismo hipotético, a suposta génese das transformações que se encontram em oposição formal com os novos factos. Mas a idea evolucionista pura não tem nada a temer das novas descobertas, antes pelo contrário, como me esforçarei por demonstrar mais longe. A aparição espontânea de formas superiores às formas originais é uma manifesta impossibilidade, impossibilidade científica e filosófica. O dilema impõe-se: ou a evolução não existe, ou ela implica uma «*imanência potencial*» no Universo evolucionante. A evolução sendo demonstrada, nós devemos necessàriamente admitir que todas as transformações progressivas complexas realizadas se encontravam «em potência» na forma ou nas formas elementàres primitivas. Os factores clássicos da evolução (selecção e adaptação) seriam apenas factores secundários e acessórios. O estudo profundo do transformismo tem de ser, simultâneamente, científico e filosófico».

Como os ilustres professores: C. Richet, Hans Driesch, F. K. Oesterreich, Schrenck-Notzing, Bergson, William James, A. Rutot, Oliver Lodge, José R. Carracido, F. Botazzi, E. Morselli e tantos outros, que têm tomado uma acção decisiva e fecunda nos Congressos Internacionais de Investigações Psíquicas, defendendo, por vezes, a hipótese espirita, o dr. G. Geley é uma das autoridades de maior relêvo no domínio da metapsíquica contemporânea, sendo clássicas as obras que legou à posteridade (1). Médico distinto, director do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, o dr. G. Geley soube aliar ao método experimental uma luminosa orientação filosófica donde resultou a perfeição da sua obra e o valor dos seus conceitos e lógicas conclusões. A longa transcrição que fizemos é um pálido reflexo de uma das suas melhores obras— «*De l'Inconscient au Conscient*». Muito embora a sua terminologia varie, os seus conceitos sôbre a evolução adaptam-se, no fundo, à concepção evolucionista dos grandes sistemas neo-espiritualistas, baseando a evolução, no seu duplo significado, — a Vida (Espírito, Consciência) e a Forma (Morfologia, Somática) — nos dois princípios subsidiários: o reencarnacionismo (Palingenesia) e o princípio de causalidade (*Karma*).

A luta entre partidários e adversários do transformismo espraia-se numa abundante e rica bibliografia, intervindo no prélio — ciências filosofias e religiões. É um combate sem tréguas entre os dois inimigos irreconciliáveis que já vem de longos séculos: o materialismo científico e as religiões ocidentais. Os progressos científicos que dinamizam actualmente o espiritismo experimental e a metapsíquica, que é, em última análise, uma parte da sua expressão fenomenológica, abstraindo indevidamente no seu estudo e análise a essência filosófica do espiritismo, levam a crer que, num futuro não muito distante, ciências e religiões se hão de reconciliar, tendo por intermediários as correntes neo-espiritualistas. A metapsíquica, à maneira de Sudre, eivada de falsos preconceitos materialistas nas suas conclusões, é um estôrvo para esta reconciliação e para o progresso espiritual da Humanidade. Mas o espiritismo e outras correntes neo-espiritualistas saberão vencer estas e outras dificuldades, resultantes duma série multi-secular de preconceitos científicos e de superstições religiosas e sociais, dentro das suas directrizes experimentais e filosóficas, impondo o valor dinâmico e orientador do Espírito nas suas manifestações reflexas da vida e da forma numa lenta e gradual ascese evolutiva.

* * *

O transformismo fundamenta-se em algumas bases sólidas: *a anatomia comparada* justifica, em certos sectores, alguns dos seus conceitos; *a embriogenia*, sobretudo, através do paralelismo da *ontogénese* com *a filogenia*, dá-lhe um franco apoio. *A paleontologia* — «o arquivo da criação» — através dos estratos geológicos, ainda não revelou todos os seus ricos mananciais fossilíferos à ciência. Muitas surpresas, certamente,

(1) G. Geley — "*Ectoplasmie et clairvoyance*", "*L'être subconscient*", "*Contribution à l'Etude des correspondences croisées*", "*De l'Inconscient au Conscient*", "*Essai de Revue Général et d'Interpretation Synthétique du Spiritisme*", *La Reincarnation, etc.*

pertencem ao futuro. E se admitirmos a hipótese de grandes continentes submergidos por formidáveis cataclismos cíclicos num longínquo passado—*Lemúria e Atlândida*—é fácil compreender o precioso documentário paleontológico e arqueológico que jaz nas profundezas do Pacífico e do Atlântico, cujo conhecimento e análise poderiam solucionar alguns dos problemas da marcha do evolucionismo. Quem sabe mesmo se aí estaria a almejada chave a que se refere Le Dantec, (*La Crise du Transformisme*), ao exclamar: « Uma mutação, que se produz sob os meus olhos, é uma fechadura de que não possuo a chave!»

O transformismo agita grandes e graves problemas de ordem científica, mas o problema mais complexo, fundamental para a Humanidade, é um problema biológico de ordem filosófica: a origem da Vida para por ela se poder deduzir a sua finalidade e marcar as atitudes mais consentâneas ao seu progresso evolutivo. É êste o ponto nevrálgico da biologia transcendente. É para a resolução ideal, se não objectiva, desta angustiante incógnita, que devem convergir as actividades conjugadas de ciências, filosofias e religiões, unidas, disciplinadas, cooperando, sinérgica e lealmente, libertas de preconceitos e de retaliações, a-fim-de tomarem de vencida a formidável barreira do «*ignoramus et ignorabimus*», onde esbarra o pensamento humano.

O êrro capital do transformismo é ter-se ilaqueado dentro dos mesquinhos limites materialistas. Estudou analìticamente, à custa de inauditos esforços, numa minúcia beneditina, patenteando uma profunda erudição científica, «*o patronato das espécies*», analisando, comparando, medindo, pesando, todos os elementos paleontológicos que soube exumar do seio bemdito da terra. Mas, da *Vida-forma*, só examinou o que os seus sentidos físicos podiam apreender objectivamente, precisamente a parte mais grosseira, efémera e transitória — *a forma orgânica e morfológica*. A vida, na sua essência divina na sua natureza hiperfísica e espiritual, ainda que objectivamente real nas suas manifestações supranormais, foi tábua rasa para o transformismo. Examinou, comparou, nas séries intérminas do tempo, as progressivas evoluções das máquinas que actuam nos reinos da Natureza, desde o inorgânico ao orgânico, desde o mineral, já sensível e reflectido no sábio arranjo dos seus eixos de cristalização e na disposição das suas linhas de fôrça dentro da coesão e afinidades, até o homem, ocupando o vértice luminoso na escala da criação, contendo, em potencial, possibilidades divinas; mas — êrro máximo — o transformismo abstraiu do seu estudo o motor e o maquinista das peças desconjuntadas que sujeitou à sua observação.

O transformismo, por emquanto, mecanicista e materialista, só examinou um lado da evolução — *o organismo físico* — mero instrumento e veículo *passivo* da dinamização evolutiva. De facto — e as provas acumulam-se no complexo experimentalismo espirita — não há uma, mas, sim, duas evoluções paralelas, interdependentes, simultâneas, prestando-se mútuo auxílio e cooperação: a do organismo físico e a do organismo anímico.

O dínamo-psiquismo do dr. G. Geley é, em última análise, a essência e razão de ser do organismo anímico. O seu — «*De l'Inconcient au Conscient*» — é, em substância, o desenvolvimento evolutivo do potencial divino contido no espírito que se vai dinamizando, passando, gradual e sucessivamente, do estado virtual a actual, através de múltiplas séries alternantes de encarnações e desencarnações, sem solução de continuïdade, na linha biológica dos seres, determinados pela lei da *necessidade* e da causalidade (Karma) na sua máxima amplitude cósmica, dominando e impulsionando Humanidades e Deuses, para a progressão e expansão dos seus valores espirituais, na ascese para o supremo Criador, infinito e eterno.

Se os cultores da biologia se quizessem dar ao incómodo de compendiarem as obras do dr. G. Geley, «*De l'Inconscient au Conscient*», e do eminente teósofo, dr. C. Jinarajadasa, «*L'Evolution Occulte de l'Humanité*», que de novas claridades encontrariam no domínio das suas investigações científicas e no silêncio das suas meditações filosóficas!

A LUZ E AS APARIÇÕES

A luz exerce acção dissolvente sôbre os fluidos e muitas manifestações há que só às escuras podem ter bom êxito.

Contudo, há casos em que certos espíritos puderam aparecer à luz fosfórea. Outros, desmaterializam-se em plena luz. Sob a irradiação de três bicos de gás, viu-se Katie King fundir-se, pouco a pouco, dissolver-se e desaparecer, como informa Erny, em «O Psiquismo Experimental». *(Léon Denis—«Cristianismo e Espiritismo»)*

LIVRE ARBITRIO E DETERMINISMO

pelo Dr. José Gaita

DESDE antigos tempos que filósofos, teólogos, sociólogos e jornalistas se estafam em conjecturas e controvérsias sôbre a questão de saber se o homem age livremente, se é senhor da sua própria vontade, ou se os seus actos são determinados por causas exteriores que lhe eliminam tôda a liberdade de escolher entre o Bem e o Mal.

É um problema fundamental e de transcendente interêsse para a organização da Justiça criminal, pois, conforme esta é orientada pela idea livre-arbitrista ou pela determinista, assim as sanções são mais ou menos rigorosas. Se o homem pratica o mal porque quere, o sistema repressivo deve ter carácter aflitivo e de castigo, ao passo que, se é levado a essa prática por circunstâncias físico-psíquicas e sociais, não deve ser castigado, mas sim tratado como um doente.

Os partidários do livre arbítrio, partem do princípio que todos os homens são iguais, que todos têm iguais direitos e obrigações e, conseqüentemente, igual responsabilidade. Portanto, na distribuïção da justiça penal, não há que atender ao agente do mal, nem às condições em que é praticado; atende-se apenas ao facto ilícito, sempre igual a si mesmo, seja quem for o indivíduo que o pratique. Desta forma a sanção tem de ser quantitativa e qualitativamente igual e aflitivo.

ao mal causado, um talião de carácter pessoal

A filosofia livre-arbitrista introduzida na ciência criminal teve como conseqüência elevar o sistema repressivo ao mais alto expoente de crueldade e rigorismo, sem conseguir deter o aumento da criminalidade.

Tendo-se verificado que a teoria dos livre-arbitristas não satisfazia as necessidades sociais, generalizou-se à sua volta uma formidável polémica que levou a aplicar ao direito penal o método de observação defendido por Augusto Comte.

Para os corifeus desta corrente, a filosofia do direito penal deve ser construída sôbre a realidade humana e social, quere dizer, deve sair do campo especulativo e utilizar os ensinamentos da antropologia e da sociologia. Afirmam que o homem não é livre. Todos os seus actos são determinados por ciscunstâncias estranhas à sua vontade, por móveis que ignora, mas que vivem nele e fora dêle.

Na repressão dos delitos não há que falar de liberdade de querer. O Estado pune em defesa da sociedade. A pena não é uma sanção da liberdade de querer, mas uma medida de defesa social, porque assim como o Estado se defende dos bacilos, saneando um pântano, tem obrigação de se defender dos criminosos que são agentes de infecção social.

Deve representar apenas o meio necessário para corrigir o delinqüente; não deve ter o carácter de castigo-retribuïção e deverá ser individualizada. Seria monstruoso aplicar uma pena, tendo a certeza de que não era necessária para curar o delinqüente.

Os escritores deterministas, no seu combate contra os defensores do livre arbítrio, foram cair em erros opostos não menos perigosos para a formação dum sistema repressivo em bases seguras para nelas assentar uma justiça criminal perfeita.

O delinqüente passou a ser tratado como um doente e, como tal, a ser rodeado de conforto, a ser alvo de cuidados, de tal forma que a prisão, em vez de aborrecida, tornou-se desejada. E os que dela saíam procuravam cometer novo delito para a ela voltarem. Então, uma terceira

corrente de escritores criou a chamada escola eclética, que procurou conciliar as divergências das duas anteriores, mas nem sequer as conseguiu esbater, nem estabelecer doutrina digna de ser adoptada nas legislações penais.

O problema ainda não encontrou solução, não obstante se notarem progressos na evolução dos sistemas repressivos. Todavia, a incógnita é fácil de encontrar...

O êrro fundamental, tanto dos livre-arbitristas, como dos deterministas, foi o de darem às suas teorias um carácter absoluto, sem tomarem em conta o mundo de relatividades onde se moviam, e a própria condição humana, por essência relativas e inconstantes, e o de as encerrarem nos estreitos limites de um berço e um túmulo.

Por isso, a revelação espirita, demonstrando que a vida do sêr não se confina numa existência única, mas sim, se prolonga sucessivamente através dos renascimentos até atingir a perfeição, achou a chave do problema. Pelas vidas sucessivas, o homem conquista a própria liberdade, liberdade que encontra um justo limite no determinismo das leis universais, eternas e imutáveis que regem os mundos.

Para Allan Kardec, o insigne codificador do espiritismo, a verdade do problema está num justo meio:

Admite o livre arbítrio. «Sem livre arbítrio, o homem seria uma máquina».

Negar o livre arbítrio, é tirar ao homem tôda a iniciativa, tôda a responsabilidade; é tirar-lhe a faculdade de discernimento e fazê-lo descer aos graus inferiores da animalidade.

«A liberdade é a condição necessária da alma humana». Dela deriva a responsabilidade, na qual se firma a dignidade e a moralidade do homem, elementos indispensáveis à constituïção duma Sociedade organizada.

A liberdade de querer e conseqüente responsabilidade são testmunhadas pela consciência. Esta, com tôda a sua autoridade, diz-nos que somos livres. Acusa-nos, se praticamos o mal, e louva-nos se procedemos bem. Podem os outros censurar-nos por um acto que não praticamos; a injustiça magoa-nos, mas a consciência fica tranqüila. A sensação do remorso é uma prova iniludível da liberdade humana. O remorso não existiria, se o livre arbítrio não fôsse uma realidade.

Os psicópatas não sentem êsses rebates de consciência quando praticam o mal, exactamente porque a doença os priva das suas faculdades de escôlha entre os actos bons e os actos maus.

Mas Kardec, defendendo a tese livre-arbitrista no campo da relatividade, reconheceu que a liberdade de querer está limitada por móveis exteriores, por conseqüências naturais de acções passadas, por contingências do meio, onde o espírito encarnado vive e por outras causas pelo espírito aceites no momento da reencarnação.

A teoria de Kardek é aceite pelos espiritistas e, não resta dúvida, que ela satisfaz plenamente a razão esclarecida e a justiça justa.

De facto, aceitar um determinismo absoluto, é admitir a realização fatal de tôdas as predições, conseqüência contrária à natureza psíquica do homem, o qual, embora ignorante do seu futuro, conserva sempre na alma uma ténue luz de esperança.

E afirmar a inteira liberdade do homem na sua vida corporal terrena, é não ter em conta as conseqüências dos actos praticados em existências anteriores e negar que a vida em sociedade o sujeita a contingências de tôda a ordem, morais, económicas, físicas e sociais, que em certo grau lhe limitam o livre exercício das suas faculdades psíquicas.

Não é possível a existência dum acto humano inteiramente livre.

O espírito reencarnado tem sempre uma missão a cumprir ou provação a sofrer, por êle livremente escolhida no momento da reencarnação, e a essa finalidade fica sujeita, essencialmente, tôda a sua existência terrena.

Dentro dêste critério, a teoria espiritista fornece elementos para fudamentar um sistema repressivo que, tendo em conta o direito de defesa da sociedade, estabelecesse sanções equitativas que levassem os delinqüentes a reflectir, a instruir-se, e a regenerar-se.

«A sociedade deve corrigir com amor e não com ódio».

É amor e paz que ensina a moral espirita. Divulguemos a verdade das Leis da Causalidade e dos Renascimentos, e contribuïremos para dissipar as trevas da ignorância e fazer recuar o mal.

Assim a humanidade será mais livre e mais consciente de si mesma. Todos os homens serão solidários, porque a liberdade de cada um ficará ligada à liberdade dos outros. Então, impondo-se cada um a si mesmo a disciplina moral do Espiritismo que livre a sociedade da violência das paixões e dos apetites desenfreados que geram a incerteza e a desordem, não haverá delinqüentes, nem necessidade da existência duma Justiça Penal.

Fenomenologia Metapsíquica

I

pelo Dr. Rodrigo Sanz

(Tradução de I. D. S.)

1. — A Metapsíquica, ou seja o Espiritismo considerado como ciência, compreende o estudo de todos os fenómenos que permitam observar a alma humana, unida ou separada do corpo, ou outras almas que possamos conhecer. São, pois, de sua incumbência, não só os chamados, pròpriamente, *espiritas*, ou que não se explicam senão como obra de alma separada, e os chamados animistas, em que parecem actos autónomos de alma unida, mas também os *hipnóticos*, em que o sujeito obra por vontade de outrem, e as *demências de possessão*, bem como larguíssima série de factos correntes, desde os *sonambúlicos*, oníricos ou de sonho e os chamados de *inspiração*, até os pequenos e triviais, que, no homem, classificamos de *distracções* ou *inconsciência*, e, nos animais e no homem, de actos instintivos.

Como são tantos e tão variados, figuram agrupados em *subjectivos* e *objectivos*, *espontâneos* e *provocados*, de *vidência* e de *mediunidade*, com vidência *de presente*, *de passado* e *de futuro*, e com mediunidade *falante*, *escrevente*, *pictórica*, *curadora*, *telequinésica*, *de materialização*, etc. Ainda não se conseguiu a sua verdadeira classificação integral, por espécies e grupos bem característicos; e as suas divisões mais usuais são comparáveis às que faríamos dos minerais em sólidos, líquidos e gasosos, com subdivisões em metais, pedras e combustíveis, cristalizados, cristalinos e amorfos.

2. — Pelo menos, desde Kardec que se vem assinalando uma divisão fundamental, e que se tem acentuado, desde Richet e Geley. Hoje, é bem recebida e pode-se estabelecer e firmar. Kardec estabelecia fenómenos *intelectuais* e *físicos*; Richet, *criptestésicos* e *telequinésicos*; Geley, *de lucidez*, e *de ectoplasmia*. E, real e verdadeiramente, todos os fenómenos estudados pela Metapsíquica terão de ser, em metagnósicos, ou metaplásmicos, em complexos dum e outro; porque tôda a acção da alma, normal ou supranormal—explicável ou inexplicável em Física, Biologia ou Psicologia clássicas — se reduzirá a estes dois géneros superiores e integrantes: *conhecer* e *fazer*.

Tudo é *fazer*, no sentido de *agere (actuar)*, e o mais simples pensar é *acto* de alma; e tudo é, também, *conhecer*, no sentido de *sapere (saber)*, conhecimento para um fim, visto que no ofício mais manual há *saber*, pois não se sega sem destreza, nem se brita pedra sem arte.

Não há, pois, divisória entre conhecer e fazer; mas há polaridade da acção psíquica em perceber e obrar. Todos entendemos e confessamos que o nosso conhecer consiste em receber qualquer acção exterior que nos inteira de alguma coisa e nos dá elementos, ou, pelo menos, excitação, para, em reacção vital, agir sôbre alguma coisa exterior à alma, ainda que seja o próprio corpo. O conhecer ou perceber é *im-pressão de fora*, e o fazer ou operar é *ex-pressão de dentro* de nós.

3. — Ora bem: conhecimento é, em grego, *gnosis*; e, se lhe antepusermos a preposição *meta*, que significa *mais além de*, teremos a palavra *metagnósis*, para exprimir, com propriedade, tôda a parte ou polaridade percipiente de fenómenos que estão além do alcance dos sentidos e do discurso, fundado nos seus informes.

E poderíamos escolher a voz grega *praxis*, que significa *operação*; e, com a mesma proposição anteposta, teríamos a palavra *metapraxis*, para nomear qualquer outra polaridade de factos que estão para além do poder da nossa actuação consciente sôbre a matéria. Mas, como os fenómenos de operação que estudarmos cientìficamente hão de consistir em efeitos perceptíveis pelos nossos sentidos, — directamente ou através de aparelhos — não haverá inconveniente em preferir a voz componente *plasmia*, que significa *modelação*, *formação*; porque não pode haver efeito *físico* sem influxo sôbre matéria, modificada e manejada, já mecânicamente (levitação, telequinésia, apedrejamentos de espíritos brincalhões), já fisicamente (*raps*, música

sem instrumentos), já *quìmicamente* (extras e escotes, ectoplasmias), já *alquìmicamente*, isto é, com desintegração e reintegração de substâncias, como nos *apports*. Nunca um fenómeno supranormal de fazer, *se fôr observável*, deixa de ser efeito sôbre matéria ou qualidade materiais, nem poderá ser, impròpriamente, chamado *metaplásmico*, visto que não é *ectoplásmico*.

4. — Mas o facto metapsíquico costuma ser composto, ou duplo. Haverá puras metagnosias e puras metapasmias; mas, fundamentalmente, o fenómeno bem observado, oferece ambas as polaridades. Assim, a não rara vidência dum agonizante é metagnosia no sujeito que vê a sua figura e ouve a sua voz, e é metaplasmia na alma desencarnante, que forma e modela a figura ou a voz, no sentido do vidente.

De modo que a divisão prática é trina: factos metagnómicos, metaplásmicos e compostos, ou duplos.

Quanto às subdivisões, parece que o estudo deve ordenar-se pelas condições de crescente anomalidade apreciável do sujeito, em que se observa o fenómeno. Assim, parece que deve começar-se pelas manifestações supranormais no adulto são e vigil; que as sucessivas analogias devem estudar-se na criança no uso da razão, no infante, no surdo-mudo e cego-mudo, no animal doméstico, ou bem observável...; e as sucessivas complexidades no adulto ou na criança adormecidos, em sono natural, sonambúlico, hipnótico e de transe, nos delirantes febris, por possessão, por agonia, nas afecções de dupla ou múltipla personalidade, nas bilocações e demais casos de afrouxamento dos laços de alma e corpo.

5. — Vamos, pois, considerar sòmente alguns grupos de manifestações supranormais de *adultos em vigília*, cuidando muito menos da sua enumeração, que da sua caracterização possível, ou, seja, do *seu conceito*. É o objecto dêste trabalho.

Em tal ordem de fenómenos, entram os menos estudados, por serem diários ou triviais: os *impulsos* e pressentimentos, que todos temos algumas vezes; as simpatias ou antipatias instantâneas e definitivas com outra pessoa; os embelezamentos daquele que medita, contempla, ou, simplesmente, descansa de fadiga física; as recordações súbitas de coisas esquecidas, talvez há muitos anos; os súbitos impulsos de determinação não raciocinada; os *eurekas*, ou súbitas resoluções que achamos numa dificuldade que nos desassossegava;... vinte minudências que todos achamos *estranhas*, mas que não estudamos com sistema e são, a-pesar-de tudo, — se me é permitida a comparação — a *histologia* do estudo metapsíquico, o *celular* dos fenómenos supranormais, pelos quais algum dia deverá começar a sua exposição metódica, como a Biologia começa pela das células.

Mas também entram fenómenos menos comuns, estudados há muito tempo, embora ainda não entendidos. Refiro-me aos de reconhecimento, como de alguma coisa já conhecida, de lugares, coisas ou pessoas que se vêem pela primeira vez. Refiro-me às atitudes excepcionais, de engenho e de índole, que fazem a maravilha do sábio, do santo, ou do herói, ou a monstruosidade do idiota, do feroz ou do pérfido. Refiro-me às inspirações do inventor, do escritor ou orador, do artista ou cientista genial, que mais acertam, quando menos se esforçam, segundo o seu próprio testemunho. Refiro-me às variadíssimas vidências, ou à lucidez em estado vigil, aos desdobramentos voluntários ou involuntários, também vigis ou semi-vigis...

Percorramos alguns grupos desta ordem extensíssima, procurando caracterizá-los e conceituá-los numa respectiva espécie insignificante, ou mais explicável.

6. — Todos conhecemos, não já o dito, mas o caso do *ruím de Roma*... Porque é e como é que, falando do amigo que não vemos há semanas, ou há meses, êle nos aparece, imediatamente? Que, pelo menos, há no caso metagnosia, notícia não sensorial da proximidade do amigo, eis do que não posso duvidar.

Veja-se um caso anotado nos meus papéis, precisamente no dia em que me sucedeu.

«Em 16 de Agôsto de 1916, estava eu em Madrid, de passagem para Pamplona: tinha chegado de Cádiz em 25 à tarde e devia sair na manhã de 27.

«Cêrca das 13,30, como de costume, fui almoçar ao meu restaurante. E ao entrar na sala de jantar, vi, sentado, um comensal meu, homem dos seus quarenta anos, pintor e músico amador, antigo empregado bancário e então estudante da carreira comercial, cujo grau de *Professor* tomaria no mês seguinte. Não nos víamos desde 17 de Julho anterior, quando eu saí para Cádiz.

«Depois de nos cumprimentarmos com efusão disse-me, entre sério e sorridente, que havia um pouco que estava pensando profundamente en

mim e que a minha chegada tão rápida o surpreendera imenso. Várias vezes, emquanto almoçávamos, falou no caso; e tendo saído juntos para o café, segundo o nosso costume, recaíu, de novo, a conversação no assunto e resolvemos tomar nota do caso, por escrito, com suficientes pormenores. Assim o fizemos no Café, em duplicado.

«Quando principiou a comer, lembrou-se de mim; voltou a lembrar-se, quando a refeição estava em meio; e lembrou-se pela terceira vez, na altura em que eu entrei na casa de jantar, que foi o que o deixou suspenso.

«A lembrança nada tinha de inquietação, nem receio: era grata e prazenteira. Não se via motivo especial para isso. Dias antes, comendo com um terceiro comensal nosso, empregado público, tinham falado os dois da minha ausência; mas havia uma semana que estoutro amigo faltava também ao restaurante, por ter ido passar as férias à Corunha. A lembrança não viera por associação com a daqueles dias anteriores: tinha vindo, sem motivo, nem ocasião, absolutamente clara.

«Era memória tranqüila, de confiança e agrado, com cujo *ritornello* se entretinha a sua mente emquanto almoçava sòzinho.

7. — Vamos a um outro caso, anotado um dia após o ocorrido.

«No sábado, 10 de Julho de 1926, no Ferrol, tinha combinado com um bom amigo *estar às 16 horas na sua farmácia*, a-fim-de sairmos juntos, de carruagem, para o campo, a uns dez quilómetros da cidade. Tínhamos combinado na véspera e devíamos fazer a viagem num trem, pesado e forte, que eu conhecia muito bem.

«Eu não tomara nota da combinação; e sucedeu-me que a esqueci por completo no sábado e que às 15,30 me deitei na cama, para repousar um pouco, em virtude do grande calor que fazia.

«Não dormia, mas pensava em certas experiências espiritas que presenciara, quatro dias antes.

«Interrompendo e cortando, de improviso, tôdas as minhas reflexões, lembrei-me da combinação. Tirei o relógio. Eram 16 horas e seis minutos. Saltei da cama, troquei as chinelas por calçado forte, a-fim-de sair, sem demora.

«Nisto, oiço um ruído longínquo de veículo que parecia entrar na minha rua, então mal empedrada. E pensei, acto contínuo: «aquele é o carro».

«Peguei no chapéu e na bengala, sem ver de que veículo se tratava. Mas não tive dúvida, quando vi que parava à porta da casa.

«Segundos depois, bateram no trinco. A criada abriu e conheceu a voz do filho mais velho do meu amigo, a dizer que o carro estava à minha espera... Desci, imediatamente, à rua, subimos para o carro e seguimos para a farmácia, que ficava a uns trezentos metros de distância.

«Ao chegar, olhei para o relógio de parede da farmácia. Eram dezasseis e vinte. Consultei o meu e vi que estava nas dezasseis e quinze. Seguidamente, preguntei ao meu amigo a hora exacta, a que havia mandado o aviso. Entre êle e o filho conseguiram precisar que fôra às dezasseis e *cinco, ou seis*, pelo meu: dentro do minuto em que eu tinha lembrado a combinação».

8. — Apliquemos a êste caso, que é fácil, o cálculo de probabilidade, embora estes cálculos sejam sempre difíceis de delinear: tanto, como de fácil resolução.

Os seus factos substanciais são quatro: a minha lembrança súbita, o meu pensamento repentino: «aquele carro», a coïncidência de um minuto na lembrança com a ordem de ir buscar-me e a coïncidência, também, dum minuto, do meu pensamento, com a entrada ruïdosa do carro na minha rua.

O habitual e ordinário é que uma combinação não lembrada várias vezes antes da sua hora, se esqueça inteiramente. Suponhamos que assim suceda, dez vezes, em nove; e a probabilidade da lembrança súbita será de 1/10.

Àquela hora, poucos veículos costumavam circular na minha rua; mas, emfim, admitamos que aquele ruído distante do veículo pesado provinha de cinco veículos diferentes. Probabilidade de que fôsse do landó: 1/5.

O meu amigo podia simplesmente aguardar-me, ou mandar alguém a avisar-me: probabilidade, 1/2. E suponhamos agora que a sua cortesia de espera fôsse de 25 minutos, entre as 16 e 17 (espera mínima) e as 16,30 (espera máxima). Portanto, probabilidade da sua ordem e a minha lembrança, coïncidindo num minuto: $1/2 \times 1/25 = 1/50$.

Emfim, probabilidade de coïncidir, também, num minuto, a entrada do carro na minha rua com o meu primeiro pensamento: ponhamos 1/10, pois eu podia ter-me fixado ou não no ruído longínquo, e atribuí-lo a cinco veículos diferentes, se me fixasse.

Logo, probabilidade de que, porventura, tenha sucedido todo o caso:

1/10 × 1/5 × 1/50 1/10 = 1/25.000.

Quere dizer que seriam necessárias 25.000 combinações descuidadas por mim, para que o caso se pudesse dar. Mas, o caso é que nem 1.000, nem 100, nem 50 vezes me descudei e lembrei sùbitamente, em tôda a minha vida.

Logo, não posso crer, nem dizer, razoavelmente, que o acontecimento fôsse *casual*. Se não foi casual, foi *causado;* e, então, a causa teve que ser *conhecimento, notícia* qualquer, do acto de ordenar e do acto de executar o envio do carro.

9. — Ensaiemos cálculo similar, no caso do restaurante:

Os factos simples integrantes parecem, também, quatro: lembrança, da minha parte, do meu amigo; lembrança condescendente; lembrança insistente, segunda e terceira vez; e coïncidência, pela terceira vez, com a minha entrada na sala de jantar.

Não parece possível estabelecer o número de atenções (lembranças, imaginações, propósitos do dia) que podem ocorrer a um homem, emquanto almoça sòzinho, à mêsa dum restaurante. Em meia hora (que ali estaria o meu amigo, pois cheguei, quando êle estava na sobremesa), não chegarão a vinte, mas estas 20 podem ser quaisquer 200 ou mais.

A-pesar disso, suponhamos 100. Probabilidade do 1.º facto: 1/100.

A lembrança podia ser cavilosa ou indiferente, assim como foi prazenteira. Ponhamos sòmente essas três classes. Probabilidade: 1/3 por uma vez; mas tendo-se repetido segunda e ter-

O meu amigo podia esperar-me na segunda quinzena de Agôsto, visto eu ter-lhe anunciado, ceira vez, a probabilidade será 1/3 × 1/3 × 1/3 = 1/27 um mês antes, que passaria em Madrid naquela data, a-fim-de seguir para Pamplona, com demora dum dia. Por isso, a probabilidade de nos encontrarmos no restaurante no dia 26 de Agôsto (cheguei na tarde de 25, repito; mas eu, havia dez anos, que tinha o costume, que ainda conservo, de não cear), seria 1/15.

Finalmente, a minha hora de almoçar era às 13,30, com quinze minutos de oscilação, entre uns cinco antes e uns dez depois. Ponhamos, assim, 1/15 por probabilidade do minuto de coïncidência.

Resulta probabilidade integral de 1/100 × 1/27 × 1/15 = 1/607.500.

Logo, de 607.500 vezes que o meu amigo almoçasse no nosso restaurante habitual (o que é impossível), numa só vez se poderia explicar, por acaso, o sucedido. Logo, a questão não se explica por acaso, senão por causa próxima; e não há outra adequada e suficiente, a não ser qualquer metagnose ou conhecimento supranormal do meu amigo de que tencionava, depois da uma hora, ir ao restaurante; de que eu, minutos mais tarde, ia para lá; de que entrava em casa... até me apresentar na sala de jantar, à sua vista.

10. — Ambos os factos pertencem ao grupo de *telepatias*, nome que significa *penas de longe*, que se deu, a princípio, aos mais impressionantes — não os mais comuns — dêstes fenómenos, ou seja aos pressentimentos de desgraça, angústia ou perigo dum ente querido ausente. *Telestesia* seria nome genérico mlhor, porque só significa *sentir de longe*.

Mas, àparte o nome, o conceito que de todos êles devemos formar é de comunicação afectiva directa de mente humana a mente humana, sem informe, nem mediação de algum sentido. E dizemos comunicação *afectiva*, ou sentimental, visto que o fenómeno, quando é de pensamento claro e exprimível, muda de espécie.

Ignoramos o cômo de tal comunicação directa, mas concebemo-la, à semelhança da telegrafia sem fios. A mente comunicante promoverá em qualquer parte do cérebro emissões de ondas como as hertzianas, as quais passarão por milhares de outros cérebros sem os impressinar, por falta de sintonização, mas chegando sempre a alguns que as recebem. Ignora-se qual seja o órgão cerebral emissor e receptor. Há muito que os mestres orientais, e outros, ensinam que êsse órgão é a *glândula pineal*, uma partícula ou proeminência no mais recôndito do encéfalo. Não se sabe ao certo.

Seja como fôr, há no fenómeno quem *conhece* e quem faz, há metagnose e metaplasmia. O fazer será de difícil observação, porque a mente comunicante não deve ter consciência dos seus meios, nem dos seus fins; mas nalgum trabalho ela estará ligada a qualidades materiais, como na emissão das ondas hertzianas. Nada se proporá o sujeito, nem terá consciência do que faz; todavia, algum desejo, alguma dor, contentamento ou júbilo se emitem, indubitavelmente, no acto telepático.

Um dia, na antiga Roma, é relato escrito de velha tradição que as mulheres saíram para as ruas, chorando a desgraça dos seus maridos, filhos ou irmãos, numa batalha longínqua. E o

Bibliografia

NOTRE DAME DES NEIGES, por *Gabriel Gobron*. — Editions Ambriorix. Rethel. 326 pág. 15 francos.

OBRA de cunho acentuadamente regionalista, «Notre Dame des Neiges» sub intitulada «História duma família de padeiros» é constituída por uma série de quadros, em que o estilo incisivo do autor por vezes fulgura em estranhos revérberos. Nessas páginas altivas, nervosas, revolucionárias, paira a alma lorena, livre de peias, sentimental e viril, aventureira e tenaz, profligando as injustiças do mundo como quem tem grande missão e cumprir, através dos séculos e dos milénios.

O editor parisiense, a quem a obra foi apresentada, recusou-se a editá-la. Realmente, o livro não tem definição fácil. Não é romance, nem biografia, nem novela, nem conto. É, emfim, um «caso», exposto com mão de mestre, que sabe empolgar o leitor, em capítulos, como «Douleur sur le monde», que não mais se esquece, tão profundamente humana é a evocação, que ali se faz, da grande guerra, com suas truculências e horrores. É um «caso», o caso dos Gobrons, que nas Ardenas se instalaram e ali formaram honrada dinastia de padeiros, de 1812 até hoje, sempre com o mesmo espírito empreendedor, aferrados ao solo querido da pátria, a-pesar das inclemências da invasão germânica que, durante cêrca de meio século, os manietou.

Gabriel Gobron demonstra, neste livro, que tem garra de estilista e sabe fazer vibrar intensamente as fibras do coração humano, quando defende os inocentes contra a sanha intempestiva dos injustos e orgulhosos. Mas, tão depressa se ergue de espada em riste, em atitudes de mata-moiros, como discreteia àcêrca de seus sonhos de idealista, que no Espiritismo encontrou motivos de luta pelos nobres ideais de fraternidade e de justiça. Gabriel Gobron não é truculento, nem vingativo. É um verdadeiro pensador que obedece, não raro, aos impulsos do seu espírito e sofre por não ver a sociedade modificada, erma de imperfeições, de modo que o homem não continue a ser lôbo do homem.

Eis, porque «Notre Dame des Neïges» é um verdadeiro documento psicológico que o leitor deve registar com interêsse.

Valentim Bresle, que escreveu o prefácio, diz, referindo-se à obra, que «é a expressão transbordante dos repelões sociais de muitas gerações que se manifestam em Gabriel Gobron», acrescentando que o autor reune ali todos os «hereditarismos acumulados, desde as injustiças sofridas, aos sonhos irrealizados». E assim parece, com efeito.

É-nos impossível especificar êste ou aquele capítulo. Basta dizer que todo o livro nos deixou a mais bela das impressões. Todavia, sempre diremos que a abertura e o fêcho do livro são documentos magníficos. Principalmente o fêcho, intitulado «Petit cimetière de village», em que descreve a morte de seu pai, de maneira emocionante.

A Gabriel Gobron, escritor verdadeiramente singular pela forma e escôlha dos assuntos, os nossos parabens. O autor consagrado das «Histórias Lorenas» pode juntar esta obra à dezena que já publicou e ficar certo de que escreveu um bom livro. Isto lhe bastará, para contínuar a trabalhar como sempre, na grande seara das letras.

---

desastre foi uma realidade. Há que pensar que muitas ou algumas daquelas mulheres perceberam o sentimento de despedida ou de dor que, a cada uma, dirigia o seu suposto moribundo ou entristecido...

Da mesma forma, quando me lembrei, sùbitamente, da minha data, era que o ânimo do meu amigo me avisava com a sua energia e intensidade de desejo. E, pelo contrário, quando o meu outro amigo se lembrava de mim, era que eu, sem pensar em fazer coisa alguma, e ainda sem deliberado querer, emitia desejos prazenteiros de o encontrar à hora do almôço, desejos que êle recebia, espontaneamente e de-veras agradecido.

Set/Out/39

Comunicações Supranormais

Pelo coronel Faure da Rosa

I

Primeiras experiências de investigações Psíquicas em Londres

A propriedade do conhecimento supranormal pertence a tôda a criatura humana. Há pessoas, e não são raras, nas quais esta propriedade pode ser solicitada quando se quere. Embora o seu exercício correcto seja de realização aleatória — porque muitos factores de perturbação lhe comprometem os resultados — quando se lhe sabem respeitar as necessidades, torna-se capaz dum estudo progressivo à semelhança das outras faculdades humanas.

A propriedade do conhecimento supranormal existe em tão forte tensão na humanidade que, de todos os lados, se vê borbotar na ocasião de acontecimentos especiais, geralmente graves. Se acontece falar-se, em reüniões, de factos desta natureza, é freqüente que uma ou muitas pessoas tenham um ou muitos casos a relatar, dos quais ou foram «sujets» ou testemunhas (1).

Em 1875, Oliver Lodge, (2) então homem môço, ensinava mecânica na *University College*, de Londres. Entre os alunos mais velhos figurava um rapaz que Lodge notou pela regularidade da freqüência e a inalterável atenção com que o escutava. Informando-se, Lodge veio a saber que o rapaz se chamava Edmond Gurney e se dedicava ao estudo da música, isto é, ao estudo das relações da música com a ciência, àcêrca do qual já escrevera uma obra intitulada «O Poder do Som».

Atraídos por mútua simpatia, Lodge e Gurney encontravam-se repetidas vezes. Gurney preparava, então, um livro que, mais tarde, apareceu com o título de «Fantasmas dos vivos».

Supôs, Lodge, a princípio, que se tratava, apenas, duma colectânea de histórias do outro mundo sem significado maior.

Pretendia, Gurney, nesse livro, que a impressão muito viva sofrida por uma pessoa, tinha o poder de se reflectir e de ser recebida a distância por outra pessoa dotada de sensibilidade adequada; de tal maneira que, quando acontecesse uma tragédia a uma criatura humana, informações dessa tragédia podiam ser transmitidas a um dos seus parentes, ou qualquer outra pessoa interessada que possuisse condições receptivas e estivesse em tranqüilidade. Essa pessoa denominada *percipiente*, seria directamente impressionada por um fluído mental desprendido da vítima da tragédia, que, assim, poderia agir inconscientemente como *agente*. O *percipiente* sentiria, então, uma impressão intensa e poderia, até, ver, ouvir ou sentir o *agente* na sua presença, embora o *agente* estivesse a uma distância tal que excluísse a idéa dum meio normal de comunicação.

Pensava Gurney que dêste modo se poderiam explicar as numerosas lendas de aparições de fantasmas, quer em sonho quer em vigília, e que não havia em tais manifestações mais que simples impressões neutrais ou alucinações, todavia verídicas, correspondentes aos acontecimentos produzidos, simultâneamente, em qualquer parte.

Lodge não se mostrou inclinado a aceitar aquela teoria que teve na conta de superstição sem nenhuma base; mas, ao mesmo tempo, sentia-se impressionado com a seriedade e a enérgica convicção de Edmond Gurney.

Nessa ocasião, Gurney apresentou a Lodge um outro antigo aluno de Cambridge: Frederic Myers, o qual lhe disse que era colaborador de Gurney e que estudava a questão quási sob o mesmo ponto de vista.

Nessa época, ambos êles — Gurney e Myers

---

(1) — **Dr. E. Osty** — Rev. Metapsychique, n.º 5 de 1933

(2) — **Oliver Lodge** — Souvenirs

— e o professor Barrtt, de Dublin, faziam experiências de transmissão de pensamento, de tempos a tempos, em pessoas particularmente sensitivas. Barrett ficou tão impressionado com o resultado das experiências que, em 1876, apresentou uma comunicação na *Bristitsh Association*, reünida em Congresso, então, em Glasgow. Barrett foi ouvido com desdém pelos membros do Congresso e a comunicação nem sequer foi mencionada no relatório anual da *British Association*.

Com a cooperação de Henry Sidgwick, da Universidade de Cambridge — outro professor que, pelos seus trabalhos, ninguém podia acusar de imaginativo — Gurney, Myers e Barrett fundaram uma sociedade, em 1882, a que deram o nome de «Sociedade de Investigações Psíquicas».

Em 1883 apareceu em Liverpool um tal Iving Bishop que atraíu a atenção do público com a exibição do que êle chamava «experiências de transmissão de pensamento». A principal experiência consistia em escolher um dos assistentes e dizer-lhe que escondesse um alfinete em qualquer parte da sala, sem êle, Bishop, ver; depois do que pedia ao mesmo assistente que pensasse no lugar em que tinha colocado o alfinete. Então, Bishop pegava-lhe na mão; e, sem que o assistente o guiasse, conscientemente, conduzia-o ao local em que o alfinete fôra escondido.

Muitas variantes destas experiências se fizeram; mas Myers, Barrett e Gurney não se deixaram impressionar com a discrição dos jornais. Para êles tratava-se, apenas, dum caso de sensibilidade muscular: o percipiente, em contacto com o agente, seria guiado pelas suas contracções musculares inconscientes, indicativas da direcção do objecto, não havendo, portanto, nenhuma transmissão de pensamento. Bishop afirmava o contrário: era o percipiente quem, involuntàriamente, conduzia o agente ao esconderijo.

Estas experiências foram muito faladas e numerosas pessoas procuraram saber se alguma coisa de sério ali haveria. Entre outros, alguns empregados da firma Georges Henry Lee & C.° de Liverpool, tentaram experiências idênticas.

Salientaram-se duas raparigas especialmente susceptíveis de obterem bons resultados. O chefe da firma, Malcolm Guthrie, informado do que se passava, contou o caso à Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, que lhe aconselhou a realização de novas experiências de transmissão de pensamento, as quais vêm relatadas no volume I das Experimentações da S. P. R., de Londres.

Guthrie, entusiasmado com os resultados, dirigiu-se à Universidade, pois desejava que autoridades científicas examinassem os factos. O Dr. Herdman, biologista, e Lodge, físico, aceitaram o convite e organizaram uma série de experiências, onde se tomaram tôdas as precauções.

Lodge convenceu-se, gradualmente, de que a faculdade de transmissão de pensamento, a que Myers dera o nome de *telepatia*, era realmente uma faculdade possuída por certos indivíduos e que as informações, assim, alcançadas, eram independentes de qualquer indicação sensória: a velha hipótese de Edmond Gurney acêrca dos fantasmas dos vivos, estava, pois, plenamente justificada.

Verificada, assim, a realidade de telepatia, Frederico Myers argumentava que, se uma inteligência podia actuar noutra inteligência sem intervenção dos sentidos ou de quaisquer outros órgãos do corpo, a possibilidade da sobrevivência, sem aqueles órgãos, tornava-se possibilidade. Se o espírito podia agir sem se servir do corpo — raciocinava Myers — igualmente poderia sobreviver sem o mesmo corpo; portanto, a independência da alma e do corpo era uma hipótese muito plausível. Lodge foi mais longe: desde que entre os viventes na Terra a telepatia estava provada, entre os viventes no Além, os chamados «mortos», também era possível.

«A alma é um laboratório sempre em actividade onde a matéria prima fornecida pelos sentidos é transformada em sensações, em imagens, em ideas. (1)

E como se opera essa maravilhosa síntese?... É êsse o grande mistério.

«Os físicos contemporâneos dizem-nos que a matéria se reduz, em última análise, a corpúsculos, a electrões, a centros de fôrças, duma tal subtileza de estrutura, que, ao pé dêles, o átomo é já um sistema solar em miniatura. Como é que êsses elementos ínfimos, essas formas imponderáveis da energia, depois de terem forçado a porta dos nossos sentidos, de terem caminhado ao longo dos nossos nervos, se transformam em estados de alma?...

«Como é que êles criam o panorama da nossa vida interior? Por que processo, não menos miraculoso, êsses mesmos estados de alma tornam pelo caminho percorrido ao longo dos filetes

(1) — **Edmond Wietrich** — «Manifeste du Spiritualisme rimental».—«Le Mystère du Sixième Sens».

nervosos e vão exteriorizar-se no espaço e aí instalar os múltiplos aspectos da nossa contemplação, o cadeidoscópio do mundo exterior?...

«É êste o grande segrêdo, tão grande que se nós o possuíssemos tornar-nos-iamos senhores da criação. É mais do que o segrêdo dos deuses, porque é segredo de Deus, isto é, do Espírito...

«O que dora avante fará a fôrça probatória do espiritualismo é que, com a metapsíquica, êle tornou-se experimental».

A palavra *metapsíquica*, criada por Charles Richet, designa, etimològicamente, a existência do domínio da sensação e do pensamento estendendo-se para além do limite do psiquismo ordinário, palavra que os alemães substituíram por estoutra: *parapsicologia*, que significa exactamente o mesmo.

«A metapsíquica é uma ciência no sentido rigoroso do vocábulo, isto é, um método de trabalho baseado na observação e na experimentação e cujo fim é descobrir o determinismo dos fenómenos psíquicos com o auxílio das respectivas reacções bio-físicas e da sua equivalência mecânica. Noutros termos mais simples: esta ciência tem por fim evidenciar o homem invisível com o auxílio de factos positivos ainda mal definidos e que, precisamente, tem por missão elucidar.

«A metapsíquica já nos deu esta revelação sensacional: *há em nós uma actividade supranormal que se exerce num plano transcendente e escapa às categorias do nosso entendimento, plano independente do nosso sistema sensório-motor e do tempo e do espaço, ou que age, pelo menos, numa outra economia do tempo e do espaço.* (1)

A metapsíquica fez a prova da acção imensa do psiquismo humano sôbre o corpo, isto é, do Espírito sôbre a matéria, prova tão exuberante que levou o Dr. Osty a escrever: «Se se soubesse aproveitar o estado especial de certas pessoas produtoras de fenómenos psíquicos supranormais, talvez se conseguisse, às vezes, imprimir ao organismo doente a actividade precisa para o pronto regresso à saúde...»

Não obstante, uma grande parte, senão a maior parte, dos «sábios oficiais» continua a negar a influência do espírito sôbre a matéria, unicamente porque tem havido, e certamente há, fraudadores.

Como se noutros ramos do saber humano não tivesse havido sempre, não haja sempre, embustes, fraudes e charlatãis.

Quer se trate de telepatia, clarividência, premonição, quer de qualquer outra das múltiplas formas da mediunidade, o desejo de comunicar não é igual em todos os homens. Tanto *cá* como *lá*, a maior parte, uma vez verificado que a sua preciosa personalidade está abrigada, cai na indiferença acêrca do destino daqueles que ficaram atrás de si. Nem doutra maneira podia ser, sabido que o fenómeno da morte em nada modifica as qualidades dos que partem para o Além.

A experiência parece demonstrar-nos que o conseguimento de comunicações nem sempre depende da nossa vontade, visto as faculdades objectivas e subjectivas variaram extremamente de indivíduo para indivíduo. Acontece até que aqueles a quem mais desejamos conhecer e verificar a identidade, são, precisamente, os que têm dificuldade em fornecer-nos provas convincentes.

O êxito das experiências depende, em grande parte, do ambiente criado pelos próprios experimentadores, cujas radiações devem ser harmónicas entre si, com as dos médiuns e com as dos Espíritos. A protecção duma entidade elevada é indispensável para obter bons fenómenos intelectuais e até para dirigir e manter os espíritos produtores de fenómenos físicos que, geralmente, pertencem a ordem inferior, de contrário as sessões ficam entregues a influências más, contraditórias, às vezes abundantes em mistificções (2).

O Dr. Osty entende que só são de aceitar os factos em que os «sujets» revelem da vida duma pessoa, há mais ou menos tempo morta, aquilo que nenhum vidente possa saber de memória ou conhecer pela percepção sensorial normal, onde quer que esteja no momento da experiência, e assinala que são extremamente raros os factos desta espécie concretamente certificados.

É de estranhar que não se esclareça o modo de *concretamente certificar* factos desconhecidos de todo o vidente revelados por um médium. Como se comprovam tais factos? Quem pode garantir-lhes a exactidão?

Os metapsiquistas pretendem que as informações obtidas pelos sensitivos são adquiridas não na personalidade dos mortos — que, assim, sobreviveriam integralmente — ma sem alguns resíduos informes que restem da personalidade desaparecida e que — segundo êles — estão destinados a desaparecerem também. Por outras palavras: os metapsiquistas entendem que em *qualquer parte* e sob *qualquer forma* subsiste a me-

(1) — Michel Sage
(2) — Léon Dénis

Por êsse mundo...

— Segundo um telegrama de Estocolmo, publicado em *Constância*, de Buenos Aires, o astrónomo sueco Gustavo Stroomberg, do observatório americano de Mount Wilson, declarou que vai publicar uma obra, em que provará, cientìficamente, a imortalidade da alma, e afirmou que o prof. Einstein, que leu o manuscrito, aprovou a tese ali desenvolvida e os argumentos expostos.

— O sr. G. Huth publicou um artigo na revista alemã *Das Neue Licht* a respeito da rematerialização de substâncias queimadas, obtidas no grupo a que pertence. A dar crédito à notícia, ter-se-iam conseguido rematerializar cêrca de cinqüenta páginas queimadas. A restauração foi completa e sem margens crestadas. Contudo, nalgumas experiências o êxito não foi completo, pois as páginas apresentavam os bordos queimados.

— Em Pôrto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, está a construir-se o maior hospital espirita do mundo. Tem a superfície de cinco hectares e possue cem salas para alienados e outros doentes. Tôda a cidade e o próprio interventor federal estão interessados nesta obra grandiosa.

— A «Hora Espirita Radiofónica», que no Rio de Janeiro é difundida semanalmente e concitou ataques cerrados dos médicos alópatas brasileiros, a ponto de enviarem representações ao govêrno da nação contra a «praga do espiritismo pela rádio», continua a dar que falar. Assim, para escarmento de seus opositores, a «Hora Espirita» vai ser ampliada com a distribuïção de folhetos mensais, contendo todo o programa das irrradiações.

— O grande escritor espirita Ernesto Bozzano foi presenteado com uma medalha de ouro e um album cheio de assinaturas, oferecido pelos Drs. Boni e Quarantorsi.

— O eminente físico inglês e espirita da vanguarda Sir Oliver Lodge, fez há pouco 88 anos e continua a pensar e a escrever, demonstrando que o Espiritismo, em vez de enlouquecer, conserva...

— Reorganizou-se em Paris a Sociedade de Estudos Psíquicos, cuja direcção ficou assim constituída: Andry-Bourgeois, engenheiro de minas e da Escola Superior de Electricidade; Dominicq, Tournassat e a senhora Cheret. As experiências foram confiadas ao engenheiro Gressac.

— Desencarnou o general José Peter, notável propagandista espirita alemão.

— Num cemitério de Caracas (Venezuela) encontra-se êste curioso epitáfio:

«Cristina — Dormes o sono eterno, querida filha... Mas, ao recordar-te, lembra-nos que a tua alma foi o raio de sol com que Deus acendeu em nós a esperança. Quiseste retomar o caminho do Céu. Lembra-te, pois, que, ao partir, *disseste que depressa reencarnarias*. Não nos esqueças, a nós, que te choramos e te *esperamos*».

— O Dr. Inácio Ferreira, que tem desenvolvido enorme actividade na imprensa, em defesa do Espiritismo, quer dirigindo-se aos seus colegas médicos, quer aos cientistas e a todas as pessoas de boa vontade, acaba de ser nomeado Director do Sanatório Espirita de Uberara, onde desempenhava, há cêrca de quatro anos, o cargo de Director médico.

— Segundo informa Luiz Enrich, em *Constância*, de Buenos Aires, o actual presidente dos Estados Unidos da América do Norte, sr. Roosevelt, aprecia muito os seus conselheiros ocultistas. Um dêles é membro do «trust» dos cérebros. É professor de matemática e possue grandes faculdades de clarividência.

— Aos amigos esperantistas que se interessem pelo assunto, damos a notícia de que a Federação Espirita Brasileira acaba de lançar uma *edição de algibeira* do Novo Testamento, ao preço de 5$00.

— Numa revista alemã, o sr. Cecílly Merames escreve o seguinte, a-propósito da «ressurreição da carne» e para demonstrar que a Alemanha não admite a reencarnação: — Sendo o alemão de raça superior, há de reencarnar em russo, tcheco ou judeu?»

— Os famosos editores londrinos G. Bell & Sons resolveram publicar os relatos da Sociedade inglêsa de Investigações Psíquicas, intitulados «Proceedings» (Actas), riquíssima colecção de mais de 200 volumes de factos psíquicos e espíritas, verificadas sob o mais rigoroso contrôlo.

---

mória das vidas individuais. Ainda assim, não ficamos mais adiantados acêrca do modo de *certificar concretamente* factos desconhecidos de todos os viventes, por um dêles revelado: o médium.

Também é para estranhar que cientistas de tanta responsabilidade como era o Dr. Osty, se satisfaçam com as expressões vagas «qualquer parte» e «qualquer forma», para explicar a proveniência das comunicações supranormais, e isto, simplesmente para arredar a hipótese da imortalidade da alma e da sobrevivência da personalidade.

Espiritismo Experimental

pelo dr. Pedro Dias de Sousa

EM Espiritismo, a experiência está, como qualquer outra, subordinada a métodos e condicionada a leis.

É evidente que não basta acreditarmos no Espiritismo para nos podermos lançar, às cegas, na sua parte experimental. E da mesma forma que somos unânimes em reconhecer que não é possível conseguir resultados satisfatórios quando fazemos manipulações químicas ou experiências de física alheios às regras próprias de cada uma, desrespeitando as dosagens, a temperatura, a pressão, etc., também devemos convir, sem dificuldade, que as fôrças e as inteligências que em Espiritismo experimental são causa dos fenómenos, não podem agir, na produção deles, fora de todo e qualquer método e disciplina.

Querer investigar, seja em que campo fôr, sem conhecer, prèviamente, a origem e a marcha dos acontecimentos, é um êrro cuja gravidade não é necessário encarecer. Nesse êrro, porém, e com uma frequência impressionante, caiem muitos daqueles que, em Espiritismo, se dedicam também à sua parte experimental.

Felizmente, velam os Mensageiros do Alto que, quási sempre, conseguem conjurar os perigos a que a imprudência dêsses experimentadores os sujeita; mas o que não podem, à míngua de condições favoráveis, é evitar que a experimentação traga o cunho da banalidade e seja, portanto, sem interêsse, nem resultados para ninguém.

A grande maioria das sessões de efeitos incompletos, deficientes ou nulos, deve o seu menor ou maior insucesso à falta de observância, total ou parcial, contínua ou intermitente, das condições em que os fenómenos se devem produzir.

O primeiro preceito a observar para se poder fazer Espiritismo experimental, é o de o experimentador *se instruir*, tão completamente quanto possível, acêrca dos fenómenos que pretende obter, e erradamente procederá quem menosprezar esta indicação.

Diz Allan Kardec na Introdução ao «Livro dos Médiuns»: «A prática do Espiritismo é cercada de muitas dificuldades e nem sempre está isenta de inconvenientes que só um estudo sério e completo pode conjurar».

A seguir, como condição segunda para uma boa experimentação, vem o *método* na orientação da fenomenologia, ou seja a adopção dum critério uniforme para a pesquisa de cada espécie de fenómenos, e compreende-se, também sem esfôrço, que do preenchimento desta condição dependam os resultados.

Finalmente, a *elevação moral*, a *disciplina* e a *boa-fé* dos experimentadores, constituem as restantes cláusulas impostas a quem, honestamente, deseje fazer Espiritismo prático.

* * *

Entre nós, salvo, talvez, nalgum Grupo Familiar orientado por espiritas competentes e composto por pessoas sinceramente desejosas de progredir espiritualmente e que compreendem a doutrina no seu verdadeiro significado e finalidade, tem-se vivido quási inteiramente à margem de todas as condições que vimos de apontar.

É porisso, sem dúvida, que os resultados das sessões são nulos ou quási nulos, sendo certo, também, que dos poucos fenómenos que ainda se observam aqui e além, mais de noventa por cento não resiste ao mais benévolo contrôlo, uns denunciando puro animismo, outros por serem fraudulentamente provocados.

Ainda se está a tempo de arripiar caminho e de acabar, duma vez para sempre, com a desordem que tem lavrado, até aqui, nas sessões experimentais pelo que respeita à maneira como são organizadas e conduzidas, imprimindo-lhes um carácter sério e subordinando-as àquele mínimo de condições que foram apontadas.

Não oculto as dificuldades que terá de vencer quem se proponha meter ombros a semelhante emprêsa, e estou certo de que a anteporem-se aos seus louváveis desejos de disciplina e progresso, encontrará muita ignorância, muita inconsciência, muitos vícios inveterados e, não raras vezes, algumas más vontades.

Será com desconfiança dificilmente ocultada que os habituais assistentes verão transformações que o experimentador consciente pretende introduzir na organização e funcionamento dos trabalhos e, possuídos dum evidente «ciume» por

tudo a que estão afeitos e se procura transformar, movem-lhe uma guerra surda, mas de todos os dias, considerando, ingénua e inconscientemente que o verdadeiro Espiritismo é *aquilo* que costumam *servir-lhes* nas sessões, suficientemente espectaculosas, a que assistem.

Não transija nem desanime o experimentador devotado e consciencioso, porque o decorrer do tempo virá demonstrar de que lado está a razão, e aqueles que se opunham ou viam sem simpatia os seus processos renovadores, reconhecerão, finalmente, que êles são os mais uteis ao bem e progresso do Ideal.

Persevere o experimentador devotado e consciencioso, substitua a *quantidade* pela *qualidade*, trabalhando apenas com quem esteja, efectivamente, disposto a considerar o Espiritismo mais alguma coisa que uma distracção; com quem queira *dar muito* e *receber pouco*, ao envés do que actualmente sucede, e verá que, em breve, os resultados o compensarão de todos os esforços e conseiras.

São de Léon Dénis as seguintes palavras: «Os que sabem perseverar, cêdo ou tarde, encontram os sólidos e demonstrativos elementos em que se firmará uma convicção inabalável». E nós acrescentaremos: perseverar com ordem, com método, com disciplina e a alma erguida para o Alto em ânsias de perfeição espiritual.

* * *

Pondo de parte, por inconscientes, tôdas as opiniões que pretendem ser o experimentalismo espirita, em tôdas as circunstâncias, um perigo para os experimentadores, e admitindo, sem reservas, que os fenómenos se produzem sempre dentro do plano superior das leis divinas, surge a questão de saber se as sessões organizadas para a sua obtenção devem realizar-se com numerosa ou com reduzida assistência.

Só quem desconheça, por completo, os mais elementares princípios sôbre que assenta a experimentação espirita, pode hesitar na resposta.

Salvo casos *muito raros* de médiuns excepcionalmente preparados e desenvolvidos, a presença de um elevado número de pessoas é prejudicial à produção e boa marcha dos fenómenos.

Aconselhamos para isso, a organização de Grupos Familiares, porque «é facto, aliás provado pela experiência, que os pequenos círculos íntimos são sempre mais favoráveis às boas comunicações».

Esta opinião de Allan Kardec é inteiramente perfilhada e desenvolvida por Léon Dénis no seu livro «No Invisível». Ouçamos a sua voz autorizada: «Os grupos pouco numerosos e de composição homogénea são os que reunem as as maiores probabilidades de sucesso. Se já é difícil harmonizar as vibrações de cinco ou seis pessoas entre si e com os fluidos do espírito, é evidente, *à fortiori*, que as dificuldades aumentam com o número dos assistentes. É prudente não exceder o limite de dez a doze pessoas, de um e outro sexo, quanto possível sempre as mesmas sôbretudo no comêço das experiências». (1)

* * *

Aceita a indicação de que é difícil harmonizar as vibrações de muitas pessoas com os fluidos das entidades espirituais, e atenta a necessidade de que essa harmonia se estabeleça o mais íntima e ràpidamente possível, permitimo-nos fazer uma rectificação que, aliás, pouco altera a opinião dos autores atrás citados.

Em nosso entender, as sessões, de princípio, não devem comportar menos de três nem mais de sete pessoas. À medida, porém, que elas se vão habituando a uma perfeita concentração e em que, portanto, as suas vibrações psíquicas se tornam cada vez mais harmónicas entre si e os fluidos dos espíritos, e os laços de mútua simpatia mais se estreitam e robustecem, êsse número poderá ser aumentado, *gradualmente*, até ao máximo indicado, mas sem que, evidentemente, seja forçoso atingi-lo.

As sessões muito numerosas, sôbre tudo aquelas a que é hábito chamar-se *sessões públicas*, devem ser banidas por completo, porque os resultados ali obtidos só *excepcionalmente* passam da banalidade, embora num exame superficial possam parecer muito bons.

Dê-se o experimentador inteligente ao trabalho de analisar, com cuidado, certas comunicações, escritas ou faladas, que são transmitidas nessas sessões, e verá que não passam, a esmagadora maioria das vezes, de palavras alinhadas com mais ou menos elegância, mas sempre as mesmas, traduzindo sem brilho nem originalidade, ideas que são verdadeiros «lugares comuns» e que qualquer pessoa medianamente instruída seria capaz de reproduzir sem dificuldade.

São, afinal, como refere Léon Dénis, «comu-

---

(1) Não nos deixemos iludir pela expressão «sobretudo no comêço das experiências», que deve ser ligada, não com a frase que se refere ao número máximo de assistentes, mas sim com a recomendação de serem «quanto possivel sempre as mesmas as pessoas de um e outro sexo». Nem outra interpretação seia razoável.

nicações destituídas de interêsse científico e constando de repisadas exortações morais».

Faltando nessas reuniões muito numerosas, como não pode deixar de faltar, a indispensável homogeneidade de pensamentos, sincero desejo de progresso espiritual e um grande e profundo amor ao Bem e à Verdade, não é de admirar que os resultados sejam deficientes, cheios de incoerências e mistificações.

Se a estes defeitos juntarmos a falta de preparação, a frivolidade, a incredulidade hóstil e a má-fé por parte de alguns assistentes, teremos o somatório dos escolhos que encontra o experimentador que não tem o cuidado de seleccionar e limitar a assistência nos trabalhos que dirige.

Nem sequer sob o ponto de vista da propaganda do Espiritismo as chamadas sessões públicas são defensáveis. Aparte a circunstância, quási certa, de os resultados serem insignificantes ou nulos, o incrédulo sai dali tão incrédulo como tinha entrado, pois, se teve a sorte de presenciar trabalhos regulares, atribue-os a fraude do médium ou do director da sessão; se, pelo contrário, apenas ouviu as «repisadas exortações morais», fica a fazer bem fraco juízo do que é o Espiritismo e desinteressa-se, definitivamente.

* * *

Temos, portanto, que a experimentação se deve fazer, especialmente, em grupos pouco numerosos, nos chamados Grupos Familiares, e que só *excepcionalmente*, quando se disponha de médiuns dotados de superiores qualidades, as sessões poderão ser efectuadas com maior número de assistentes, mas ainda assim nunca deverão ser *públicas* nem ter o carácter de regularidade.

De acôrdo com o que fica exposto, e apoiado nas opiniões dos Mestres, o Centro Espiritualista «LUZ e AMOR» vai procurar abrir, entre nós, uma nova era nas sessões de Espiritismo experimental, estimulando a criação de Grupos Familiares, aos quais dará a indispensável assistência técnica, imprimindo às sessões o carácter de seriedade e elevação necessárias à consecução de resultados que prestigiem a Doutrina e imponham o Ideal Espirita ao respeito e consideração de todos.

AS MANIFESTAÇÕES DA CONSCIÊNCIA

pelo DR. ALEXIS CARREL

É o carácter do meio psicológico que, em grande parte, determina o número, a qualidade e a intensidade das manifestações da consciência de cada indivíduo. Se êsse meio é demasiado pobre, a inteligência e o senso moral não se desenvolvem. Se é mau, essas actividades tornam-se viciosas. Estamos imersos no meio social, tal como as células do corpo no meio interior. Como elas, não podemos furtar-nos à influência do que nos rodeia. O corpo protege-se melhor do mundo cósmico, do que a consciência se protege do mundo psicológico. Aquele, defende-se das incursões dos agentes físicos e químicos, graças à pele e à mucosa intestinal; a consciência, pelo contrário, tem fronteiras completamente abertas e está exposta a tôdas as incursõs intelectuais e espirituais do meio social. Segundo a natureza dessas incursões, desenvolver-se-à, normal ou defeituosamente.

A inteligência de cada um depende, em grande parte, da educação recebida, do meio em que vive, da sua disciplina interior e das ideas correntes na época e no grupo de que faz parte. Forma-se pelo estudo metódico das humanidades e das ciências, pelos hábitos lógicos do pensamento, pelo emprêgo da linguagem matemática. Os professores primários e universitários, as bibliotecas e os laboratórios, os livros e as revistas, bastam ao desenvolvimento do espírito. Mesmo, na falta de professores, os livros podem bastar: é possível viver num meio social pouco inteligente e possuir uma elevada cultura. A formação do espírito é, em suma, fácil. O mesmo não acontece com a formação das actividades morais, estéticas e religiosas; a influência do meio sôbre estes aspectos da consciência, é muito mais subtil. Não é assistindo a um curso, que se aprende a distinguir o bem do mal, o feio do belo. A moral, a arte e a religião não se ensinam como a gramática, a matemática e a história. Compreender e sentir, são duas coisas profundamente diferentes. O ensino formal nunca atinge, senão a inteligência. Não é possível aprender o significado da moral, da arte e da mística, senão nos meios em que estas coisas estão presentes e fazem parte da vida cotodiana de cada um.

(De «*O Homem, Êsse Desconhecido*»)

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A acção social do espiritismo

A Associação Espirita «Obreiros do Bem», do Rio de Janeiro, conta, apenas, seis anos de existência. O seu fim é a criação e manutenção de um hospital espirita, para doentes, em geral, e psicópatas, em particular. Em 1937, tinha 943 sócios. Actualmente, tem 1.600.

Desde 1935 que mantém, permanentemente, um ambulatório médico, com três consultórios devidamente instalados, onde se atendem, não só os sócios da colectividade, como tôdas as pessoas doentes que queiram utilizar-se daqueles serviços.

Há pouco, inaugurou um gabinete odontológico.

Nos consultórios e no gabinete prestam serviço gratuito seis médicos (um homeópata) e dois cirurgiões dentistas.

Em 1937, atenderam-se 1.028 doentes. No primeiro semestre de 1939, 2.859.

Além disto, a Associação mantém um pôsto de distribuïção gratuita de medicamentos. Em 1937, distribuiu 436 medicamentos e 1.228 no primeiro semestre de 1939.

Há pouco, o grande benemérito e nosso consócio Agostinho Pereira de Sousa doou-lhe um prédio magnífico, à rua Alexandrina, 181, onde se instalará provisòriamente, o Hospital Esprita.

É caso para dizer que o homem põe e Deus dispõe.

Agora, esta associação deu começo à nova campanha pró Hospital Espirita, cheia de esperança no futuro. E verá os seus trabalhos coroados de êxito. Por que é justo e é humano.

Esforçados pioneiros da «Obreiros do Bem»! Que Deus vos proteja, permitindo a realização dessa obra filantrópica, que tanto honra a doutrina espirita! Que Deus vos proteja!

O espiritismo cura!

Do aluvião de jornais brasileiros que mão amiga nos enviou, a-propósito da campanha da Sociedade de Medicina e Cirurgia, accionada pelo médico Carlos Fernandes, extraímos uma notícia de-veras curiosa. O quintanista de Direito, sr. Piríades Orestes de Aguiar, morador na Avenida Paulo de Frontin, 742, Rio de Janeiro, procurou um redactor do *Diário da Noite*, a-fim-de narrar o seu «caso» pessoal, como expansão do seu agradecimento ao Espiritismo e em protesto contra a campanha acima referida.

— Posso afirmar por experiência própria — começou Piríades Orestes — que, ao contrário do que apregoam certos médicos, o Espiritismo não é uma fábrica de loucos. Por mim, só depois de abandonar a medicina e me aproximar do Espiritismo é que vim a conseguir a minha cura.

«Foi em 1928. O excesso de trabalho produziu-me desarranjo nervoso, comum às pessoas que se entregam a excessiva actividade mental. Meu pai, o dr. Raimundo Orestes de Aguiar, que também pode esclarecer o caso, receando maiores conseqüências do mal em início, solicitou os cuidados do ilustrado professor António Austregesilo. Êste lavrou a sentença, ou diagnóstico, que guardo, até hoje, comigo. Foi a seguinte:

— «Psicose maníaco-depressiva. Incurável».

«Para tratamento, internaram-me no Pavilhão Pernanbuco Filho, no Sanatório Botafôgo. Piorei, o que ali acontece sempre. Os enfermeiros, homens pouco pacientes e sem vocação para cuidar de doentes nervosos, representam um fracasso técnico e destroem os efeitos da terapêutica já deficiente.

«Dentro de pouco, atacado por profunda anesia, fui entregue aos cuidados do dr. Faustino Esposel. Como o meu «caso» era considerado «incurável», pouco ou nada se cogitava da terapêutica. E assim permaneci no Sanatório Botafôgo até o ano de 1933.

«Meu pai não se conformava. Recorreu a tudo, até que, a conselho de amigos, procurou um dia o dr. Castro Meneses, presidente do Centro Espirita São Geraldo, no Cubango, Fonseca, em Niterói, e cujos processos de cura, puramente psíquicos, em casos idênticos, segundo diziam a meu pai, tinham obtido resultados positivos. Foi esta a minha salvação! Entregue aos cuidados daquele facultativo e espirita, depressa me restabelecia. Não fôsse êle, com o Espiritismo, e, provavelmente, ainda estaria no Sanatório Botafôgo, segregado da sociedade, condenado pela medicina, como prêsa de psicose sem cura!

E conclue:

— Eis, por que procuro o *Diário da Noite*, para que êle seja o porta-voz do meu reconhecimento ao Espiritismo e do meu protesto contra o procedimento de médicos que procuram, sem mais investigações, destruir uma doutrina que nenhum mal pode causar a quem quer que seja.

O jornalista ouve, depois, o sr. Ascendino Pereira Ramos, morador na rua Alberto Melo, 2, em Novo Iguassú:

— A-propósito da afirmação médica de que o Espiritismo só faz loucos e não cura ninguém, quero referir o que se passou com o meu cunhado Adolfo Moreira de Melo, residente na rua dr. Thibau, 80, em Nova Iguassú.

«Há 20 anos que sofria de ataques chamados epiléticos, chegando a ter cinco crises por dia. Sempre tratando-se com os médicos, nenhum resultado alcançava.

«Adolfo, como todos da sua família, é católico; mas, a meu conselho, começou a freqüentar o Centro Espirita, Fé, Esperança e Caridade, na cidade aludida, e prestes ficou curado.

«Já lá vão quatro anos e continua bom de saúde.

«Os médicos, dirão, agora, que não era epilepsia e por isso é que Adolfo se curou no Espiritismo. Mas, mesmo não sendo, a medicina não conseguira curá-lo. A doença era uma obsessão, fenómeno que a psiquiatria académica desconhece e, desconhecendo, não pode tratar».

O espiritismo regenera!

Há tempos, a *Zeitschrift füer Seelenleben* referiu-se à auto-biografia do general alemão von Bernhardi, homem positivo e dominado pela psicose da guerra. Desempenhou grande papel na conflagração europeia de 1914 e estava convencido, como, de resto, a maioria dos militares germânicos, de que na guerra é que se desenvolviam as grandes virtudes do homem.

Mas, um dia, o nosso general sentiu-se atraído para as investigações psíquicas, não por convicção, é claro, pois simplesmente desejava saber o que havia de verdadeiro no supranormal. Como homem decidido que era, arranjou logo um gabinete escuro no seu quarto. Depois, chamou um amigo de confiança e ei-lo a experimentar, auxiliado por jóvem médium, que lhe desfaria as ideas belicistas, modificando-lhe, por completo, a maneira de ser.

Foi para a sessão. O médium sofreu tratos de polé. Após a inspecção a que foi sujeito, viu-se amarrado com cordas a uma cadeira, os nós selados e colocado no gabinete. Aqui, havia, apenas, uma varinha luminosa e uma campaínha.

O mais curioso é que a campaínha tocava de várias partes do gabinete e a varinha aproximou-se de von Bernhardi, atravessando os cortinados sem os romper (a matéria atravessa a matéria). A pedido do general, apareceram mãos ectoplásmicas, que foram vistas ao mesmo tempo que o médium, nessa altura, em profundo transe. Para rematar, partiu-se a cadeira do médium e êste foi levantado do soalho, em estado de inconsciência.

Ainda houve outros fenómenos, segundo reza a autobiografia e que deixaram os dois amigos absolutamente satisfeitos. Quanto ao general, êle próprio confessa que abandonou as velhas ideas acêrca da necessidade da guerra, tornando-se, na reforma em que se encontra, um homem bem diferente do que era.

Regenera, ou não regenera, o Espiritismo? Regenera, sim, senhores, regenera. Ninguém passa em vão por esta doutrina sublime. Todos levam o seu quinhão de conhecimento e de evolução moral, razão porque é necessário dar-lhe tôda a expansão possível, levando-a aos mais ignorados recantos do mundo.

Quem se não há de regenar, se o general alemão foi regenerado, êle, que era émulo de Ludendorf, que preconisava a guerra, como elemento de progresso espiritual?

Estudai, pois, o Espiritismo, no vosso próprio interêsse. O Espiritismo vos dará a certeza da sobrevivência da alma humana.

Hitler e o ocultismo

The Occult Review publicou há tempos um artigo acêrca de Hitler e o ocultismo (*Revue Spirite*, pág. 300), em que afirma que o ditador alemão só toma resoluções, depois de consultar os astrólogos. Erik Jan Hanussen foi um dos seus médiuns favoritos. Um dia, porém, teve que lhe dizer coisas desagradáveis e desapareceu da cena da vida, em circunstâncias misteriosas que deixam entrever a mão dum assassino. A sessão realizou-se em Berchtesgaden.

— Atingireis indiscutível apogeu — declarou êle ao «Feührer» — ; mas, quando julgardes ter dominado a Europa, caïreis... caïreis... morrereis de morte violenta, lá para fim de 1939.

A sessão foi, bruscamente, interrompida. O secretário do chanceler voltou a Berlim. Quanto ao médium, foi prêso, um mês depois, pelas *tropas de assalto* e acusado de haver trocado os papéis (Hanussem era judeu da Boémia, onde usava o nome de Hermann Steinschneider). Alguns dias mais tarde, o seu corpo foi encontrado, crivado de balas, num bosque próximo de Berlim.

A *Revue Spirite*, que nos serve de base a esta notícia, regista as freqüentes contradições dos astrólogos e clarividentes, no julgamento acêrca dos ditadores e declara haver uma literatura sensacional e mercantil com o fim de interessar os ingénuos nas «missas negras» de Hitler e nas suas práticas de «magia negra».

Concordamos com a *Revue* e a sua dúvida, no tocante à capacidade dos astrólogos e à veracidade dos artigos proféticos da imprensa inglêsa.

PENSAMENTOS

Manifestação quere dizer acção. Para se chegar ao equilíbrio perfeito — que, para mim, é vida pura, ser puro — ninguém pode retirar-se do mundo da manifestação.

Krishnamurti

Perdido no meio da noite, eu só tenho uma pequenina lanterna (a minha razão), para me guiar. Sobrevém um desconhecido que me diz: «Apaga a tua lanterna para veres melhor». Êsse desconhecido é o teólogo.

Willardot

Set/Out - 39

¿O ESPIRITISMO MERECE CONDENAÇÃO?

pelo Dr. A. Pratas

TEM vindo, há algum tempo, a mover-se no Brasil uma campanha tão improcedente contra o Espiritismo, que nos parece dever merecer os reparos de todos aqueles que pela evolução desta ciência moralizadora se interessam.

Levanta presentemente essa campanha a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio que, insurgindo-se contra a *Hora Radiofónica Espirita*, pretende obter do Govêrno a proïbição da propaganda espirítica.

Dois são os pontos que a S. M. C. R. particularmente foca com o fim de conseguir o amordaçamento de todos aqueles que, perfilhando êsse nobre ideal, vêem no espírito o elemento essencial do homem, e que por isso apregoam com firmeza que, tanto no estado de saúde como no de doença, depende mais do espírito a matéria corporal do que aquele desta, e que, como conseqüência, há doenças contra as quais a medicina oficial se confessa impotente, mas que podem obedecer aos processos de que a terapêutica espiritualista se utiliza.

As duas alegações da S. M. C. R. contra o Espiritismo são as seguintes:

1.ª — O que classificam de exercício ilegal da medicina;

2.ª — A velha e revelha e tão debatida atoarda, — *de que o Espiritismo seja uma fábrica de loucos*—.

Examinemo-las, separadamente:

Se o tratamento de doentes pelas práticas espiritas é ilegal, ilegal será também o que se passa nos santuários, como Lourdes e Fátima, onde freqüentemente se conseguem curas que, embora com rótulo diferente, obedecem ao mesmo princípio. E se, aos que se dedicam a essas práticas de ordem psíquica, adicionarmos o incontável número dos que, — como todos podem e têm verificado —, oferecem receitas verbais ou escritas a quem quere que se lhes queixe de qualquer perturbação da saúde, por mais grave que seja, chegaremos à conclusão de condenar a quási totalidade dos componentes de tôdas as classes,— com excepção da classe médica—, por uso ilegal da Medicina.

Há, porém, a tal respeito, uma diferença capital: — é que, emquanto a maioria, ou seja o último grupo de terapeutas, cultos e não cultos, letrados e analfabetos, receita inconscientemente, e por via de regra, com grave prejuízo para os que lhe dão ouvidos, procedem os adeptos do Espiritismo, — quando dotados de tal dom —, com plena consciência do que fazem, pois que, conhecendo as altas potências da alma, as dinamizam por forma a vencerem as fraquezas ou deficiências da carne ou do espírito do doente, assim conseguindo as curas que os factos registam e que por idêntico mecanismo se produzem também nos santuários a que já nos referimos.

Se, pois, pelas práticas espiritas, se consegue a cura de muitos doentes, numa grande maioria desiludidos, já, de se restabelecerem pelos múltiplos e complexos métedos da terapêutica oficial, com que direito se pretenderá interditar o Espiritismo, impedindo a humanidade de se refugiar nêle, como último recurso para aliviar os seus males, recuperar a saúde e com ela a alegria própria e dos seus?

Se o principal fim da medicina é curar, recorrendo para isso a tudo quanto a natureza, pela mão e pela vontade de Deus, lhe proporciona, não nos parece muito inocente nem meritório que à sua utilização se oponham precisamente alguns daqueles a quem fôra confiado um diploma com a única finalidade de defenderem a saúde da humanidade.

Quanto à segunda alegação, *de que o Espiritismo produz a loucura*, só poderemos justificá-la com a ignorância de quem a apresenta ou com o espírito de malsinação de quem queira caluniá-lo. Com efeito, — provam-no os factos—, é tão falsa essa acusação, *de que o Espiritismo gera loucos*, como é verdadeiro que, muito pelo contrário, *em certos casos, os cura*.

Para de tal forma o caluniarem, permitem-se os seus adversários basear-se em falsas estatísticas, propositadamente fundamentadas no numerário de espiritas loucos, intencionalmente descurando fazer também a contagem dos que, nos manicómios e fora dêles, se encontram e que, não sendo espiritas, perfilham crenças as mais variadas. De resto, se há espiritas loucos, assim como os há em todos os ramos das ciências e em tôdas as confissões religiosas, não significa isso que todos êles o sejam, como conseqüência de perfilharem esta ou aquela crença; e, mesmo que assim fôsse, ainda seria o Espiritismo o mais favorecido, como poderá ser verificado por quem, de boa fé, queira entregar-se a êsse trabalho de investigação.

Mas afirmamos nós que o Espiritismo, em vez de gerar loucos, os cura em certas circunstâncias, quais são os casos em que a loucura não depende dum desarranjo de ordem física, mas sim de influências puramente espirituais. Quando se apresentem casos desta ordem, nada poderá conseguir o materialismo da Ciência oficial, cabendo apenas êsse poder às fôrças espirituais de que o Espiritismo, entre outros credos espiritualistas, se utiliza.

Patenteia-nos a Bíblia inúmeros casos, pertencentes a vários ramos da patologia, como sejam cegos, surdos, mudos, paralíticos, lunáticos, etc., que, não passando de obsessos ou possessos, só são curáveis, — quando o seu Karma o permita —, por processos de ordem puramente espiritual. O Espírito ou Espíritos obsessores ou possessores não obedecem a drogas, mas convencem-se pela doutrinação ou afastam-se perante o poder doutro Espírito, encarnado ou desencarnado, que, pela sua moral superior, sôbre êles tenha uma ascendência bem definida. Foi assim que Jesus e os Apóstolos curaram; é assim que o Espiritismo cura, como é assim, também, pela evocação de Espíritos superiores, feita com viva fé, que se efectuam as curas que nos santuários se registam.

Se, pois, perante tão numerosos casos de doenças contra as quais a medicina oficial é impotente, a humanidade pode beneficiar das práticas espiríticas, com que direito poderá ou deverá o Espiritismo ser condenado? Será porventura criminoso e, portanto, ilegal, qualquer gesto de caridade?

E não será caridade aliviar desinteressadamente os que sofrem, curando aqueles que disso necessitam?

Qual será, pois, o dever dum médico que anteponha aos seus interêsses a altruística missão que se lhe impõe de velar pela saúde dos que nêle confiam? Será abandonar o doente que não possa curar, ou utilizar *todos os meios que se lhe deparem* para se conseguir o fim em vista?

— Cristo, Redentor nosso, se tivessemos a ventura de assistir ao Vosso advento, por certo nos seria imposta a amargura de assistir à Vossa condenação, por não julgardes necessário diplomarde-vos na Ciência de Esculápio!...

A CONFISSÃO DE RICHET

Crookes tinha, então, 37 anos. Estava no vigor da vida e da inteligência. Descobrira o *thallium* (1863) e prosseguira investigações frutíferas acêrca da espectroscopia, da astronomia, da meteorologia. Era director do *Chemical News* e do *Quaterly Journal of Science*.

Depois, resolveu estudar as propriedades extraordinárias de Home. De 1869 a 1872, publica memórias notáveis pela precisão da linguagem e severidade da experimentação, contrastando com o estilo habitual das publicações espiritas. Era a chegada do *período do Espiritismo*. — «Eu não digo que os fenómenos são possíveis—exclamava Crookes — digo que são reais».

Mas o respeito pela ideas habituais era tão idolátrico, que ninguém se dava ao trabalho de estudar, nem de refutar os fenómenos. Limitavam-se a rir, e eu confesso, para minha grande vergonha, que fazia parte dos cegos voluntários. Sim! Eu ria, em vez de admirar o heroísmo do grande sábio, que ousava dizer, em 1872, que há fantasmas, que se pode ouvir bater o coração dêles e até fotografá-los *(Dr. Carlos Richet* «Traité de Métapsychie», pág. 35 e 36).

TER OPINIÃO

Será honesto ter opinião e não ousar manifestá-la, lá porque pareça estar em desacôrdo com a maioria dos seus contemporâneos? Mas, se os homens tivessem a coragem de exprimir, lealmente, as suas convicções íntimas, ver-se-ia, com espanto, o número considerável dosque crêem na sobrevivência, nas vidas sucessivas e na possibilidade que têm os mortos de poder, em certos casos, comunicar com vivos. Nessa altura, só os não-espiritas teriam vergouha da sua opinião e não ousariam confessar a sua incredulidade.

(Henri Regnault — «Tu revivras», pág. 297)

DESENCARNOU O DR. RODRIGO SANZ

Grande cerebridade peninsular e redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Espanha.

Mal diria o Doutor Rodrigo Sanz que a publicação do seu primeiro artigo nesta revista coïncidiria com a notícia da sua desencarnação. Razão tinha o nosso amigo D. Elias López em insistir pela nossa ida à Galiza, a-fim-de abraçar o Mestre, depauperado por feroz doença, que lhe ia minando, dia a dia, as abaladas fôrças. Razão tinha êle, e de sobra, por lhe conhecer a impossibilidade de resistir a tão grandes provações. Mas a dificuldade de atravessar a fronteira, ainda impregnada do fumo da pólvora, proveniente da guerra civil espanhola, atrasava-nos a viagem há muito projectada e não nos era dado aceder ao fraternal convite do confrade ferrolense.

Após o movimento nacionalista, chefiado pelo general Franço, D. Rodrigo Sanz regressava ao Ferrol, sua terra natal onde passava grande parte do ano. Os crimes perpetrados no decorrer da guerra fraticida deprimiram-lhe o moral. Sofreu profundamente. Homem equilibrado e são, não podia assistir sem revolta aos crimes e prepotências da escumalha, que aproveitava todos os ensejos para cevar o ódio em vítimas inocentes.

Há coisa de dois anos, começou a suportar a doença que agora o arrebatou da face da terra.

A última carta que nos escreveu deixava transparecer a esperança. As melhores acentuavam-se. Conseguiu abandonar o leito. O velho paladino escreveu, então, uma série de artigos, o primeiro dos quais vai publicado noutro lugar. E prometia mais colaboração, ignorante do seu estado físico, cada vez mais débil, mais insustentável... O roble estava sendo agitado pelas intempéries. Era chegada a sua hora...

Há cêrca de quatro meses recebemos carta de D. Elias López, íntimo amigo do Mestre D. Rodrigo. Êste tinha ido a Madrid, a tratar de assuntos particulares, principalmente para saber como se encontravam os seus assuntos, depois dos bombardeamentos e do saque, a que a capital espanhola esteve exposta.

Chegou lá e verificou, com profunda mágua, que tudo lhe haviam arrebatado, inclusivé treze grandes pastas com inéditos àcêrca de ciências naturais, matemáticas, filosofia, literatura, gramática, etc., obra vultosa de quarenta e cinco anos de porfiado estudo e que desejava legar à sua querida pátria e ao seu vizinho Portugal, por intermédio do director desta revista. Pode-se avaliar a dor suprema do cavouqueiro de Minerva, quando deu pela falta dêste património. Quarenta e cinco anos, uma vida inteira, consagrada à investigação científica e à meditação das coisas do espírito!

DOUTOR RODRIGO SANZ

Os seus haveres, depositados numa casa bancária, haviam sido pilhados.

Voltou ao Ferrol, num automóvel, por estradas esburacadas. Os solavancos sofridos reaviraram a doença que o iria prostrar, dentro de poucos dias. Ao chegar a Batanzos, teve o primeiro ataque de ciática que o deprimiu horrivelmente. Pouco depois, sofria a amputação da perna direita. O seu estado era cada vez pior. Delirava.

Em 26 de Agosto sua irmã notou que D. Dodrigo escrevia sôbre a manta que o cobria e pensou:

— Meus Deus! Rodrigo tem trabalhado tanto, durante tôda a sua vida, tanto escrevia e lia, que agora está a delirar e escreve. Que será?

E viu que, cessando os movimentos, lhe dizia adeus, com a mão descarnada e pálida, cruzando os braços sôbre o peito — cruz que tanto amou — e fechou os olhos para sempre...

Estudos Psíquicos tinha em D. Rodrigo Sanz um grande colaborador e amigo. Por isso, não podia deixar de lhe prestar esta singela homenagem, certos, como estamos, de que o seu espírito está connosco e tudo fará para completar a obra que nos prometeu, em vida física. Já deu o primeiro sinal: «Falarei». E êle nunca faltou à sua palavra.

Elevemos um pensamento amigo à imágem do Mestre ferrolense. Êle saberá agradecer e retribuir, como alma gentil que sempre foi.

NOTICIÁRIO

Centro E. Luz e Amor

O Centro Espiritualista Luz e Amor encontra-se novamente, em actividade, saüdando, por tal motivo, todos os seus associados, que tão dedicadamente lhe têm prestado o seu concurso. Saúda, igualmente, os confrades portugueses e estrangeiros, em especial aqueles que, na grande república brasileira, empunham o pendão do Espiritismo evangélico, enchendo seus fastos de exemplos magníficos de caridade e altruismo. A todos deseja muita felicidade e paz espiritual, visto que, doutro modo, impossível será realizar a obra que se prepara, com a aprovação dos Mensageiros do Alto, que não cessam de velar pela união de todos os valores efectivos, com os quais se deverá contar, em benefício da Causa que se defende.

A-pesar-de ter iniciado há quatro meses os trabalhos de reorganização, é consolador verificar o grande número de inscrições que têm chegado ao Centro, as quais prestes atingirão duas centenas, muitas tendo sido, também, as cartas recebidas de todos os pontos do país, a pedir informações e a cujas cartas se tem respondido, com a maior brevidade possível.

Também se têm oferecido vários médiuns, que serão, oportunamente, submetidos a experiências, dentro das normas seguidas pela Comissão Técnica.

Está quási concluído o Regulamento dos Grupos Espiritas Familiares, que funcionarão em casa dos sócios que o solicitem e serão compostos por indivíduos que tenham entre si evidente afinidade espiritual.

Eis a lista dos Corpos gerentes do Centro para o triénio 1939 a 1941:

Assembleia Geral — Presidente: Dr. Sebastião Elviro Martins; Vice-Presidente: João José Alves, guarda livros; 1.º secretário: Custódio Rodrigues, sargento enfermeiro; 2.º secretário: António Alexandre, sargento de marinha. *Conselho Fiscal* — Presidente: Manuel Tavares, 1.º oficial dos Correios e Telégrafos; Secretário: António Castanheira de Moura, gerente comercial; Rufino A. Lopes Bragança, oficial do exército, reformado. *Direcção* — Presidente: Isidoro Duarte Santos, oficial da armada; Vice-Presidente: Dr. José Joaquim Gaita, oficial do exército e advogado; Secretário Geral: Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa, advogado; 1.º Secretário: José Augusto Gonçalves, oficial da armada; Vogais: Dr.ª Clementina Dinne Rosado, engenheiro agrónomo, D. Maria Gançalves Duarte Santos e D. Maria Ivone de Abreu.

Inauguração dos trabalhos do Centro

Com a maior satisfação, comunicamos aos nossos prezados consócios que a inauguração dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor se efectuará às 21 horas do *primeiro domingo de Novembro (dia 5), na sede da Sociedade Teosófica, Rua Passos Manuel, n.º 20, cave, esquerdo,* amàvelmente cedida por aquela agremiação, à qual nos prendem, não só afinidades ideológicas, como, também, laços de profunda simpatia. Emquanto não dispusermos de sede própria, suficientemente centralizada, para que todos possam, sem grande esfôrço, assistir às sessões experimentais e culturais, tôdas as nossas conferências e palestras ali serão realizadas.

Os trabalhos inaugurais constarão duma exposição feita pelo Presidente da Direcção, acêrca do programa do Centro, e de uma conferência, intitulada «A Psicologia Experimental», a cargo do Dr. António Lôbo Vitela, figura de grande projecção mental e notório relêvo no meio espirita português.

À Sociedade Teosófica apresentamos os nossos protestos de estima, desejando-lhe as maiores prosperidades.

ECOS DO BRASIL

O *Reformador* de Agosto último inseriu a carta que o nosso Centro enviou à Federação Espirita Brasileira, acompandando-a das seguintes palavras, que muito nos sensibilizam:

"Havendo atendido de pronto ao pedido concernente ao *Reformador*, aos folhetos e às obras, só nos resta retribuir aqui, em nome da Federação, as saüdações fraterníssimas do "Luz e Amor", saüdando-o não menos cordialmente, no desejo ardente de que a luz do céu desça, constante e copiosa, sôbre os seus componentes e dirigentes, a lhes fecundar nos corações a semente do amor cristão, fonte perene de todas as energias nece sárias à realização das grandes obras verdadeiramente espiritas. E a êsse saüdar juntamos as mais sinceras congratulações pela sua reorganização, para volver à actividade em prol do ideal que nos é comum, actividade que auguramos será largamente fecunda em a nova fase de existência que se lhe iniciou".

Ao *Reformador* e à F. E B., casa máter do Espiritismo no Brasil, agradecemos os folhetos remetidos e as boas palavras transcritas, com o nosso profundo reconhecimento.

OS QUE NOS DEIXAM

Desencarnou no dia 16 de Outubro corrente o consócio sr. Comandante Pedro Ferreira Dias de Sousa, pai do nosso Editor, a quem apresentamos a nossa solidariedade, no transe que suportou. Que os Guias do Centro tomem à sua guarda o Espírito liberto e lhe fácilitem a missão.

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

Secretário	Director e Proprietário	Editor
José Joaquim Gaita	Isidoro Duarte Santos	Pedro C. Dias de Sousa

ANO 1.º LISBOA, NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1939 Nº 2

NOITE DE NATAL

pelo Dr. José Gaita

HÁ perto de dois mil anos, no dia 25 de Dezembro, em Belém, cidade da Judéa, num abrigo de pastores e estábulo de animais, nasceu Jesus Cristo, o Salvador do Mundo!

Nascido entre humildes, foram palhinhas o seu primeiro enxoval, rústica mangedoura o seu primeiro berço. Pacífico jumento e mansa vaquinha ouviram seus primeiros vagidos, tranqüilamente fitaram seu corpo de bambino e com doçura o bafejaram.

Êste acontecimento tão banal do nascimento de uma criança em condições tão simples e em meio tão pobre, trazia em si um potencial de Luz e Vida de tal maneira grandioso e brilhante, que veio iniciar uma nova era na História da Humanidade.

É o Natal a festa do seu aniversário. O próprio ateu, que não sente a alma aquecida pela chama vivificante da crença, tolera a celebração dêste dia memorável, sentindo-se feliz com a alegria comunicativa dos seus semelhantes, com a satisfação dos que acreditam que o nascimento dessa frágil criancinha trouxe à humanidade uma concepção de vida superior, mais bela e espiritual, uma mística na qual as almas, torturadas pela dor, vislumbram sempre o remédio consolador da esperança!...

Sábios eminentes, analisando friamente a concepção e nascimento de Jesus, pretendem negar a sua existência. Mas as multidões sofredoras não se convencem... Elas sentem-NO dentro de si, «como a raíz na árvore e a estrêla no firmamento; vêem-NO por igual, na paz e na guerra, no Bem e no Mal!... E, como o Simão, de Jerusalém, homem justo e temente a Deus, louvam o Criador por lhes dar Jesus a luz verdadeira que alumia todo o homem que vem ao mundo.

É o Messias que desceu à terra para dar testemunho da existência de um Deus misericordioso, infinitamente perfeito, justo e bom para tôdas as criaturas.

As populações pressentem a sua vinda! Por isso, «assim como o relâmpago que sai do oriente e se mostra até o ocidente», assim a Boa Nova do Seu nascimento, na tôsca gruta da Palestina, em

breve se espalhou por todo o Universo *(Mateus, XXIV — 27)*.

A passagem de Jesus neste planeta de expiação e sofrimento é o símbolo vivo da humildade, da tolerância, da abnegação e do amor do próximo.

Nasce pobre entre mansos animais — o jumento e vaquinha — que personificam resignação e paciência; vive e escolhe seus discípulos entre os pescadores, gente humilde, sóbria e simples; e morre crucificado entre dois ladrões!...

Êle sabia que tudo isto tinha de acontecer «para que se cumprisse o que fôra dito pelos profetas», mas levou com resignação até ao fim a sua cruz e esgotou até à última gota o cálice da sua amargura *(Mateus, II-23)*.

Sua vida é um apostolado, uma luta ingente e constante, contra a corrupção, a tirania e a opressão dos sacerdotes judeus e dos Césares romanos...

Resistindo às tentações e seduções do mundo, desprezando as glórias da terra, o meigo Nazareno foi o Messias, o Redentor, que prègou a existência de um só Deus; e, afrontando as iras dos príncipes, do sacerdotes e dos anciãos do povo, exortava as multidões a que abominassem os ídolos pagãos e adorassem o Deus verdadeiro, que está nos Céus, e quere a salvação de todos os seus filhos.

Indiferente aos perigos e às ameaças daqueles que viam na sua doutrina a derrocada dos seus interêsses e vaidades, a queda da sua opulência e predomínio, Jesus «percorria a Galiléa, ensinando nas sinagogas, prègando o Evangelho do reino de Deus, e curando as enfermidades e as moléstias do povo» *(Mateus, IV-24)*.

Aos doze discípulos, os apóstolos, dando-lhes poder para expulsarem os espíritos imundos e para curarem tôda a enfermidade e todo o mal, mandou-os anunciar pelas cidades, vilas e aldeias, quebradas e montes, a chegada do reino dos céus — a sua doutrina. Manda-os como mensageiros da paz e do amor e recomenda-lhes que sejam simples e mansos na sua missão de conduzirem ao aprisco as ovelhas transviadas: «Misericórdia quero e não sacrifícios. Porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento», foram as palavras de ordem de Jesus aos seus generosos mensageiros *(Mateus, X-1; IX-13)*. E para captar a confiança e simpatia dos humildes, exorta-os a viver na humildade, que não possuam ouro, nem prata, nem cobre; que não levem alforges para o caminho, nem duas túnicas, nem alparcas, nem bordão; e que dêem de graça o que de graça receberem.

Desinterêsse, abnegação, tolerância e amor, são o lema do Mestre e dos seus discípulos. São os egrégios semeadores do abençoado grão da doutrina de transcendente beleza.

A sua obra esplêndida é coroada pelos mandamentos, cânticos de amor sublime aos fracos e aos desgraçados, repositório inesgotável de consolações para todos os que sofrem e têm fome e sêde de justiça. «Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei; aprendei de mim que sou manso de coração — aconselha Jesus aos sofredores — e encontrareis descanso para as vossas almas» *(Mateus, XI-28, 29)*.

Cristo nasceu pobre, viveu na pobreza e pobre morreu. Sôbre o seu espólio de condenado — a túnica e as alparcas — seus algozes deitaram sortes...

Nada nos deixou dos bens terrenos. Mas, em compensação, deixou-nos o bem supremo da Sua Palavra cheia de magia e suavidade, impressa nos Evangelhos, o livro por excelência, património espiritual da humanidade, onde os homens encontram lenitivo para as suas dores, justiça para as ofensas, tolerância para os pecados, esperança e consolação para todos os males!...

Os Evangelhos são o manancial de água viva onde se dessedentam e saciam as multidões sofredoras. São o elixir que cura tôdas as mágoas e sara tôdas as feridas. Livro maravilhoso, tesouro de todo o saber, de tôda a grandeza e perfeição, é o alimento perene da alma humana!...

Eis, por que a noite de Natal, noite em que se comemora o aniversário do nascimento do Mestre, é noite de festa.

A humanidade, reconhecida, recolhe-

FALAM OS SÁBIOS

Sir William Crookes, célebre físico e químico inglês, membro da *Royal Society*, a quem se devem numerosas descobertas, como a do tálio, a dos raios catódicos e da matéria radiante, tendo as suas experiências servido de base às descobertas dos raios X:

«Tendo-me assegurado da realidade dos fenómenos espiritas, seria uma cobardia moral recusar-lhe o meu testemunho. Após 6 anos de experiências rigorosamente científicas, não digo que os fenómenos são possíveis: digo que são reais». (Recherches sur les phénomènes du Spiritisme).

* * *

César Lombroso, ilustre criminalista italiano, professor na Universidade de Turin:

«Depois de ter negado os fenómenos espiritas sem os observar, vi-me forçado a aceitá-los, quando, a-pesar disso, as provas mais manifestas e mais palpáveis caíram sob os meus olhos».

* * *

A. de Morgan, presidente da Sociedade de Matemática de Londres e Secretário da Real Sociedade de Astronomia:

«Eu estou absolutamente convencido de que tenho visto e ouvido, em condições que tornam a incredulidade impossível, fenómenos chamados espiritas que nenhum sêr racional poderá explicar pela impostura, a coïncidência ou o êrro. (De la Matière à l'Esprit)».

* * *

W. J. Crawford, professor de mecânica aplicada na Universidade de Belfast:

«Estou pessoalmente convencido de que os operadores invisíveis (nos fenómenos psíquicos) são os espíritos de sêres humanos que passaram ao Além».

* * *

J. Zoëllner, professor de Astronomia na Universidade de Leipzig. Presidiu à comissão de catedráticos alemães constituida por Flechner (físico), Weber (físico) e Schreibner (matemático) que estudou os fenómenos produzidos pelo médium Slade. Depois das sessões terem sido iniciadas, juntaram-se-lhes os professores Ludwig (fisiólogo) e Wundt (psicólogo):

«Adquiri a prova da existência de um mundo invisível que pode entrar em relações com a humanidade». (Wissenshaftliche abhandlungen).

---

se em adoração, em sentido preito de homenagem ao Salvador.

Noite de Natal, noite de festa!

É a noite mais bela e enternecedora do calendário cristão... Noite da festa da família, em que os ricos e os pobres, os velhos e as crianças, os felizes e os desgraçados confraternizam, entoando hosanas ao Redentor.

Os espiritas que, ajudados pelos mensageiros do Além, procuram interpretar a palavra do Mestre, em espírito e verdade, devem exemplificá-la se quiserem ser bons obreiros. E na noite de Natal, junto da lareira, no recanto acolhedor do lar, sob o carinho dos afectos maternais, aconchegado pela ternura dos parentes e amigos, em qualquer parte onde se encontre, o espirita não deve esquecer-se dos seus irmãos a quem tudo falta e a quem a noite fria e, por vezes, tempestuosa, mais dolorosa torna a sua miséria. É dever do espirita minorar a desdita dêsses infelizes, repartindo com êles um pouco da sua abastança, da sua alegria. E, quando não possa ajudá-los materialmente, não deve deixar de rogar ao Criador que lhes suavise o Karma, tornando-lhes mais leve a ascenção do Calvário!...

Noite de Natal! Noite de Paz!

Espiritas, semeai a Palavra do Mestre! Exortai os homens a esquecer inimizades, a perdoar as ofensas, a praticar os mandamentos cristãos. Pensai na paz. Fazei concentrações profundas, implorando a Deus que termine a guerra, que assola a Europa, tortura as almas e dilacera os corações.

Noite de Natal! Noite de Amor Fraternal!

Espiritas, mostrai que sois cristãos! Prègai o Evangelho; amai ao próximo como a vós mesmos; perdoai aos vossos inimigos e orai pelos que vos maltratam, odeiam ou perseguem...

Só desta forma cumprireis a Lei, exemplificada pelo Cristo na Terra, e sereis dignos do amor do Pai, que está nos Céus e faz nascer o Sol sôbre bons e maus e descer a chuva sôbre justos e injustos!... *(Mateus, V, 45).*

Sôbre a existência de Deus

pelo Dr. António Lobo Vilela

«Acima de tôdas as coisas —diz Taine (1) — há um axioma eterno cujo eco prolongado forma, por meio das suas inesgotáveis ondulações, a imensidade do Universo: fórmula criadora e imortal, eterna, omnipotente, inefável».

Eis a Idéa pura, o núcleo fundamental em tôrno do qual gravitam todos os sêres numa vertigem de sonho, ignota, como em tôrno dum sol esplendente revoluteiam os planetas obscuros bebendo luz, calor e vida — sol infinito que inunda o Universo, que banha todos os sêres nas vibrações eternas do seu amor.

Quem pode duvidar de que há uma harmonia pre-estabelecida que condiciona a existência? Se há leis gerais invariáveis não haverá legislador (2)? Não será maravilhoso, por exemplo, que os ângulos diedros dos cristais tenham um valor específico (lei de Romeu de l'Isle)? Que na pequeníssima semente da mostarda exista a virtualidade da árvore fronde? Que o óvulo se organize de harmonia com o meio futuro em que terá de viver? Não se revela em tudo uma «*idéa directriz*» (Cl. Bernard) que orienta a vida para uma finalidade (3) pre-determinada? A ordem cósmica (4) donde decorre o princípio de causalidade — base de tôda a ciência — não será uma prova evidente da existência de Deus? Se o *acaso* fôsse a lei suprema poderia haver ciência?

Se os sêres não têm em si uma razão suficiente, não haverá fora dêles uma razão necessária? Como seria possível a passagem da potência ao acto sem que houvesse um factor que a determinasse? E que outro factor poderia ser senão um «*movens immmobile*»?

Bertauld (5) pretende destruir a necessidade da existência de Deus (6), proclamando a eternidade da matéria, mas esta concepção, além de carecer de valor experimental, não resolve o problema do ser.

Tôda a modificação exige uma causa de modo que, mesmo admitida a eternidade da matéria, não se suprime a necessidade divina. Por sua vez a eternidade do movimento exige uma causa suficiente. Assim, tôdas as soluções que possam apresentar-se, independentemente da existência de Deus, apenas conseguem deslocar o problema sem preencher o vácuo que nos tortura o pensamento (7).

---

(1) *Philosophie française au XIX siècle.*

(2) Voltaire dizia:

«L'univers m'embarrasse, et je ne puis songer
Que cette horloge existe et n'ait point d'horloger.»

(3) Janet—*Les Causes Finales.*

(4) «E' tão absurdo atribuir a ordem cósmica ao jôgo das leis físicas sem ter em conta o Eu ordenador como atribuir a vitória de Marengo às combinações estratégicas sem ter em conta o primeiro Consul.» (Proudhon — *Système des contradictions économiques.* Prologue).

(5) — *Étude critique des preuves de l'éxistence de Dieu*, t. I.

(6) Banir a metafísica : pretenção louca de teófobos desvairados! São exactamente os que mais apelam para o valor da experiência que formulam as hipóteses metafísicas mais estravagantes. Quiseram destruir a metafísica, mas apenas conseguiram modificá-la, porque a metafísica só se combate fazendo metafísica. Então, incapazes de a destruir, desdenharam-na, mas não lograram dispensá-la. Augusto Comte sentiu bem as deficiencias do positivismo de que se fez o pontífice e porisso transitou para a meltafísica, na segunda fase da sua vida intelectua. Poincaré diz admiràvelmente que a ciência sem generalização não tem valor científico e a generalização é um processo essencialmente metafísico. O mesmo sucedeu com o raciocínio experimental que consiste em observar, supor, deduzir e verificar.

(7) Rousseau (*Émile*, IV, 19) *diz*: «*Conservai sempre a vossa alma em estado de desejar que haja um Deus, e jámais duvidareis da sua existência . . . Fugi daqueles que, pretextando explicar a natureza, infiltram nos corações humanos doutrinas desoladoras, e cujo aparente cepticismo é mil vezes mais afirmativo e mais dogmatizador que o tom decidido dos seus adversários. Sob o desdenhoso pretexto de que só êles são iluminados, verid'cos, sinceros, submetem-nos imperiosamente às suas decisões dogmá-*

O mundo dos fenómenos é a trágica sombra do mundo das idéas, a projecção do absoluto no domínio do relativo, a particularização do geral, a pulverização do infinito. Tôda a realização é um esgotamento de possibilidades; uma queda brusca de potencial — a queda original; a agonia duma esperança que se converte em saüdade — sonho alado de nuvem, desfeito em gotas de água; uma ância de Ideal agrilhoada na tortura da forma que limita e prende; um arrependimento para a volúpia insaciável dos sentidos; o tédio da Solidão informe; a fuga do caos em busca do Nirvana. É a morte do poder ser, do vago, do indeterminado, do indefinido!

O mundo das idéas é o próprio caos, eterno, imensurável, inconcebível, onde tôdas as formas têm a sua virtualidade, onde tôdas as possibilidades se escondem, onde tôdas as energias se condensam. É o manancial inesgotável donde brotam tôdas as intuïções do nosso espírito que formam a essência do pensamento—fonte perene de águas vivas que dessedentam a nossa imensa sêde espiritual.

A necessidade da existência de Deus não é apenas de ordem intelectual, mas também de ordem moral. Que outra origem podia ter êste facho luminoso, inextinguivel, que é o pensamento, êste mistério profundo, insondável, que é a consciência? Que mãos invisíveis fazem vibrar, na natureza, essa mística harmonia que é o amor, que já nos minerais entôa os primeiros epitalâmios no ritmo mecânico das afinidades químicas, inspira nas plantas o doce idílio dos pólens e toma nos animais o carácter de instinto até se elevar, no homem, à pura abstracção de sentimento moral?

Donde vem a fôrça analética, prodigiosa, que nos ampara e nos sustém, que nos alenta e nos conforta, fôrça a que se chama coragem, paciência, resignação, sorriso bemdito de feridas que sangram— lábios vermelhos da dor—sacudir de guisos com que o jogral abafa os gemidos, estoicismo singular, análgico, das almas que a dôr tempera?

Que poder transcendente exerce sôbre nós essa atracção incoercível, amaviosa, a que se chama esperança, apoteose deslumbradora que nos fascina e nos eleva em doce anagogismo, luz inebriante que inunda de claridades as trevas do desalento, como um luar esplendoroso rasgando horizontes ilimitados, voz enigmática de Esfinge, perdida no deserto, eco dum beijo que vem do Céu beijar a desventura, que transfigura em prazer o mais áspero sofrimento, reflecte no pranto a miragem dos sonhos, e faz florir as chagas gerando mártires?

Quem semeou no coração humano êsse gérmen sublime de amor que se desenvolve e cresce incessantemente, — a caridade, suprema virtude, ambrósia celeste, bálsamo suavíssimo que se derrama sôbre as misérias do mundo, edulçurando-as, auréola radiosa de santos, alívio de tristes, bênção redentora, floração de estrêlas cintilantes?

* * *

A idea de Deus é o fulcro de tôdas as religiões e de tôdas as filosofias, sem excepção alguma, porque a sua existência é a base de tôda a existência. Para que exista qualquer coisa daquelas que estamos habituados a conhecer, é preciso que a sua substância já existisse anteriormente à sua nova existência, e que alguma coisa provocasse tal modificação. Não podemos, portanto, encontrar a *Causa primária* dentro do nosso conhecimento directo, e, fora dêle, só por indução a podemos atingir, a não ser que já exista em nós num estado virtual, como intuïção íntima. Eu creio que a intuïção é uma forma de reminiscência dum conhecimento anterior, atingido quer directa, quer

---

ticas, e pretendem impôr-nos, como verdadeiros princípios das coisas, os sistemas ininteligiveis que arquitectaram em sua própria imaginação. E assim, demolindo, arrasando e calcando aos pés tudo o que a humanidade respeita, tiram aos aflitos a única consolação da sua miséria, e aos ricos e poderosos o único freio das suas paixões; arrancam do fundo do coração o remorso do crime, a esperança da virtude e ainda se gloriam de ser os bemfeitores do género humano. Nunca, dizem êles, a manifestação da verdade pode ser prejudicial ao homem. Nisto também eu penso como êles, e, a meu ver, é esta uma grande prova de que as suas doutrinas não são verdadeiras».

indirectamente, e apresentando-se sob êsse aspecto pela sua natureza inata.

Se não houvesse conhecimentos inatos, certamente não podia haver axiomas. Mas vai uma grande distância dum dogma a um axioma: — o dogma não se discute por ser meramente convencional e para que não se verifique que encerra um princípio arbitrário; o axioma não se discute, porque é uma verdade evidente. Porisso o dogma é uma barreira do progresso; e o axioma uma síntese de progressos realizados.

Todo o axioma implica um raciocínio automatizado pelo hábito e que, por isso mesmo, se efectua fora do domínio da consciência. Mas o homem não se contenta com as puras e vagas intuïções da consciência; quere clarificá-las, robustecê-las, e assim se explica que se tenha sempre procurado demonstrar a existência de Deus—o supremo axioma da vida.

Tudo quanto existe requere a existência dum poder criador, porque aquilo cuja existência conhecemos, não se podia ter criado só por si; e porisso êsse poder criador, há-de ser diferente de tudo quanto pode estar ao nosso alcance, caindo no círculo estreito da nossa relatividade objectiva. Se a idéa de Deus fôsse qualquer outra, sem ser a que decorre dêste enunciado, vago, como não pode deixar de ser, ela não representaria a *Causa primária,* e permaneciam então as dificuldades causais, que sugere a existência do *contingente.* Assim, de dedução em dedução, remontando do efeito à causa na infinita cadeia dos fenómenos, deslocamos apenas as dificuldades para um ponto mais remoto e mais incerto, sem as resolvermos. Somos portanto induzidos a aceitar a existência dum *Criador incriado*— o «*primum movens immobile*» do aristotelismo—de cujo poder criador não podemos duvidar, porque temos bem patente a sua Obra, e cuja origem e natureza não podemos prescrutar, exactamente por ser diferente de tudo quanto humanamente podemos conhecer.

O que nos leva principalmente à necessidade da existência de Deus, é a impossibilidade de explicar o *contingente* por si mesmo: e porisso a idéa de Deus há-de exprimir alguma coisa de incontingente, que só a noção de Absoluto pode traduzir. O homem encontra na natureza a *substância* e a *forma* e sôbre elas actua limitando-se a modificá-las. E assim, o papel do homem é descobrir e modificar, emquanto o papel de Deus é criar e manter. O *Relativo* vive no espaço e no tempo; no *Absoluto* não há espaço nem tempo. E se o Relativo jàmais pode atingir o Absoluto, pode contudo aproximar-se dêle, indefinidamente, pela sua mais nítida compreensão.

O homem não pode fazer uma idéa definida de Deus, sem lhe fazer perder o seu carácter, humanizando-o e é por isso que as concepções de Deus enfermam sempre de ser humanas. Definir uma idéa é limitá-la encarcerando-a numa forma, e só podemos definir o que em nós se contém e dentro dos limites da nossa própria consciência. Assim, só podemos conceber Deus relativamente ao grau de desenvolvimento do gérmen divino que existe em nós.

A idéa de Deus vive em todos os actos da humanidade, porque existe inata na alma humana onde se revela e brilha sempre sem que o homem a possa eliminar. Era como se uma criança, colocada no campo de um espêlho, quisesse negar a sua própria existência, e fechasse os olhos, julgando apagar assim a imagem reflectida:—o espêlho imperturbável continuava a reflecti-la. Porisso, até os que se dizem ateus, são crentes, porque existem, e o simples facto de existir, implica, pelo menos, implìcitamente, a idéa dum poder Criador. Os homens estão habituados a empregarem o seu dialecto próprio e a não quererem usar dos dialectos alheios, porque não compreendem, ou não querem compreender (o que é pior ainda), que êles traduzem todos as mesmas coisas. E emquanto assim fizerem nunca se podem entender, porque não sabem traduzir as palavras dum dialecto diferente para o seu. É a fórmula ritualesca dos preconceitos que os divide; é o frágil véu das palavras que os separa!

O cepticismo pirrónico—a verdadeira manifestação pessimista— é também inconsistente com o seu desdém, porque aqueles que têm a pretensão de duvidar de tudo, não duvidam da sua dúvida. E

sua *existência necessária,* existem independentemente da concepção humana da divindade. Para se eliminar Deus, portanto, não basta destruir a idéa que fazemos dêle — admitindo que essa idéa podia ser destruída e não apenas modificada — mas destruir a necessidade indestrutível da sua existência, pela destruïção completa de tôdas as causas segundas. E bastaria o facto de se conseguir essa destruïção, para se revelar Deus naquele que o conseguisse. Era uma questão de sinal.

Os cientistas que procuram negar a existência de Deus, esquecem-se de que, se êle não existisse, não podia haver ciência, porque não haveria um plano preestabelecido que encadeasse as causas e os efeitos ordenada e contìnuamente, permitindo deduzir, induzir e reproduzir. Em vez de equilíbrio e harmonia, havia apenas qualquer coisa que nem podemos vislumbrar o que fôsse, como não podemos vislumbrar o que não existe. A observação e a experiência não conduziriam a resultado algum.

O «*acaso*» é o eterno fantasma da ignorância das causas, porque é uma expressão simbólica do *desconhecido;* e o desconhecido não podia ter sido criado por quem o desconhece. A existência do desconhecido é uma prova clara da existência de Deus, ou, pelo menos, dum poder superior a nós que o produziu.

O *argumento ontológico,* provando a existência de Deus pelo facto de ser concebido, é, a nosso ver, a prova mais intelectual, mais bela e mais profunda que jàmais o homem produziu. Realmente, como podíamos nós conceber Deus se Deus não existisse? Seria exceder tôda a possibilidade: o relativo gerar o absoluto, o limitado produzir o infinito, o imperfeito criar a perfeição!... Como podia haver mesmo qualquer aspiração sem o pressentimento de alguma coisa a realizar? O pressentimento implica o conhecimento virtual e íntimo, que por isso mesmo é vago e profundo, duma realidade futuramente sensível. E como possuir êsse conhecimento transcendente de possibilidades se Deus não existisse projectado em nós pelo seu acto de criar? Se Deus não existisse em si, existiria, pelo desde que exista um só elemento de certeza, existe Deus necessàriamente. Não é modificando a idéa de Deus que ela se elimina, e porisso, as doutrinas negativistas, não podem nunca triunfar com os seus sofismas. A idéa que possuímos de Deus, é a resultante lógica das suas manifestações, e êsses determinantes da menos, naquele que o concebesse. Para nós tudo o que existe de concreto é a manifestação dum princípio abstracto, a expressão duma idéa geral que absorve em síntese um conjunto de idéas especiais: e assim, o Universo na sua totalidade. é a manifestação de Deus, a expressão da *Idéa Integral.*

Foi sempre do estudo da Natureza que o homem subiu à concepção de Deus, que varia, lògicamente, com o seu grau de conhecimento; — é o estudo da causa pelos seus efeitos. Quanto melhor conhecermos a Natureza, tanto mais nítida e precisa será a concepção de Deus, porque à medida que subimos, os horizontes vão sendo cada vez mais amplos e mais profundos, permitindo assimilar uma idéa mais elevada e mais próxima daquela que o traduz na sua integridade.

Ao homem primitivo, todos os fenómenos se apresentavam com um carácter de independência, como que isolados, (desconhecendo as leis que os regem e encadeiam), o que o levou ao politeísmo, para explicar, por princípios inteligentes, a causalidade primitiva, necessária, em que adivinhava uma *intenção* oculta.

Mas, emquanto se atribuíu apenas ao princípio feminino, a faculdade espontânea de gerar novos sêres, Deus era o *princípio feminino criador;* a mulher ocupava então um lugar proeminente na família , e tinha direitos especiais, superiores aos do homem, que lhe prestava humilde vassalagem. O regime civil era o *matriarcado.* Foi só mais tarde que o homem reconheceu o papel fecundante do princípio masculino e formulou assim uma concepção dualista de Deus que atribuía a dois princípios, de sexos diferentes, a criação, ainda por analogia com o que observava correntemente.

Desde então, a mulher ocupou um lugar secundário, porque o princípio feminino foi também considerado secundário.

êle era a substância caótica, inerte e passiva, a noite do *Silêncio* e do *Não-sêr*, que o princípio masculino activo e superior fecundara com a seiva da vida, produzindo o primeiro fenómeno — a *Luz*. Foi esta hipótese que os Atlantes espalharam pelo mundo antigo, servindo de fundamento às religiões da antiguïdade, tomando as modalidades mais variadas, desdo o dualismo *mazdeista* que assim procura resolver o problema do mal, (resolvido mais fácil e lògicamente pelos arianos com a teoria das vidas sucessivas), ao dualismo *gnóstico* e *manequeísta*, e transparecendo ainda hoje nas religiões e filosofias que ali se foram inspirar. O monoteísmo começou verdadeiramente, quando essas duas divindades se fundiram numa só, hermafrodita, como o Mithra-Mithras do *mazdeísmo*, que resultou da fusão das antigas crenças da Pérsia com as concepções arianas.

* * *

A negação de Deus, corresponde à negação de tudo quanto faz parte do nosso conhecimento e até dêle próprio. As doutrinas negativistas têm sido o maior flagelo da humanidade que não pode triunfar na vida emquanto a estrêla polar da esperança se encobrir num Céu caliginoso de descrença.

São elas que avolumam o mal, reduzindo a vida aos horizontes estreitos duma animalidade efémera, sujeitando-a a um determinismo cego, a um fatalismo irredutível, que enfraquecem todas as energias num desalento invencível e torturante, dissolvendo o sentimento do livre-arbítrio e conseqüentemente da responsabilidade, apagando o anseio de justiça e destruindo a aspiração do Bem. São elas que alimentam o egoísmo desvairado e a dissolução moral do nosso tempo em que o homem é rival do homem, numa luta de ambições encarniçada e feroz. E emquanto os que dominam se julgam deuses, os outros sentem-se escravos!

A história da humanidade mostra bem que os períodos de maior decadência, coincidem sempre com as épocas de máxima descrença.

Por êsse mundo...

Na Inglaterra é cada vez maior a confraternização entre espiritas e pastores anglicanos. O nosso confrade sr. Barton falou há tempo na igreja de Tauton e o Reverendo Lee prègou no centro espirita da mesma cidade.

— O Instituto Britânico de Opinião Pública realizou um inquérito àcêrca da sobrevivência, cujo resultado foi o seguinte: 49 % responderam afirmativamente; 33 %, negativamente e 18 % sem opinião.

— Artur Ford é um dos maiores médiuns da actualidade. Em dado momento, fazia demonstrações de clarividência numa sessão pública, em que se encontrava um curioso que ali fôra por mero acaso. Ford dirige-se ao homenzinho e exclama: «O sr. vai descontar um cheque para custear uma acção judicial. O cheque está no seu bôlso e é de vinte e oito dólares.»

O assistente tirou o cheque do bôlso e mostrou-o a um visinho. O seu valor era de 27 dólares e 50 cêntimos...

— O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espiritas, a que nos referimos noutra secção e que em breve se inaugurará no Rio de Janeiro, constituirá um verdadeiro acontecimento cultural, a avaliar pelas teses que ali serão apresentadas, as quais passamos a ennumerar:

I — O Espiritismo e a idea de pátria, pelo Dr. Luiz Autuóri.

II — O Espiritismo e as leis sociais, pelo Dr. Henrique Andrade.

III — O Espiritismo e as religiões, pelo Dr. Carlos Imbassahy.

IV — O Espiritismo e a educação, pelo prof. Leopoldo Machado.

V — O Espiritismo e os seus fundamentos cientificos, pelo Dr. Azevedo Silva.

VI — O Espiritismo e a medicina, pelo Dr. Levindo Melo.

VII — O Espiritismo e a psiquiatria, pelo Dr. Inácio Ferreira.

VIII — O esperanto e a sua grande influência na fraternidade humana, pelo prof. Ismael Gomes Braga.

— A peça espirita, intitulada «A volta de Peter Grimm», esteve em cena, durante cêrca de dois anos em Nova-York, sempre com pleno êxito. O assunto

(Conclue na página 30)

Organização e funcionamento dos Grupos Espiritas Familiares

pelo Dr. Pedro Dias de Sousa

Ficou suficientemente esclarecido no meu artigo anterior (1), não só com as transcrições feitas do *Livro dos Médiuns* de Allan Kardec e da obra de Léon Denis, *No Invisível*, como pela própria análise dos resultados até agora obtidos, entre nós, em matéria de Espiritismo experimental, que a falta de valor probatório, de elevação moral e de interesse científico que é apanágio da esmagadora maioria das sessões práticas, se deve, sem dúvida e principalmente, ao facto de ser muito elevado, regra geral, o número de assistentes às referidas sessões.

Dêste defeito inicial decorrem, necessariamente, todos os outros, o que é suficiente para condenarmos o processo e tentarmos outro em que, pelo menos, não tenhamos que enfrentar essa dificuldade.

Quando pomos em relêvo, como causa do insucesso das sessões experimentais, o número elevado dos assistentes, não desejamos, de forma alguma, que se conclua, que essa circunstância é a única a influir, ou que haja restrições definitivas para os assistentes, pois, como diz Allan Kardec, «não há limite algum para o número, e compreende-se que cem pessoas suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que dez distraidas e ruidosas» (2).

É evidente, contudo, como acrescenta o mesmo autor, que quanto maior for o número, mais difícil será conseguir completo recolhimento e perfeita comunhão de pensamentos, condições indispensáveis à boa produção dos fenómenos. E, porisso, conclui: «A dificuldade de reünir muitos elementos homogéneos, leva-nos a dizer que no interesse dos estudos e pelo bem da própria Causa, as reüniões espiritas devem visar de preferência *multiplicarem-se em pequenos grupos*, em vez de procurarem constituir-se em grandes aglomerados» (3).

Julgamos ter dito o bastante para *vencer* e *convencer* de que o sistema dos Grupos Familiares de um muito limitado número de pessoas, deve ser preferido por quem deseje fazer Espiritismo experimental.

* * *

Vejamos, agora, como se deve proceder pelo que diz respeito à *organização* dos Grupos Espiritas Familiares.

O primeiro cuidado de quem deseje organizar um dêsses Grupos, deve ser o de reünir um núcleo de pessoas, *crentes sinceras*, de preferência dum e doutro sexo e que possuam *evidentes afinidades psíquicas*, quere dizer, entre as quais reine uma atmosfera de grande benevolência e franca simpatia.

Se o Grupo já dispuzer de médium ou médiuns, essa benevolência e simpatia devem ser-lhes extensivas e, evidentemente, correspondidas sem reservas.

Um Grupo que se constitua menosprezando esta indicação, por a considerar supérflua ou de sòmenos importância, começa mal, e ninguém deve ficar surpreendido se os resultados não corresponderem à espectativa, pois compreende-se que num meio em que a má vontade e a indiferença assentam arraiais, não será fácil obter fenómenos que dependem, principalmente, duma perfeita homogeneidade de bons pensamentos.

---

(1) Vide N.º 1 desta Revista — *Espiritismo Experimental*.

(2) O Livro dos Médiuns.

(3) Idem (O itálico é nosso).

Em seguida, é *conveniente* que, além de crentes sinceros e de possuirem evidentes afinidades psíquicas, os componentes do Grupo tenham, pelo menos, algumas noções da parte experimental, moral e filosófica do Espiritismo, a-fim-de poderem acompanhar, sem hesitações, dúvidas ou surpresas, o desenrolar dos acontecimentos.

É *indispensável*, finalmente, que todos estejam firmemente dispostos a empreender e prosseguir um estudo sério, persistente e desinteressado do Espiritismo.

Podemos, portanto, resumir, nos seguintes pontos, as condições necessárias a uma boa experimentação :

Perfeita comunidade de vistas e de sentimentos ;

Simpatia e benevolência recíprocas ;

Exclusão de todo o sentimento contrário à verdadeira caridade cristã ;

Desejo de se instruir e aperfeiçoar pelo ensino dos bons Espíritos, e de se aproveitar dos seus conselhos ;

Concentração e silêncio respeitoso durante as comunicações com os espíritos.

Não se pode perder de vista que as pessoas escolhidas para constituirem o Grupo, devem dispor livremente de si próprias, a-fim-de serem pontuais e assíduas aos trabalhos.

Num primeiro exame, poderá parecer difícil reünir um grupo de pessoas tôdas possuidoras destas qualidades que vimos de indicar. Lembremo-nos, porém, que um Grupo pode começar a funcionar com um número muito reduzido de assistentes, e à medida que for aparecendo quem reüna as condições aconselhadas, se irão preenchendo os lugares, até ao número máximo de dez.

Quem organiza um Grupo e pretende trabalhos sérios e proveitosos, não tem que preocupar-se com a *quantidade*, mas com a *qualidade* dos assistentes, pois vale mais pouco e bom do que muito e mau.

* * *

Quanto ao *funcionamento* dos Grupos Espiritas Familiares, vamos indicar as regras mínimas a que, em nossa opinião, deve obedecer. Fica, no entanto, livre a sua modificação, desde que a ela presida um elevado juízo crítico.

Como se verificará, algumas dessas regras são de tal forma imperiosas, por evidente necessidade, que não é de aconselhar qualquer alteração.

Escolhidas as pessoas que hão-de fazer parte do Grupo, elegerão, de comum acôrdo, o presidente e dois secretários, devendo a escôlha do primeiro recaír sôbre quem possua maior soma de conhecimentos do Espiritismo e esteja em condições de se impôr aos restantes e aos próprios espíritos pela moralidade da sua conduta pública e particular.

Ao presidente incumbe a orientação dos trabalhos, a manutenção da ordem e a catequese dos espíritos ; aos secretários, a recolha das comunicações, a elaboração e leitura das actas e a redacção da correspondência do Grupo.

As sessões, que se realizarão quinzenal ou semanalmente, deverão sê-lo sempre às mesmas horas, nos mesmos dias do mês ou da semana e no mesmo compartimento, que só em último caso será quarto de dormir ou sala de refeições, e serão divididas em duas partes : Na primeira, cuja duração não deverá ir além de três quartos de hora, far-se-á a leitura da acta e das comunicações da sessão anterior, leitura de trechos escolhidos de livros e revistas e ligeira palestra feita pelo presidente ; na segunda parte, cuja duração não deverá ir além de uma hora e meia, proceder-se-á à experimentação.

Sob pretexto algum se deve dar começo a uma sessão sem prévia preparação do ambiente por meio duma concentração.

Os trabalhos serão encerrados com preces adequadas.

Para que as sessões possam iniciar-se às horas marcadas, é indispensável que os componentes do Grupo compareçam com a devida antecedência, que poderá ser, por exemplo, dum quarto de hora, abstendo-se, durante êsse tempo, de conversas que possam perturbar o ambiente que é necessário preparar e manter durante a sessão.

Os lugares, prèviamente designados pelo presidente, serão sempre os mesmos e só poderão ser alterados por indicação do Guia espiritual do Grupo ou por desistência definitiva do seu ocupante.

Os assistentes formarão um semi-círculo em frente do médium ou médiuns, à esquerda ou ao meio dos quais tomará lugar o presidente.

A menos que se trate de médiuns com perfeito e absoluto domínio sôbre si próprios,

e que possam, portanto, alternar-se nas manifestações, não deve estar presente mais de um médium de encorporação.

As sessões devem decorrer num ambiente de grande e elevado espírito cristão, num culto ardente e fervoroso a Jesus, num apêlo constante ao auxílio dos Espíritos superiores e no desejo sincero de contribuír para o melhoramento dos atrazados e de conseguir o próprio avanço espiritual através dos ensinamentos que fôrem ministrados.

Embora consideremos indispensável a orientação nitidamente cristã das sessões espíritas, desejamos, contudo, excluir o fanatismo, por o considerarmos contrário a uma boa e lógica apreciação dos factos, e em Espiritismo o que mais interessa é analisar e concluir livremente. Ao presidente do Grupo, caberá, portanto, moderar todos os exagêros que possam afastar os presentes dêste objectivo.

Pelo que respeita a visitantes, não deverá o presidente admiti-los senão em número muito reduzido, dois, por exemplo, e só quando os trabalhos do Grupo estejam a decorrer com tôda a normalidade e os seus componentes absolutamente seguros de poderem conseguir uma firme e conveniente concentração. Essas visitas, porém, e para as mesmas pessoas, não deverão ser consentidas mais de duas ou três vezes, por razões que fàcilmente se compreendem.

* * *

Referir-nos-emos, agora, ainda que a traços largos, aos médiuns, que teem, também, a sua disciplina e regras especiais a observar.

Pela missão que são chamados a desempenhar nos Grupos Familiares, os médiuns devem dedicar-se-lhes inteiramente, e não realizarem trabalhos fóra dos dias destinados às sessões.

Por razões óbvias, é da maior conveniência que, salvo casos de fôrça maior, sejam assistidos sempre pelo mesmo director.

O médium não deve prestar-se a experiências fóra do ambiente do seu Grupo, especialmente as magnéticas, hipnóticas e as hipnó-magnéticas.

Nos dias destinados a trabalhos, os médiuns devem tomar as suas refeições por forma a que a digestão esteja terminada quando começar a sessão, visto que a digestão, exigindo um gasto de energia considerável, prejudica as manifestações e a boa marcha dos fenómenos.

Quando o seu estado de saúde o não permita ou, por qualquer circunstância, sintam enfraquecidas ou anuladas, momentaneamente, as suas faculdades, devem os médiuns declará-lo lealmente, em vez de tentarem a fraude ou fornecerem fenómenos insignificantes.

Quando tal aconteça, os Grupos aproveitarão o tempo fazendo leituras dos livros aconselhados.

* * *

Responde-se nêste artigo a tôdas as preguntas que nos teem sido feitas a propósito da organização e funcionamento dos Grupos Espiritas Familiares.

O Centro «Luz e Amor», por intermédio da sua Direcção, fornecerá aos sócios que o solicitem, o regulamento interno para as sessões e orientará os trabalhos do Grupo, auxiliando a pesquisa e o desenvolvimento das diversas mediunidades.

FALAM OS SÁBIOS

Sir William Barrett, professor de física na Universidade de Dublin, membro da *Royal Society :*

«Por minha parte, estou absolutamente convencido de que a ciência psíquica provou, experimentalmente, a existência duma entidade transcendente e imaterial, duma alma *no homem. Estabeleceu, igualmente, a existência dum mundo espiritual e invisível de sêres vivos e inteligentes, que podem comunicar connosco, quando se lhes oferece ocasião favorável. Acrescento, que, a-pesar-de muitas ilusões, de simulações e outros erros, há uma massa crescente de provas que convergem a favor da sobrevivência do homem à morte e à dissolução do corpo e do cérebro. Não tenho, a tal respeito, a menor dúvida, bem que seja ainda necessário obter muitas provas, para se estar certo de que a personalidade dos que viveram na Terra, se não altera depois da desencarnação». (Au Seuil de l'Invisible).*

* * *

Dr. Ochorovicz, professor na Universidade de Lemberg :

«Quando me recordo de que numa certa época eu me admirava da coragem de W. Crookes em sustentar a realidade dos fenómenos mediúnicos ; quando reflito sobretudo que li as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava a cara dos seus colegas ao simples enunciado destas coisas, eu coro de vergonha por mim próprio e pelos outros».

NOVOS RUMOS

(Palestra realizada por Isidoro Duarte Santos, Presidente da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, no acto inaugural dos trabalhos do mesmo Centro, relativos a 1939-940).

Meus prezados confrades:

O *Centro Espiritualista Luz e Amor está em actividade. Creio que deve ser acontecimento digno de registo nos anais do Espiritismo português, sobretudo numa hora em que o património espiritual do mundo sofre os embates de um materialismo que já não cuida de ocultar os seus desígnios.*

Pois bem. Como espiritualistas que somos, não poderíamos ficar indiferentes à obra destruïdora que se vai exercendo no planeta. E, sentindo que alguma coisa de útil nos seria dado empreender, dentro do campo espirita, congregámos elementos dispersos, reünimo-los em tôrno de um pensamento cristão e altruista, polarizador de muitos anseios ligeiramente esboçados, e reorganizámos o antigo Centro Espiritualista Luz e Amor, que não dera por terminada a sua missão, pelo facto da maioria dos seus associados terem ingressado, então, na recém-nascida Federação Espirita Portuguesa.

A prova disso está no facto que se comemora. A prova disso está no facto de muitos antigos sócios do Centro se encontrarem entre nós.

Graças a Deus, que podemos difundir a Doutrina Espirita, pela palavra e pela pena, à sombra da lei que nos rege a todos! Graças a Deus!

Por isso, o dia de hoje é de alegria infinita para aqueles que tudo sacrificaram para pôr em marcha esta idea consoladora.

Vemos de pé o nosso querido baluarte; sentimos o calor do vosso entusiasmo, vibrando intensamente ao sabor duma vontade enérgica de rejuvenescimento espiritual; avaliamos a extensão dos novos horizontes que se oferecem à propaganda, na ascensão prodigiosa que aumenta sem cessar; e tudo isto, que é muito, que é muitíssimo, que excede extraordinàriamente a nossa humilde expectativa, dá-nos incentivo a novos empreendimentos, impele-nos a tarefas mais vultosas, para a consecução das quais faremos apêlo a tôdas as fôrças da nossa vida.

*

* *

Meus prezados confrades:

Para tudo é necessário entusiasmo e fé. Para tudo é necessário trabalhar com afinco, pondo na obra a própria alma em prece votiva, como penhor de obrigação que se cumpre alegremente.

Sem sacrifício, sem renúncia, não há ideas que progridam, não há ideas que triunfem. Só o sacrifício e a renúncia de uns tantos que trocaram a comodidade natural da sua vida pela luta profícua, indiferentes à môfa de certos intelectuais, poderiam ter impulsionado uma doutrina filosófica que tantos obstáculos encontrou no seu caminho, não obstante a racionalidade dos seus postulados. Nem doutra maneira se poderá explicar a vertiginosa expansão do Espiritismo.

É verdade que êle tem detractores de respeito, prontos a vibrar o golpe de morte nos adversários que os prejudicam. Mas também é verdade que muitos dêsses

plumitivos acabam por se render à evidência e se transformam, a breve trecho, em acérrimos defensores do que tão ardorosamente combateram.

*
* *

Os dirigentes do Centro Espiritualista Luz e Amor avaliam bem a grandeza das suas responsabilidades e sabem até onde chegam as suas fôrças. Por isso, não prometem, para não faltar. Procurarão elevar o Ideal, na medida do possível, dentro dos seus limitados conhecimentos.

Isto já é alguma coisa. Ter boa vontade e pô-la ao serviço da emprêsa comum, sem olhar a sacrifícios, deve ser motivo de confiança no futuro.

Nós confiamos no futuro. E o nosso passado responde a quaisquer dúvidas que se apresentem acêrca da nossa idoneidade.

*
* *

O Centro Espiritualista Luz e Amor não aspira a sedes pomposas, porque a sua obra será realizada a-través-de grupos familiares, organizados em casa dos sócios que o solicitem, e do seu órgão Estudos Psíquicos, *que já conheceis e que se esforçará por melhorar o seu conteúdo, mercê de colaboradores fieis que não arredam pé da trincheira.*

Há, porém, uma coisa, a que desejo fazer referência. É preciso imprimir carácter à nossa agremiação, torná-la inconfundível. É forçoso que todos trabalhem, melhorando constantemente as suas qualidades morais, pela leitura, pela meditação dos bons livros e assistindo regularmente às nossas sessões periódicas, que serão anunciadas oportunamente. Visar os defeitos que temos dentro de nós e pretendem manietar-nos, deve ser o nosso primeiro objectivo. Depois, temos que aprender a não julgar, para não ser julgado, visto que seremos medidos na medida em que medirmos, como disse o Cristo, nosso Guia e Mestre. Porque os juízos temerários devem ser afastados da consciência. Antes de apontar as fraquezas alheias, será bom que meditemos nas nossas. Em resumo, isto não significa que nos devamos abster de apreciações, mas tão sòmente que se deve preferir sempre a defensiva à ofensiva. A defesa é lógica, é humana. Só não se defende, quem não tem armas para tal. Contudo, mesmo na defensiva, é indispensável que sejamos cristãos, que sejamos espiritas.

*
* *

O Centro Espiritualista Luz e Amor não impõe normas draconianas aos sócios que dêle fazem parte, mas entende que é dever de todos prestar o máximo auxílio à obra que se está realizando, pois só dêsse concurso podem vir as energias necessárias à consolidação do nosso agregado social.

Geralmente, o adepto é arrastado pelos primeiros entusiasmos e, nessa altura, sente-se capaz de coisas admiráveis. Ninguém duvida desta verdade indestrutível.

Temos visto emprêsas florescentes, levadas a efeito assim, mercê de oportunismos bem aproveitados. Mas não desconhecemos a existência doutras, às quais não bastou aquele entusiasmo e que perderam o valor ou pereceram, devido à falta de apôio moral e material dos que as ergueram e não souberam conservá-las, dos que as fundaram e não souberam mantê-las. Pois esta agremiação será o que nós quisermos que ela seja, se, de facto, soubermos querer, de verdade. Pelo contrário, sofrerá o destino de tantas outras, se não vigiarmos pelo seu bom nome, dando exemplos de isenção, pondo no nosso trabalho todo o desinterêsse de que somos susceptíveis.

*
* *

Meus prezados confrades:

No meio de todos os solavancos sofridos nestes cinco meses de organização intensiva, alguns momentos houve de inesquecível prazer espiritual. Tivemos ocasião de verificar, por cartas que pos-

suímos, subscritas por confrades de todas as latitudes e pertencentes a tôdas as classes sociais, o entusiasmo que encheu os corações, quando souberam da reorganização do nosso Centro.

E vieram os da velha guarda, cavaleiros andantes da Doutrina, sempre dispostos ao bom combate. E vieram os de longes terras, ardorosos, entusiásticos, prazenteiros, oferecendo o seu abraço, em desejo ardente de união fraternal...

E não faltaram os doentes, nem os encarcerados, nem aqueles que, por se encontrarem em penúria extrema, não podiam pagar as suas cotas.

Vieram muitos. Vieram tantos que o seu número caminha para a terceira centena, em ritmo acelerado, como se uma potência oculta impulsionasse essas boas almas para o nosso grémio. Eis por que eu digo que triunfaremos, se soubermos cumprir o nosso dever de cristãos e espiritas.

Esperamos que assim seja. Esperamos que nos auxiliem na missão de que fomos investidos.

Os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor, unidos sob a bandeira fraternal que nos cobre a todos, contribuïrão, não só para o prestígio do Espiritismo, como para seu prestígio próprio. Quem bem cumpre, reveste-se de fôrça moral e é elevado na consciência dos seus contemporâneos.

Façamos tudo para que assim seja. Façamos tudo para que não haja motivos de arrependimento, dentro da família espiritual a que pertencemos. Façamos tudo para desfazer boatos que circulam, segundo os quais desejamos guerrear irmãos em crença, quando, a-final, todos os dias oramos por aqueles que nos possam querer mal e desejar o nosso aniquilamento. Para êsses possíveis adversários, erguemos todos os dias as nossas preces amigas, porque o nosso fim não se coaduna com processos de violência.

O nosso fim é mais elevado e nobre. O nosso fim é promover a comunhão das almas e libertá-las do tumultuar de paixões que arrastam às piores conseqüências. O nosso fim é encaminhar o homem para rumos novos, cheios de esplendorosas realidades.

O 2.º Congresso Espirita Português, cuja idea acaba de ser lançada por Estudos Psíquicos *e já está sendo acarinhada por valiosos elementos, poderia ter realização, se os nossos prezados confrades soubessem compreender o alcance de tal empreendimento e lhe dedicassem a sua atenção. Êsse Congresso poderia ser levado a efeito com o concurso da Sociedade Teosófica e constituiria excelente parada de fôrças espirituais, erguidas contra o reduto do materialismo feroz.*

Não esqueçamos que foi o Centro Espiritualista Luz e Amor que promoveu o 1.º Congresso Espirita Português, em 1925, donde saíu a Federação. Porque não há-de ser o mesmo Centro o organizador do 2.º Congresso? Tenhamos fé e não percamos a esperança.

Como se vê, o nosso fim é mais elevado e nobre. Em vez de destruir, como homens sem fé e negadores sem base, procuramos construir honestamente e sinceramente.

Em vez de estimular a confusão geral, como fazem tantos, cuja ideologia assenta em falsos alicerces, prègamos a renúncia às lutas estéreis e procuramos harmonizar os actos com as palavras.

Nada fazemos por nós.

Tudo pelo progresso e prestígio do Espiritismo, tudo pela união fraternal da família espirita, legendas do nosso trabalho modesto, mas porfiado e incessante.

Esta bandeira é o nosso refúgio.

Esta bandeira é o nosso lema.

PENSAMENTOS

Pode-se descender, por graus quási insensíveis, desde a criatura mais perfeita até à matéria mais ínfima, desde o animal mais bem constituído até o mineral mais bruto.

Buffon

Padre cristão é uma denominação contraditória: o objectivo histórico para o qual tende o cristianismo é a abolição de qualquer sacerdócio interpôsto entre o homem e a verdade.

Chevalier Le Clement de St-Marcq

Nos sacerdotes, como no povo, a ignorância é muito mais de recear do que as luzes.

Massillon

Fenómenos Metapsíquicos

pelo Dr. Rodrigo Sanz

II

(Tradução de I. D. S.)

11. — O facto da simpatia ou antipatia instantânea, mútua e definitiva, entre duas pessoas, é também fenómeno telepático; e muito caracteristicamente, porque consiste em metagnose recíproca de duas almas que sintonizam o que toca os seus sentimentos fundamentais. Mas constituem espécie própria, porque a mútua metagnose se deve, provavelmente, a lembrança inconsciente (a *histerésia*, direi, tomando o vocábulo e a imagem da Física) de amizade ou inimizade das duas almas, em vida terrestre anterior.

Contentar-me-ei com esta maneira e conceito de tais fenómenos.

12. — Já não são telepáticos os de reconhecimento de lugares, coisas ou pessoas, que vemos pela primeira vez. Porque consistem, definidamente (não se vê outra explicação), em reminiscências *concretas* da vida corporal anterior.

São muito mais comuns do que se julga, pelo menos nas crianças, ainda que se extingam, na maior parte, com a idade.

E formam espécie afim os de preciosíssima e maravilhosa aptidão de talento ou propensão de índole, que sempre causaram a admiração do homem e cuja causa reside em vida ou vidas corporais anteriores. As almas reencarnantes trazem, pois, qualidades a que chamamos *inatas*, porque se manifestam anteriormente a tôda a educação da criança e, muitas vezes, contra tôda a educação e direcção da criança, do adolescente e do adulto; qualidades também de *histerésia (ayerismo*, quere dizer a palavra); formação de sentimentos, disposições intelectuais e propensões activas, com cujo hábito nasce o sujeito ou reencarna a sua alma.

13. — Outro grupo semelhante parecem constituir os fenómenos de *dualidade* ou *pluralidade de personalidade*, que se revelam pasmosos nos casos extremos de predomínio alternante de duas ou mais *personalidades subjacentes* (como sóe dizer-se) que, de quando em quando, oferece o sujeito, qual se fôra outro. Êstes períodos explicam-se como história de uma alma que actuou divergentemente em duas ou mais vidas anteriores e cujo perispírito ainda não atingiu a unificação ou síntese de trabalho.

E ainda que em casos extremos, tais como o memorável de *Félida*, ou o portentoso de Watseka, o fenómeno assombre, não são, por certo, menos de considerar e estudar as idiosincrasias de cada um de nós, quando lutamos connosco próprios e nos achamos como dois sujeitos diferentes, bondoso e cruel, conselheiro e aconselhado, réu e juiz. Que é aquela dualidade penosa e aflitiva de que se queixava S. Paulo, quando dizia que encontrava em si duas leis e dois amos.

14. — E agora passaremos ao muito extenso grupo das *vidências*.

Aquêle amigo que se lembrava de mim no restaurante, creio eu — por outras razões — que era fino receptor de mais de uma freqüência de ondas. E eis aí o conceito daquêle a que chamamos *vidente* ou *sensitivo:* sujeito que tem variados registos metagnómicos e pode receber acção directa de muitas outras almas operantes que, geralmente, podemos receber.

Êstes fenómenos são mais caracterizados e, sobretudo, mais impressionantes, e, por isso, também mais admirados e estudados.

Formam muitas espécies e variados grupos, abundando as vidências *visuais*, as *auditivas*, bem como as *psicométricas* ou de qualidades morais e mentais.

15. — As psicométricas são, na realidade, as mais concebíveis; pelo menos, as mais fáceis. Porque, na comunicação directa de mente a mente, se os sentimentos e movimentos do ânimo são o que de forma mais imediata percebe o sensitivo, claro que a avaliação dêsses efeitos e impulsos por um sensitivo honrado e moralmente bem constituído deve residir na primeira metagnose que êle faça dalguém, visto que a avaliação se produzirá espontâneamente, ou por imediato choque antipático, ou por imediata conveniência simpática com o carácter emissor. Um degenerado, aberrante em emotividade, deve ser *calado*, por choque. Igualmente o colérico, o invejoso, o hipócrita, o dominado por ruim paixão. E um equilibrado, pessoa compreensiva e benigna, deve ser conhecido, acto contínuo, pela harmonia com os sãos efeitos do vidente.

Nos seus graus inferiores, o fenómeno só *nos surpreende*, mas é muito vulgar. Essa aptidão para *fazer calar* uma pessoa, em minutos de conversação, ou por simples gestos, ademanes ou atitudes, é privilégio de muita gente. É a qualidade fundamental das cartomantes, a condição ordinária dos homens de negócio e dos políticos sagazes, e também dos cavalheiros de indústria e aventureiros... E não é menos de estudar, não, nêstes graus inferiores. Não são os pobres naipes, mas a emoção da que vai deitar cartas, que elucida esta última e lhe permite conjecturar e acertar muitas vezes no que diz.

Em graus mais elevados, o fenómeno já é raro e nos *admira*. Há coisa de três anos, recebi o encargo de visitar um recluso em observação num manicómio, para formar juízo àcêrca da possibilidade de solicitar a sua saída, em virtude de haver cessado a perturbação mental de que sofria. Tive o cuidado — porque tais juízos são dificílimos — de levar comigo um vidente de tôda a confiança (o do nosso Ateneu Espirita de Madrid). No diálogo com o recluso, variei os temas, fazendo-os saltar bruscamente, toquei-os de discreta tonalidade sentimental; emfim, procurei provocar reacções espontâneas daquele ânimo, a ver se mostrava indícios de demência. Nenhum observei: nem receio, nem arrogância, nem mania de perseguição. O

nosso vidente olhava e esperava em silêncio; e quando o interroguei, já despedidos do recluso, disse-me: — «Nada vi de anormal: a sua aura é de saúde e as suas mudanças de coloração, emquanto vós conversáveis, eram normais; os sentimentos que percebi, naturais; e tudo o que notei nêsse homem acusa integridade mental: asseguro que já não está perturbado, embora eu acredite que o tenha estado por efeito de possessão». Eis uma psicometria genuína, ainda que auxiliada pela vidência da *aura*, ou emanação constante dos nossos corpos vivos.

E nos mais altos graus, quando o *psicometrado* está ausente, ou já não vive, e o psicómetra tem de perceber as qualidades duma alma, em virtude do que ela tivesse deixado nalgumas linhas escritas ou num objecto de seu uso,... o fenómeno assombra-nos e é então quando se ergue com o nome de *psicometria*. Aludo ao costume de reservar esta palavra para exprimir a averiguação do carácter ou vicissitudes de uma pessoa, em virtude de tactura do vidente sôbre objectos de uso habitual daquela.

Claro, que o fenómeno constitue, então, espécie própria, pois a metagnose não é entre circunstantes, nem há visão da aura, ou faltam actuais vibrações do cérebro, no caso da pessoa ter falecido. A metagnose é, então, aquilo a que chamam *adivinhação*, subtil e desconhecida inferência de impregnações, ignoramos quais, no objecto a que a pessoa transmitiu o influxo, não sabemos como, emquanto foi de seu uso ou lhe foi familiar... Mas, em substância, é o mesmo facto de conhecimento, por via não sensorial, nem normal.

16. — Vejamos um caso psicométrico dos mais notáveis. Ocorreu em 1935, e foi publicado no número de Abril de 1936 do Boletim do «Colégio Britânico de Ciências Psíquicas» (1).

Em Londres, o director duma casa comercial, homem de boa constituïção física, sofreu um dia, pela primeira vez na vida, de um fortíssimo ataque de dores de estômago. Foi tratado em sanatório; diagnosticaram-lhe intoxicação alcoólica; foi tratado, primeiro com morfina, depois com alcalinos e, a seguir, com abstenção de licores. A cura foi breve. O exame radiográfico do estômago acusou integridade perfeita.

Durante dois anos, sobrevieram ataques de seis em seis meses, sempre de igual carácter e fácil cura. E o médico exortou o paciente a abandonar inteiramente o álcool, visto que deixara de o beber, quatro ou cinco vezes, por muitos dias. E a êste respondeu: — «Não tenho o vício dos licores: uso-os, como remédio. Sofro duma doença igual à que meu pai tinha, na sua velhice. E o caso é que, impensadamente, sem causa, nem motivo, *não sou capaz de assinar* nem um cheque de uma libra, porque me encho de suores frios e fico exânime de terror. Notei, então, que, bebendo licores, domino, às vezes, a minha incapacidade. Eis, porque os uso e, por isso, me é fácil abandoná-los nas convalescenças, porque, nessas ocasiões, nada tenho que assinar».

O médico julgou que se tratava duma tara psíquica de mêdo hereditário, que o álcool vencia, mas à custa de graves transtornos. Formou o conceito de que a tara seria dominável por auto sugestão e aconselhou o paciente a que, todos os dias, ao adormecer, pensasse e repetisse, mentalmente: «Amanhã poderei assinar». O paciente verificou alguns efeitos nesta prática; e o médico ideou investigar, psicomètricamente, a etiologia da tara. Assim o propôs ao doente, o qual lhe facilitou um documento de família, um pergaminho que concedia a um ascendente e confirmava a outro, no século dezóito, o livre domicílio em Londres.

A psicómetra, tacteando e manejando o documento, deu êste informe:

— «É caso de mêdo, transmitido por gerações: mêdo colectivo de raça perseguida, mêdo familiar que teve origem numa causa dumas cartas assinadas.

«A família era judia e da maior nobreza, pelos cargos dos seus varões, como chefes de hebreus. Estabelecida em Veneza no século treze, foi perseguida e fugiu para Espanha no século quinze, onde usou o apelido Dávila e se difundiu por várias comarcas do país. Aí por 1480, um rapaz do ramo, estabelecido próximo de Barcelona, casou com uma cristã espanhola de família nobre, cujo pai impôs ao rapaz a abjuração da sua fé. Êste assim fêz; mas, depois de ter sido amaldiçoado pelo pai, começou a sofrer torturas, por traições feitas à sua raça.

«Numa visita a seu pai enfêrmo, resolveu abraçar a sua fé, pelo que sua mulher abandonou o lar conjugal, voltando para a casa dos pais, depois de escrever ao marido a suplicar que anulasse o que fizera, ou ela morria de pena por não o receber nos seus braços. Êle recusou. Ela, porém, insistiu em novas cartas, que caíram nas mãos da Inquisição. Descobriram-se, então, todos os Dávilas e soube-se que eram chefes de hebreus em diferentes partes de Espanha.

«Todos os Dávilas foram processados e confiscados os seus bens; e até alguns cristãos, como o bispo de Segóvia, que era tio em segundo grau do rapaz, sofreram as fúrias da perseguição. O pai do rapaz morreu na prisão, evitando assim, o suplício. E um irmão e uma irmã foram queimados. Êle sofreu o tormento na presença da própria espôsa, julgando assim o Santo Ofício conseguir vê-lo abjurar da sua fé. Bem ao contrário sucedeu, porque, no tormento, viu claramente que ela, com as suas cartas, o perdera a êle, bem como à família dêle. Por isso, as suas últimas palavras foram de ódio indiscritível a sua mulher.

«Ela enlouqueceu. Durante a demência, deu à luz uma criança. Sarou lentamente e viveu na casa paterna. Mas chegaram notícias de que a acusavam de seguir a religião do marido, razão por que seu pai a mandou para Inglaterra, onde tinha pessoas amigas. Em Espanha, propalou-se que a filha tinha falecido; e ela, em Londres, adoptou para o filhito o apelido de J. Sucedia isto em 1490, sendo Torquemada Inquisidor Geral em Espanha.

«O carácter da mãe tornou-se neurasténico. Aborreceu o escrever e nem uma linha escreveu, fôsse para quem fôsse. Proïbia o filho de aprender a escrever e provocava cenas de desespêro, quando o encontrava a escrever... E a criança chegou a homem afectado de melancolia, embora com boa disposição para os negócios, pelo que o seu avô o estabeleceu no comércio londrino, com a condição de manter secreta a sua origem, porque a perseguição continuava em Espanha. E, por fim, o avô teve que cortar tôdas as relações com o seu neto João.

«Faleceu a mãe, tinha João vinte anos. E João tornou-se um activo e próspero comerciante, mas sempre

(1) «El Kardeciano», *do Ferrol, deu-o a conhecer em Espanha, nos seus números de Maio e Junho do mesmo ano de 1936.*

influído por grande timidez, confirmada pelo conhecimento da história de sua família. Às vezes, não podia assinar; e na velhice tinha a mania de estar arruïnado, embora fôsse muito rico. Ambos os fenómenos se repetiram em vários descendentes. E o caso em questão, é uma das repetições do primeiro fenómeno».

A mesma psicómetra, dias depois, manejando uma carta do paciente, deu êste segundo informe:

«— Quem escreveu esta carta, tem tendência para os negócios e tara de timidez, ambas as coisas herdadas. A incapacidade eventual de assinar dormia nêle e despertou ao saber que seu pai também não podia assinar, às vezes. Mas essa tara pode ser dominada, inteirando-o do facto e exercitando-o diariamente, ao deitar, na sugestão de que poderá assinar no dia seguinte. Devem persuadir-lhe um grande afecto ao pergaminho examinado, para adquirir sentimentos de valor, a-fim-de poderem lutar com a sua timidez. No pergaminho permaneceram vibrações dêsses sentimentos e memórias, especialmente do seu primeiro possuidor (1731), que conhecia a história da família na Espanha e na Itália».

Todavia, psicometrando, novamente, o pergaminho, deu terceiro informe. E disse:

«— Há uma causa secundária, no defeito psíquico de J. A tara hereditária, a partir do filho da espanhola, pôde ir intensificando-se durante dois longos séculos, quando um descendente veio a casar com uma senhora *Pushe*, cujo progenitor, nos seus tempos de rapaz, provocara a queda ao rio dum adversário com quem se envolvera em desordem, o qual se afogou. Por êste facto, o pai da senhora *Pushe* tinha-se apaixonado muito, a ponto de não poder assinar com o seu verdadeiro apelido, que mudou para *Pushe*. A filha não apresentou o defeito físico, o qual, nos filhos de J., com quem casou, veio reforçar a timidez e o horror eventual das assinaturas. Sem esta causa secundária, talvez o defeito já tivesse desaparecido no doente».

17. — O que se pôde comprovar com documentos, àcêrca destas informações, foi que, dos antecessores do doente, um obteve, em 1731, e outro, em 1762, o direito de vizinhos livres de Londres; que um filho do de 1762, chamado Roberto, foi residir para outra cidade; que um filho de Roberto casou com uma menina *Pushe*; e que dêste matrimónio precedem, até hoje, dois ramos com vinte e seis descendentes conhecidos, dezassete dos quais tiveram ou têm o tipo físico hebreu, quatro sofreram de dispnêa, dois foram suïcidas e três atacados de incapacidade de assinar.

A história do pai da *Pushe* está averiguada como exacta; mas não pode tomar-se como prova da vidência, porque já era do conhecimento do médico e da psicómetra. Esta, pelo contrário, ignorava a mania de *estar arruïnado*, que afirmou em vários ascendentes e se comprovou em dois dêles, filho e neto do casado com a *Pushe*.

Quanto à ascendência de 1731, a vidência não pôde comprovar-se de maneira positiva. É certo que depois da tomada de Constantinopla por venesianos e franceses em 1204, houve muitos judeus em Venesa, que residiram ali sempre com pouca permanência (expulsos em 1394 e readmitidos no ano seguinte por necessidades bancárias da cidade, excluídos de certas profissões em 1423, etc.).

Também é certo que em Espanha, em 1391, muitas famílias judias se converteram aparentemente, por com a sua fé; que em 1478 D. Isabel I solicitou bula do Papa Xisto IV para estabelecer a Inquisição em causa da perseguição, mas continuando em segrêdo Castela, especialmente contra judeus e judaïzantes; que ficou estabelecida em 2 de Janeiro de 1481, começando os suplícios em 6 de Fevereiro, com a queima de seis pessoas em Sevilha; que em 17 de Outubro de 1483 foi nomeado Inquisor Geral Frei Tomaz de Torquemada, que desempenhou o cargo durante 15 anos (até que morreu, em 1498), tendo feito queimar 2.200 pessoas e processar 17.000; que em 1487, com causa nos motins de Teruel, Valência e Barcelona, contra a Inquisição, Torquemada mandou nomear Afonso de Espina Inquisidor em Barcelona, o qual tomou posse do cargo em 25 de Janeiro seguinte (1488); que em 1500 continuava a cruel perseguição sob o signo de Frei Diego de Deza; e que a-final os perseguidos não foram só judeus de raça, mas também cristãos casados ou aparentados com judeus, cujos bens se confiscavam igualmente.

Mas entre os apelidos de vítimas não consta averiguado o Dávila. Constam, sim, casos de famílias inteiramente análogos ao descrito pela psicómetra.

Bastará o comprovado, para que a vidência nos assombre. De resto, o tratamento do paciente foi puramente psicológico, depois das informações e, nos meses transcorridos até o relato, a incapacidade de assinar não se apresentou novamente.

«Sou outro homem» — escrevia o interessado.

A PAIXÃO DA CONQUISTA

A paixão da conquista assume aspectos diferentes, segundo os homens e o meio. É ela que inspira tôdas as grandes aventuras. Levou Pasteur à renovação da medicina, Mussolini à construção duma grande nação, Einstein à criação dum universo. Arrasta os bandidos modernos ao roubo, ao assassínio, à exploração económica e financeira da sociedade. Edifica os hospitais, os laboratórios, as universidades, as igrejas. Impele o homem para a riqueza ou para a morte, para o heroísmo ou para o crime. Mas nunca lhe dá a felicidade.

(*Aléxis Carrel* — «O Homem, êsse Desconhecido»)

O ESPIRITISMO

«O Espiritismo não considera princípio absoluto senão o que é demonstrado com evidência, ou o que ressalta lògicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais presta o apôio das suas próprias descobertas, êle assimilará sempre tôdas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, chegadas ao estado de verdades práticas e saídas do domínio da utopia. Sem isso, êle suïcidar-se-ia; deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu providencial. O Espiritismo, marchando com o progresso, não será nunca ultrapassado, porque, se novas descobertas demonstrarem que está em êrro num determinado ponto, êle modificar-se-á nesse ponto; se uma nova descoberta se fizer, êle aceitá-la-á.»

ALLAN KARDEC

Balzac e os fenómenos supra-normais

pelo Coronel Faure da Rosa

I

Balzac, na juventude, durante três ou quatro anos, exerceu diversas profissões: escrevente no cartório dum advogado, depois editor e estudante. Presume Stefan Zweig que teria sido durante êstes curtos anos que colheu tôda a sua ciência, tôda a quantidade inexplicável e inconcebível de factos que o levou ao conhecimento de todos os caracteres e fenómenos (1).

Para Balzac, a missão mais alta do artista era registar a marca do orgânico no inorgânico e as influências da matéria no espírito.

«Porque não escrevem a tragédia da estupidez?»— dizia Balzac. ¿«A da vergonha, a da timidez, a do aborrecimento?»

Amou a química, estudou as obras de Cuvier e de Lavoisier. Apaixonado pela doutrina de Gall e de Laváter, cada rosto era, para êle, uma charada a decifrar. Pretendia reconhecer no rosto de cada indivíduo uma fisionomia de animal; julgava poder distinguir, por sinais secretos, as pessoas votadas à morte; vangloriava-se de poder dizer a profissão de qualquer pessoa que passasse na rua, segundo o seu rosto, a sua marcha, o seu traje.

A sua maior ambição era parecer-se com os homens de fôrças concentradas que podem não sòmente descobrir as coisas momentâneas, mas ainda penetrar o passado e o futuro. Queria irmanar-se aos quiromantes, aos adivinhos, aos fabricantes de horóscopos, aos videntes, emfim, a todos aqueles que, dotados do olhar penetrante da segunda vista, pretendem reconhecer as coisas interiores e o ilimitado, a todos aqueles que, olhando as linhas da mão, podem desenrolar o caminho da vida passada e predizer o futuro.

Semelhante olhar mágico — dizia Balzac — não é dado senão àquele que não dispersou a sua inteligência em mil direcções, mas que a economizou em si próprio para a dirigir num sentido único.

O próprio Balzac não conseguia compreender a sua clarividência intuitiva. Quando começou a escrever, o conhecimento da vida estava já reünindo em si, de forma misteriosa...

Stefan Zweig considera o maior enigma da história universal saber como, quando e donde veio ao espírito de Balzac tôda essa extraordinária provisão de conhecimentos respeitantes a tôdas as profissões, a tôdas as matérias, a todos os temperamentos e a todos os fenómenos. Balzac conheceu tudo: os processos, as batalhas, as manobras da Bôlsa, as especulações imobiliárias, os segredos da química, as combinações dos perfumistas, os artifícios dos artistas, as discussões dos teólogos, a vida dos jornalistas, os bastidores do teatro, e o teatro da política. Conheceu a província e o mundo... Possuía uma sabedoria verdadeiramente enciclopédica...

Foi dos seus sonhos que êle fêz surgir os *fjords* da Noruega, os baluartes de Saragoça — sem nunca os ter visto — e, contudo, eram semelhantes à realidade.

Enigma e mistério, decifra-os fàcilmente a doutrina das vidas sucessivas, única que pode explicar tão variada profusão de conhecimentos, certamente adquiridos em vidas anteriores. Balzac foi um dos melhores exemplares do reencarnacionismo, dispondo dum poder excepcional de objectivação.

Conta-se que, na mocidade, Balzac, na sua mansarda, comia pão sêco — a sua miserável e habitual refeição — diante de contornos de pratos por êle desenhados a giz na mêsa de trabalho, onde prèviamente inscrevera os nomes dos mais finos manjares, a-fim-de sentir no pão sêco, por auto-sugestão, o gôsto das iguarias mais caras. E assim como julgava sentir o gôsto dêsses manjares, assim sentia verdadeiramente, assim saboreava desmesuradamente todos os encantos da vida nos elixires dos seus livros. Iludia a própria pobreza com a riqueza e o fausto das suas personagens.

Balzac acreditava na doutrina de Mesmer, na transmissão magnética da vontade de um médium para outro; acreditava que os dedos eram redes de fogo irradiando vontade e ligava esta concepção às espiritualizações de Swedenborg.

É no seu livro «Os abutres de Nemours» que Balzac vive, nas suas personagens, os factos supranormais ali desenvolvidos.

Primeiramente, porém, para a boa compreensão dêsses factos, convém dizer em que consiste a doutrina de Mesmer e a de Swedenborg.

MESMER (2)

Médico alemão, considerado o fundador da teoria do magnetismo animal que ficou conhecida sob o nome

de *mesmerismo*. Atribuiram-se ao *mesmerismo* curas maravilhosas operadas em Paris (1779-1785).

Mas antes de Mesmer e, depois, simultâneamente, outros, em outros países, tinham realizado e realizavam curas, também tidas como maravilhosas.

Em Inglaterra, o irlandês Valentim Greatrakes (1628-1700), descobriu em si — pela revelação duma voz interior, dizia êle — a propriedade de curar tôda a espécie de doenças para o que lhe bastava a simples aposição das mãos ou dar fricções. Greatrakes agia como se uma espécie de virtude emanasse dêle.

Diz uma testemunha ocular de então: «Com a aposição das mãos, êle afugenta a dor e expulsa-a pelas extremidades. Algumas vezes o efeito é muito rápido: vi doentes curarem-se como que por encanto. Se a dor não cedia logo, repetia as fricções e ia-a deslocando, conduzindo até às extremidades, por onde a fazia sair. Posso afirmar, como testemunha ocular, que Greatrakes curou vertigens, epilepsias, úlceras inveteradas, tumores cancerosos no seio, alguns dos quais existiam há muitos anos. Muitas vezes acontecia ser a cura excessivamente lenta, e doenças havia que resistiam a todos os cuidados, fôsse por estarem demasiado adiantadas, fôsse por a rebeldia devesse atribuir-se à compleição do doente. Parecia que do corpo de Greatrakes saía uma emanação balsâmica e salutar».

Greatrakes não acreditava que a faculdade lhe adviesse de dom sobrenatural, nem atribuia as curas a milagres ou a qualquer influência divina.

Três quartos de século mais tarde, um ex-jesuita, Gassner, na Suíça, também fazia curas que os seus numerosos partidários qualificavam de miraculosas. Gassner curava por meio de exorcismos. O que, sobretudo, lhe importava, era averiguar se o doente sofria de doença natural ou diabólica.

Para isso, ordenava a Satanás, com três interpelações e três sinais da cruz, que se manifestasse. Se o diabo não respondia, Gassner concluía que a doença era natural e tratável com remédios ordinários. Mas se o doente tinha convulsões, a presença do diabo era indubitável, conforme o critério de Gassner que, imediatamente, tratava de o expulsar do corpo do possesso por meio de palavras sagradas ou pelo contacto de objectos religiosos.

Uma recaída significava que ou o doente tinha pecado ou perdera a confiança.

Um outro curador célebre — a quem chamavam «Doutor da lua» porque aliviava as doenças por influência dêste astro — operava em Berlim, por volta de 1780. Era um fabricante de meias de lã chamado Weisleder. Curava tôda a espécie de males ostensíveis, como fracturas — expondo-os aos raios da lua e murmurando preces. A sua clientela era tão numerosa que durante os três dias da lua nova em cada mês — os seus prodígios tinham esta limitação de tempo — recebia cêrca de mil pessoas desde as quatro horas da tarde até à meia noite.

Weisleder não aceitava dinheiro, mas em compensação, a mulher dêle que, especialmente, curava as damas, essa não o recusava; e, por fim, até para entrar em casa do doutor se tornou indispensável ser acompanhado dum bilhete que contivesse um mínimo estabelecido de dinheiro.

Em Viena de Áustria (1774), cabia a um jesuíta praticante — o P.e Hell, professor de astronomia — fazer curas reputadas maravilhosas.

Êste jesuíta operava por intermédio de varões de metal magnetizado, cujas virtudes medicinais já séculos antes, Paracelso, indicava o seu emprêgo como remédio para a dor de dentes. Também o P.e Kircher verificava a utilidade dos varões de metal magnetizado para acalmar convulsões, curar dores e doenças nervosas.

Dizia-se que o jesuíta vienense fizera mais e melhor: que curara uma dama duma doença crónica do coração e que êle próprio se desembaraçara dum ataque de reumatismo agudo.

Mesmer, na opinião de Gerin-Ricard (3) foi o verdadeiro criador do magnetismo moderno. Estreou-se com uma tese acêrca da influência das plantas. «Os corpos celestes — escrevia Mesmer — exercem influência sôbre os corpos animados, em virtude da sua fôrça, e, por conseqüência, no sistema nervoso».

Como ainda não eram conhecidas as leis de Galileu e de Newton sôbre a atracção, a teoria de Mesmer foi considerada abstracta. Mesmer procurou, então, outra coisa mais ao alcance da inteligência popular.

Depois de ter visto operar o P.e Hell — o jesuíta vienense, professor de astronomia — abriu uma casa de saúde em Viena. A teoria do seu tratamento fundava-se na existência dum magnetismo diferente do do íman e independente da electricidade, a que deu o nome de gravitação ou magnetismo animal.

Mas os sábios de Viena, estorvados na sua quietude, protestaram contra a nova doutrina que ia perturbar a ciência adquirida. Para fugir à tempestade, foi viajar. Na Suíça interessou-se pelas curas de Gassner que êle explicava pela sua teoria do magnetismo animal.

Depois de regressar, para experimentar o seu poder magnético, tratou uma rapariga de 18 anos de idade, cega desde os 4. Por tôda a parte propalou que restituíra a vista à cega. Ninguém o acreditou. Interveio a autoridade que lhe deu ordem para «acabar com a charlatanice».

Desgostoso, foi fixar residência em Paris onde quis provar as suas teorias. Estava então sendo tratada duma doença do fígado e de gôta serena, pelo médico

Storck e pelo ocultista Wenrel, uma rapariga de 17 anos, sem resultado satisfatório. Mesmer substituiu os dois. E só êle, com dois ajudantes, depois de 3 meses de tratamento, não só a curou do fígado, mas também — o que era mais fácil de verificar — fizera-a recuperar a vista.

Esta cura transformou em discípulos um certo número de detractores, entre outros, o médico Deslon. Estas primeiras conversões produziram outras. A-pesar-da atitude da Academia das Ciências, a sua reputação subiu tanto que a Côrte julgando de utilidade pública propagar uma ciência tão bemfazeja, mandou-lhe oferecer a pensão vitalícia de trinta mil francos por ano. Julgando esta quantia insuficiente, deixou a França e levou consigo alguns doentes para as águas de Spa.

Entretanto, o discípulo Deslon traía-o. Conhecedor do segrêdo de Mesmer, Deslon tratava por dinheiro. Mesmer encolerizou-se e só se acalmou quando um dos doentes, M. de Bergane, teve a idea de se associar com um certo número de admiradores ricos para ajudar o mestre, o qual, por seu lado, se comprometia a revelar a sua doutrina e o seu método.

Foi então que Mesmer instalou o seu consultório num magnífico palacete da praça Vendôme.

Inventou, nessa ocasião, a sua famosa *celha* de madeira de carvalho, de um pé ou pé e meio de altura, que colocava no meio duma grande sala. A celha continha água e diversos objectos, tais como: vidro em pó, limalha, etc., ou ainda êstes objectos sem água e sem que qualquer dêles estivesse electrizado ou magnetizado. Dentro da celha havia, também, garrafas de água magnetizada, rolhadas, com o gargalho voltado para o centro e, ainda, uma segunda camada de garrafas, nas mesmas condições, mas com o gargalo voltado para a circunferência. O vidro e a limalha serviam, apenas, de corpos condutores. Da tampa, perfurada em vários sítios, saíam umas varas de ferro móveis, dobradas em cotovêlo.

A um canto da sala havia um piano ou uma harmónica, onde tocavam diferentes músicas, sobretudo no fim das sessões. Algumas vezes à música juntavam canto. As portas e as janelas estavam bem fechadas: os cortinados não permitiam que entrasse no aposento senão uma luz doce e fraca.

Os consulentes, em silêncio, formavam em filas em volta da celha. Cada um dêles, dos da primeira fila, agarrava uma das varas de ferro que, por virtude da mobilidade e do cotovêlo podia ser aplicada à parte doente. Para facilitar a transmissão do fluido curador, uma corda, que partia da celha, passava em volta do corpo do paciente e reünia-o ao vizinho, formando, assim, uma cadeia. Uma segunda cadeia podia formar-se pelo contacto das mãos; isto é, aplicando o polegar entre o polegar e o index do vizinho.

Em redor dos doentes circulavam os ajudantes de Mesmer e, por vezes, o próprio curador, de casaca de seda lilaz.

Curador e ajudantes empunhavam umas varinhas de vidro ou de ferro embotado, com as quais tocavam os doentes e, assim, aumentavam a fôrça magnética.

Em nome da comissão da Sociedade Real de Medicina, constituída por Jussieu, Franklin, Lavoisier, Guillotin e Bailly, encarregada de verificar as experiências de Mesmer, escreveu êste último num dos seus relatórios (1).

«Os doentes oferecem um quadro muito variado: alguns mostram-se calmos, nada os perturba; outros tossem, escarram, sentem uma dor ligeira acompanhada dum calor local ou geral e de suores; outros estão agitados e atormentados por convulsões. Estas convulsões — que são espantosas tanto pela quantidade como pela fôrça e duração, a qual, por vezes, excede três horas — têm as seguintes características: movimentos precipitados de todos os membros e até do corpo inteiro, contracção da garganta, sobressaltos dos hipocôndrios e do epigastro, olhar esgazeado, gritos agudos, soluços e risos imoderados. São precedidas ou seguidas dum estado de languidez e devaneio, uma espécie de abatimento e, até, de adormecimento. O menor ruído causa-lhes estremecimentos e notou-se que a mudança de tom e de compasso das músicas tocadas no piano influíam nos doentes de tal maneira que um movimento musical mais vivo aumentava-lhes a agitação e renovava a vivacidade das convulsões».

Quando as crises se tornavam excessivamente agudas, Mesmer mandava transportar o doente para um quarto especial, conhecido pelo nome de «o inferno das convulsões» cujas paredes e pavimento acolchoados, permitiam que os nervos se distendessem sem perigo.

De resto, o próprio Mesmer socorria os doentes mais graves e, quer por toques com a varinha, quer pela influência do seu olhar e da sua voz, conseguia, pouco a pouco, acalmá-los.

Seja como fôr — diz Th. de Cauzons — a-pesar-de muitos desaires, Mesmer teve numerosos bons êxitos e fêz uma carreira triunfal.

---

(1) LA MAGIE ET LA SORCELLERIE EN FRANCE, por *Th. de Cauzons*.

(2) STEFAN ZWEIG: «*Os três construtores do mundo*».

(3) «*Histoire de l'Ocultisme*» — *L. de Gérin-Ricard*.

(4) As experiências da comissão foram numerosas e tão sérias quanto possível, mas parece que o relatório só se referiu às que tiveram mau êxito.

Notas & Comentários

Amor à Causa

«O Clarim», de Matão, Estado de S. Paulo, anunciou em 14 de Outubro importante donativo ao «Programa-Radiofónico — Espirita-Evangélico do Brasil», organizado e dirigido pela União Federativa Paulista, acrescentando que o generoso bemfeitor não quis revelar o nome, em virtude dum princípio cristão que lhe serviu de guia no acto filantrópico.

Graças aos cem contos agora oferecidos, os irmãos de S .Paulo vêem o futuro desanuviado e risonho. Prova-se, mais uma vez, que as causas não fenecem, quando as anima um sentimento nobre de bem-fazer. E se nem só o pão do estômago alimenta o homem, na sua caminhada terrena, há que esperar farta colheita espiritual do óbulo magnânimo acima citado.

Aqui está como Deus escreve direito por linhas tortas. Quando os obstáculos parecem insuperáveis, eis que o auxílio aparece, vindo não se sabe donde, revestido de imprevista e desconcertante espontaneidade.

É bom que os Mecenas venham, de quando em quando, estimular aqueles que não descansam um só momento na divulgação da Doutrina, perdendo noites, gastando energias, embalados na doce esperança de ver aumentar o número dos adeptos, e, conseqüentemente, deminuir a falange materialista, que tudo pretende avassalar e destruir.

Há tempos, também a Hora Espirita Radiofónica, do Rio de Janeiro, a que nos referimos noutro lugar, recebeu 10 contos de anónimo endinheirado, que não revelou, igualmente, o nome. O caso deu-se, precisamente na altura em que a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio maior ataque vibrava ao Espiritismo.

Assim foi, assim é e assim será sempre, porque esta Doutrina não pode morrer, quanto mais ficar à mercê de energúmenos que a combatem sem razão e sem base.

«Agora, começo a acreditar...»

Há factos que desafiam todos os comentários, tal a eloquência que os reveste, na sua simplicidade.

Assim o demonstra Edmundo Barker, no número de Janeiro último de *L'Astrosophie,* narrando alguns incidentes curiosíssimos, que valem por autênticas demonstrações.

Há coisa de umas semanas — escreve — voltava êle duma cidade onde fôra realizar conferências. O combóio parou em estação de aldeia e na sua carruagem entraram três pessoas, que êle identificou cuidadosamente: um homem, uma mulher e uma criança de quatro ou cinco anos. Pouco depois, o escritor adormecia ligeiramente, só despertando, quando o jornal que levava caiu no chão. Ergueu os olhos e viu, sentados na sua frente, os dois adultos que haviam entrado antes.

— ¿Que é feito do seu filho, minha senhora? — inquiriu, involuntariamente.

— Eu, agora, não tenho nenhum filho — respondeu, tristemente, a interpelada.

Ao que Barker replicou:

— Mas eu vi-o há pouco, com os meus próprios olhos.

— Eu também o vejo muitas vezes — disse a mulher —, mas não hoje.

O marido interveio, um tanto irritado:

— Ela acredita em Espiritismo e incomoda-me com isso. O senhor viu o meu filho? Então, faça favor de lhe descrever as feições.

Barker descreveu as feições do garoto que acompanhava o casal, no momento em que entraram na carruagem. Até que aquele pai, tocado fortemente pelos pormenores do escritor, exclamou, admirado:

— E eu sempre a julgar que ela sonhava! Mas, agora, que o senhor também o viu, o senhor, que é um estranho ao assunto, agora, começo a acreditar...

Magister dixit...

O jornal *República* insere curiosa secção, intitulada: «Quere saber? Pois, pregunte à vontade». E há leitores que preguntam à vontade, na esperança de que os enciclopedistas encontrem resolução para todos os problemas e os informem de todos os eventos, passados, presentes e futuros.

E assim foi que o sr. José Rosário, de Alcoutim, preguntou ao *República*:

1.º — Qual a razão científica do sonho?

2.º — Qual a razão científica do Espiritismo?

3.º — Podem indicar-me o preço e o nome dos livros que tratam dêste assunto?

E o cronista alegre do *República,* no seu tom enciclopedista, abotoou o casaco, ajeitou o monóculo, franziu a testa e começou a dissertar àcêrca das transcendentes questões apresentadas, humildemente, pelo estudioso sr. José Rosário, de Alcoutim.

À primeira pregunta, respondeu: «no livro de Freud, «Science des Rêves», encontrará alguns dados e conceitos curiosos sôbre a significação dos sonhos».

E, depois, acrescentou:

«O sonho, segundo as modernas opiniões *(que opiniões?),* é o «filme negativo» das imagens que feriram a nossa retina e mais impressionaram durante o dia». «Junte a isto hipersensibilidade com orígem no depauperamento físico e terá 50 % das causas do sonho. Os outros 50 % ainda estão por conhecer...».

Para razão científica do sonho, temos de convir que é pouco, muito pouco, mesmo, quási nada. Mais valia que dissesse ao consultante:

— Bata a outra porta, meu senhor, que ovelhas não são para matos.

À segunda pregunta, o cronista foi mais concreto:

«O Espiritismo é uma religião. Como tal, não tem base científica discutível, — principalmente nêste local».

Chama-se a isto «despachar o freguês», ou «dizer que sim, para que me deixem».

Então, se o Espiritismo não tem base científica discutível, para que acrescenta: «principalmente nêste local», dando a entender que, se não na tem ali, tem-na noutra parte? O remorso é belo reagente, embora não consiga eliminar, inteiramente, os defeitos do «magister dixit»...

Passando à terceira pregunta, escreve:

«Não conhecemos nenhum livro que trate, de modo definitivo, das razões científicas do Espiritismo. Encontrará, sôbre essa religião, dezenas e dezenas de opúsculos em qualquer parte do país. Quanto à Science des Rêves», encontra êste livro na Livraria Portugália, Rua do Carmo, 75».

Há ou não há capciosismo nestas palavras? Ora, a verdade, é que a confissão de ignorância não fica mal a ninguém. Assim, o cronista, em vez de induzir em êrro quem de boa-fé o consultou, fiado em erudição que não havia, na tal secção do *República*, devia declarar-se impotente para responder a tais preguntas. Lá que êle (o cronista) desconheça os livros que tratam das bases científicas do Espiritismo, acreditamos piamente. O que não acreditamos é que Argus tão erudito desconheça onde êles se vendem. E, se não sabia, indagasse, que para outra coisa não está à frente de tão pomposa secção.

Descanse, porém, o infeliz consulente de Alcoutim. Onde não chegou o Mestre do *República*, chegará o modesto catálogo, que *Estudos Psíquicos* vai remeter-lhe, imediatamente, e onde poderá escolher algumas obritas que lhe interessem, desde os tais *opúsculos*, aos calhamaços de quatrocentos a seiscentas páginas...

E assim ficarão respondidas as suas duas últimas preguntas, com as nossas desculpas por haver metido foice em seara alheia.

2.º Congresso Espirita Português

É preciso agitar a idea do 2.º Congresso Espirita Português. O 1.º realizou-se há cêrca de quinze anos. Desde 1925, muitos acontecimentos eclodiram. A opinião pública modificou-se em face do Espiritismo. Os métodos de propaganda apresentam facetas poliformes. Emfim, o número dos adeptos aumentou extraordinàriamente.

Por êsse Portugal fóra, há muitas almas sequiosas das verdades reveladas. O que é preciso é trazê-las ao redil da Doutrina.

A notícia aqui publicada a respeito do Congresso animou alguns confrades que julgavam impossível a verdadeira confraternisação, embora partidários dum melhor conhecimento mútuo, com o qual lucrarão os irmãos em crença.

Estejam, porém, descansados. Nós continuaremos a agitar a questão e a seu tempo publicaremos correspondência bem interessante, que nos chegou às mãos, de perto e de longes terras.

Ao marasmo dos últimos anos, vai seguir-se uma época de renovação espiritual. Não importa o lugar donde parta o impulso. O que é necessário é que êle se exerça proficuamente e agite a mentalidade espirita portuguesa.

Os primeiros sintomas são prometedores. Há fé e há vontade. Todos esperam que os novos tempos tragam novos costumes.

A experiência do passado firmará os alicerces da nova obra a realizar.

A Doutrina tem grandes cultores que tudo farão para que o Espiritismo triunfe do assédio materialista.

Para isso, é preciso união.

Os espiritas devem confraternizar, devem trocar impressões àcêrca do Ideal.

Não devem passar uns pelos outros, como pessoas indiferentes. Assim disse o nosso Secretário Geral, na inauguração do Centro E. Luz e Amor. Devem conhecer-se, devem estimar-se. E nada melhor do que um congresso para conseguir êsse objectivo. Preparemos o 2.º Congresso Espirita Português com o mesmo carinho com que o nosso Centro organizou o primeiro.

Bibliografia

A DEUSA SÍRIA, por *Luciano*. — *Tradução e notas de Lobo Vilela*. — *Editorial «Inquérito», L.da*.

Nêste *Caderno* de 73 páginas, confiado ao costumado esmêro que Lobo Vilela usa em todos os seus trabalhos literários e científicos, dá-se conta das crenças e práticas religiosas dominantes no século II da nossa era, — «as crenças mais estranhas, as mais ridículas práticas supersticiosas e os milagres mais absurdos...».

O ensaio sôbre o Luto ocupa as últimas 13 páginas do opúsculo. O parágrafo 1.º abre com êste período que ainda hoje tem inteiro cabimento: «Vale certamente a pena observar o que faz e o que diz a maior parte das pessoas nas cerimónias fúnebres, as palavras que lhes dizem para as consolarem e as lamentações a que se entregam porque imaginam sofrer uma desgraça intolerável para êles e para aqueles por quem choram.»

A oratória enfática e choramingas de então tem semelhança com a que ainda hoje adoptam os oradores funéreos no enaltecimento de qualidades do defunto... que, em regra, só à beira da sepultura reconhecem.

E como o morto não ouve, concluía-se, então, como hoje se conclui, que é para os assistentes que tais oradores declamam, sem saberem o que acontece ao desaparecido, «nem para onde êle foi, sem terem examinado o que é a vida em si mesma. De outro modo não se afligiriam com a passagem da vida à morte, considerando-a uma terrível desgraça.»

Então, como hoje, «pronunciam-se orações fúnebres sôbre os túmulos, como se falassem para o môrto e dessem testemunho a seu favor perante os juízes do inferno.»

Então, como hoje, a necessidade de se alimentarem envergonhava-os, mas o imperativo premente da conservação acabava, como acaba sempre, por triunfar.

O que Luciano nos não diz, é que então houvesse, como hoje há, a exploração industrial da morte: o luzido cortejo fúnebre com senhores de preto, muito maçados, em «última homenagem, a acompanharem o morto à «última morada»; a indumentária tôda preta dos parentes; o papel de cartas, sobrescritos e cartões tarjados de preto; o lenço de barra preta...

F. R.

Colaboração dos leitores

O sofrimento e a evolução

por Eduardo da Silva Tavares

Aberração das aberrações é aumentar por vontade própria os sofrimentos que se exercem na terra, visto que é da humana condição suportarmos as conseqüências amargas e dolorosas dos nossos extravios, das nossas infracções à lei moral, porque é inutilmente que o ser humano se proporciona maior sofrimento do que aquele que lhe corresponde na realidade, em relação aos seus delitos, por meio de cilícios e outros rigores, produto do fanatismo chamado religioso.

O ser humano não foi exclusivamente destinado ao sofrimento, mas ao gôzo dos bens, materiais e espirituais, que lhe são proporcionados, dentro da harmonia e da moralidade. O sofrimento é temporal e corresponde às transgressões do indivíduo à lei moral. Assim, para completar o plano divino de evolução, basta o sofrimento determinado pela lei. O mesmo não sucede, quando, para acudir em auxílio de outrem, somos levados por amor fraternal a impormo-nos sacrifícios e privações e a expôr a saúde e a vida em benefício da humanidade.

Essas privações e os sofrimentos, que delas e dos actos de abnegação derivam, são tidos em conta, por representarem sacrifícios em holocausto ao próximo. Assim o fizeram os grandes redentores do mundo, singularizando-se, entre todos, Jesus-Cristo, pela sua elevada hierarquia espiritual e divina.

O corpo humano é um templo sagrado, do qual devemos cuidar esmeradamente, dando-lhe tudo o que necessitar, para cumprimento da sua missão, como veículo da alma. Tudo, pois, que constitua flagêlo para o corpo, sem que daí advenha benefício para o próximo, é infracção da lei divina, é manifestação de egoismo disfarçado em fanatismo.

A lei divina, perfeita como a Divindade, tem sanções para essas faltas, aplicadas no mesmo plano e cujos executores somos nós próprios.

Nestes casos, tal flagêlo voluntário, condenável e improficuo, significa apenas egoismo espiritual.

Uma infracção à lei divina nunca pode produzir bem, mas o contrário, para o infractor.

Assim, não nos iludamos. A alma tem de sacrificar-se, encarnando sucessivas vezes, para que, passando pelo crisol do sofrimento, se limpe de tôdas as manchas, se purifique de tôdas as impurezas, se liberte de todos os defeitos, rompendo o jugo das baixas paixões.

Sejamos em tudo ponderados e reflectidos, porque os grandes entusiasmos, quando irreflectidos, são quási sempre causa de decepção e ruína. Não nos deixemos levar pelo fanatismo, que os fanáticos não podem ser instrumentos de progresso e estão em oposição às leis divinas.

Tenhamos sempre presentes estas verdades e honremos o ideal que professamos, compreendendo-o e praticando-o, dentro da mais estrita moral e pureza.

Perseverança

por António Xavier

A divulgação da doutrina espirita necessita de ser efectivada com ardor e perseverança. Forçoso se torna, portanto, que, da parte dos homens que a isso se dedicam, haja aquela boa vontade que caracteriza os que se sacrificam por um ideal.

As contrariedades que a tal se antepõem são muitas e de vária espécie; tôdas, porém, devem ser por nós tomadas como incitamento, visto que só podem partir dos inimigos do progresso, dos inimigos da luz e da verdade. Porque é nosso dever mostrar a luz aos que vivem em trevas e no êrro.

Se encontrarmos a resistência passiva da sua incredulidade sistemática, baseada na indolência dos que nada procuram aprender, devemos redobrar de energia e opor-lhes uma vontade de ferro, pois só assim poderemos vencer.

Nesta luta ingente, devemos recorrer a todos os meios ao nosso alcance, não excluíndo os nossos amigos do Além, que muito nos poderão ajudar com o seu conselho.

Allan Kardec, o grande apóstolo do Espiritismo, encontrou nos amigos do Além um superior elemento de incitamento e são conselho, a bem da sua obra. Nas horas difíceis e amargas, jàmais deixou de os ouvir e acatar. Assim, nós, que nos propomos fazer luz sôbre as trevas que ainda envolvem grande parte da humanidade, devemos revestir-nos de todos os elementos que constituam fôrça de querer, fôrça de vontade e fôrça de vencer. Para isso, bastar-nos-á a fé, a humildade e o amor.

Com estas armas, que se encontram entre as que o Cristo recomendou à humanidade, alguma coisa conseguiremos de bom para a causa sagrada do Espiritismo.

Mãos à obra, pois, O edifício a construír é grandioso. Milhares de operários e humildes serventes trabalham sob a direcção do Supremo Arquitecto.

Que cada um de nós, como puder ou souber, conduza para junto dos mestres pedreiros a sua pedra que, por tôsca e pequena que seja, sempre terá a devida aplicação na construção da grande muralha do Espiritismo.

BOAS FESTAS

O Centro Espiritualista "Luz e Amor" e a revista "Estudos Psíquicos" desejam aos seus consócios e leitores, Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Os factos, entre nós

No intuito de contribuir para a divulgação dos fenómenos supranormais, «Estudos Psíquicos» inicia, nêste número, a publicação de casos devidamente autenticados e que merecem inteira confiança, pela idoneidade das pessoas que no-los comunicaram. Pedimos a todos os que tenham conhecimento de fenómenos semelhantes, o favor de nos fazerem o seu relato, com todos os elementos de apreciação.

Caso inesperado de fotografia espírita

Um colaborador desta revista, que deseja ser conhecido por Seravat, narrou-nos curioso fenómeno passado no Minho com pessoa de suas relações e cujo nome promete revelar, quando achar oportuno.

Trata-se duma senhora solteira, que se encontrava em Lanhelas, no gôzo de férias. Durante a sua estadia naquela província nortenha, deu alguns passeios com várias pessoas amigas e conhecidas, no decurso dos quais tiraram várias fotografias. Foi num dêsses passeios que se passou o caso que passamos a expôr.

Fotografia tirada em Setembro de 1939 na povoação de Lanhelas — Minho

A senhora mencionada foi, com algumas companheiras, dar um passeio aos arredores de Lanhelas. Ao chegar a certo local, ameno e aprazível, resolveram tirar fotografias. Qual não foi, porém, o seu espanto, quando, numa delas, encontraram duas imagens da mesma pessoa, em posições e planos diferentes? E o facto é tanto mais curioso, quanto é certo a imagem estranha ser mais nítida e de maiores dimensões que a imagem natural, como se vê na gravura que atraz publicamos.

O nosso correspondente narra uma circunstância que, em sua opinião, deveria ter concorrido para a eclosão do fenómeno. É a seguinte:

Quando se preparavam para tirar a fotografia, a senhora em aprêço manifestou o desejo intenso de ficar sentada numa pedra que havia no local. Todavia, as companheiras preferiram ladear a referida pedra, simulando estar junto dum rochedo. Isto bastou para que ela ficasse mal disposta e irritada com a súbita contrariedade.

Quem conhecer a fôrça do pensamento, verificará tratar-se dum fenómeno de bilocação, dentro do quadro das telepatias, o qual teve orígem na contrariedade sofrida pelo *sujet*, no momento de tirar a fotografia. Como lhe era impossível deslocar o corpo somático para o local desejado, projectou o seu duplo fluídico (corpo etérico), acompanhado da fôrça psíquica necessária para a impressão do negativo.

Só uma reacção muito intensa produziria semelhantes efeitos, abandonada, como está, a idea de fraude, em virtude da probidade das pessoas que intervieram no assunto, pois nenhuma delas tinha interêsse em apresentar elementos de controvérsia, no caso de que nos ocupamos.

O facto de o *duplo* se apresentar noutro plano, não invalida a hipótese apresentada, pois muitos casos há em que o *duplo* assume proporções várias, em relação ao *sujet*.

Se bem analisarmos, notaremos, não só no rosto, como nas mãos do *duplo*, atitudes e aspectos diferentes do original, que se vê ao canto esquerdo da fotografia.

Êste fenómeno é altamente interessante para o estudo da alma humana, que pode abandonar, momentâneamente, o corpo físico e manifestar-se como espírito, na plenitude das suas faculdades, segundo o seu plano de evolução.

Fenómeno de visão a distância

Do nosso confrade sr. Óscar Leitão, morador na Avenida da Liberdade, 73, 5.º Esq., Lisboa, recebemos o seguinte relato, acêrca da perda de um brinco de brilhantes, encontrado em circunstâncias singulares:

«No dia 4 de Novembro de 1939, pelas 17 horas, duas senhoras de minha família subiam a Avenida da Liberdade. Ao passar junto ao prédio que, em tempos, habitaram, e que tinha o número 53, notaram escritos, precisamente no andar em que haviam residido e resolveram visitar os aposentos onde passaram alguns anos da sua vida. O prédio tem, actualmente, outro número e nos andares inferiores há um consultório e creio que, também, escritórios.

«Ao regressar a casa, uma das senhoras deu pela falta de um brinco de brilhantes que, certamente, perdera. Ignorando se a pêrda se dera em casa, na rua ou

em qualquer estabelecimento comercial, deram-se ao trabalho de procurar em tôda a casa, busca que durou até além da meia noite.

«A dona do brinco, desalentada pelo desgôsto da perda, ficou sòzinha por algum tempo. Nisto, chama a família e diz-lhe que ouviu distintamente uma voz que a informava de que o brinco se encontrava *junto ao corrimão do segundo patamar do prédio n.º 54*, e pediu a uma das irmãs que o fôsse buscar. Esta, não acreditando muito na plausibilidade de achar o brinco, recusou-se, a princípio, a procurá-lo; vendo, porém, a aflição da irmã, saiu, declarando que iria percorrer tôda a escada, ao que a outra respondeu que não era preciso. Que fôsse, apenas, ao segundo patamar e que procurasse junto ao corrimão, acrescentando:

«— Eu vejo o sítio, onde o brinco está.

«Cheia de cepticismo, saiu a irmã, começando por achar estranho o facto de encontrar aberta a porta do referido prédio, cêrca da uma hora da madrugada.

«Subiu e encontrou o brinco, no lugar indicado, a-pesar-de se tratar de local de muita passagem, à hora em que a casa foi por elas visitada, cêrca das 17 horas, sem que alguém o visse ou pisasse.

«Tratar-se-á de fenómero de clariaudiência? Ouviu, efectivamente, esta senhora, qualquer voz, indicando-lhe onde estava o brinco? Ou teria sido intuição forte, a-ponto-de lhe parecer que ouvia a voz e que via, nitidamente, o local, onde o brinco se achava?

«Em qualquer dos casos, de quem seria a voz, ou quem lhe teria dado a intuição? Como é que àquela hora se encontrava aberta a porta da rua? Como se explica que, estando o brinco num sítio de passagem, ninguém o visse ou o pisasse?»

Na verdade, preguntas são estas a que a ciência materialista não pode responder. Uns, dirão que tudo foi obra do acaso. Outro poderão dizer que foi milagre, palavra que explica tanto como o acaso.

O nosso correspondente informa-nos de que estas senhoras, embora não autorizassem a publicação dos seus nomes, estão prontas a confirmar êste relato, na presença de quem quer que seja. Basta que se dirijam ao signatário, na morada acima indicada.

Em todo o caso, podemos dizer que a senhora que *viu* e *ouviu* é filha do confrade sr. Gabriel de Sousa, desencarnado há cêrca de oito meses.

O Verdadeiro sentido da vida

Nov/Dez 39

por *Manuel Tavares*

As gerações sucedem-se, as civilizações apagam-se e o mundo, aparentemente calmo, continua a girar imperturbàvelmente na sua órbita, enquanto na sua superfície se agita a vida em turbilhão, qual rápida nebulosa em via de se transformar num novo mundo.

Sob o pó dos séculos, engulidos pela Terra que as viu prósperas e lhes emprestou as suas galas para melhores destinos, jazem civilizações surpreendentes guardando avaramente os seus segredos, os seus mistérios, o esfôrço hercúleo da sua inteligência, das suas lutas e o desvio que promoveu a sua quéda e o seu desaparecimento. A grande Esfinge da Vida continua estática, olhando na sua fixidez de mistério indecifrável, esperando ver surgir das profundezas da Terra o Sol vivificador que traga em seus raios um fluido divino que dê aos homens o sentido espiritual da vida. E, todavia, é o mesmo o sol que iluminou Sócrates e os juízes e que iluminou Jesus e Judas.

É o sol que ilumina exteriormente, que dá forma às coisas e vida material aos seres viventes. Mas o Sol que ilumina as consciências, que lhes dá o verdadeiro sentido da vida — sentido todo espiritual, intrínseco, esotérico, já a Esfinge o viu nascer lá, também, para as bandas do Oriente, há dois mil anos, naquelas terras cálidas da Judéa inculta.

Sucederam-se gerações, e êsse Sol que parecia trazer-nos as primícias dum mundo rejuvenescido, apagou-se quási por completo no coração dos homens, talvez porque o seu brilho era demasiado forte para o poderem encarar de face, e porque se viam, assim, obrigados a mostrar à luz do dia novo as chagas de que o seu espírito enfermava e as quais procuraram ocultar sob os ouropeis duma civilização mundana, tôda exterior, plena de comodidades materiais mas pobre de comodidades espirituais.

Porém, êsse Sol que, como dádiva divina, nos veio do céu, desceu para o ocidente, mas não teve aí o seu ocaso; êle continua brilhando, ainda que fracamente, nas consciências que a civilização cristã — fruto sazonado dêsse Sol bemdito — formou. Êle espera que as núvens que empanam ainda o seu brilho se dissolvam para poder irradiar de novo sôbre êste planeta tão irrequieto e tão necessitado de luz. Agora, que a ciência alcançou um ponto culminante na espiral que a conduz ao Foco Supremo de tôda a sabedoria, agora, que a humanidade parece ter alcançado a sua maioridade intelectual e se lhe não pode já falar por parábolas ou por metáforas, é lógico que um novo sentido da vida oriente as suas descobertas para o Bem comum e deixe de as aplicar no extermínio, na destruïção dos valores morais que ainda lhe restam e de tôdas as riquezas materiais que sucessivas gerações acumularam num esfôrço titânico de bem-fazer, e as aplique na construção de novos valores sob a bandeira do Cristo, portanto, num sentido puramente espiritual.

Só quando todos os esforços construtivos se enca-

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

As curas de Lady Clerk

O grande cotidiano *Paris-Soir* publicou, em Maio último, um belo artigo subscrito por René Barotte, àcêrca das curas magnéticas de Lady Clerk, que desempenhou em tempos importante missão em Paris, na qualidade de embaixatriz da Grã-Bretanha.

É interessante resumir aqui êsse artigo, para edificação daqueles que descrêem da eficácia dos tratamentos magnéticos. Ficarão sabendo que o dom de curar pela imposição das mãos é realidade inegável que ninguém pode desvirtuar, por grande que seja a má vontade ou o cepticismo.

Lady Clerk prestou serviço, como curadora, nos hospitais de Boucicaut e Trousseau, onde era recebida com as maiores deferências, quer pelos doentes, quer pelos próprios médicos, sob cuja direcção trabalhava, principalmente na cura de doenças rebeldes à terapêutica alópata.

O jornalista conta como encontrou o Doutor Marlaas numa exposição de escultura realizada em Paris por Lady Clerk, como teve conhecimento do seu poder curador e como ela fazia passes magnéticos aos doentes que não achavam alívio na medicina.

O Doutor Marlaas mostrou-lhe um arquivo enorme de atestados médicos e de observações feitas em doentes tratados pela antiga embaixatriz, quando habitava no «faubourg» Saint-Honoré. Era curioso. Emquanto seu marido servia a causa de Eduardo VII, ela entregava-se, voluntàriamente e alegremente, à causa dos enfermos que lhe eram enviados por médicos do seu conhecimento. A acção que desenvolvia era a título experimental e sempre sob o contrôlo absoluto dos médicos.

Primeiramente, a Faculdade mostrava-se descrente. Mais tarde, porém, em face dos resultados obtidos pela embaixatriz, a relutância desapareceu e médicos houve, como Morlaas, Trémolières e o oftalmologista Favory, que se colocaram ao lado de Lady Clerk.

E assim foi que cêrca de quinhentos enfermos, quer em França, quer no estrangeiro, foram tratados por esta grande curadora, por meio de passes magnéticos, tendo os resultados sido excelentes, principalmente em afecções dos olhos e doenças de pele rebeldes a todo o tratamento.

O jornalista conversou, uma vez, com Lady Clerk, a respeito de tão estranhas faculdades.

— Há muito tempo que senti a fôrça dêste fluido. Um dia, tive, naturalmente, a idéa de experimentar nos meus semelhantes o poder magnético que possuia. Foi assim que comecei a fazer algumas experiências em pessoas amigas. Quando meu marido representava o govêrno britânico em Praga, fui levada a falar com o presidente Masaryk, àcêrca desta terapêutica. E, graças a êle, pude realizar nos hospitais checoeslovacos e sob a vigilância de médicos eminentes, as minhas primeiras curas eficazes. A notoriedade do meu nome fez-me, então, trabalhar afanosamente, chegando a tratar dois ou três doentes ao mesmo tempo.

«Quando cheguei a Paris, há coisa de alguns anos, resolvi prosseguir nos meus trabalhos. Falei nisso a Jacques Maritain, que se interessava por todos os problemas psíquicos. Êste, por sua vez, apresentou-me ao Dr. Morlaas, que me franqueou a entrada nos hospitais de Paris, com a condição de que os meus tratamentos seriam sempre feitos debaixo de rigorosa vigilância médica.

«É inútil dizer — acentuou a embaixatriz — que todos os casos que me confiam são, geralmente, considerados rebeldes a tôda a terapêutica. Em cada doente, faço as imposições necessárias. Não tenho, é claro, a pretenção, de curar tôdas as doenças; mas é bem evidente que tenho conseguido muitas melhoras, em certos casos e sobretudo nas crianças.

Certo dia, René Barotte encontrou a embaixatriz, precisamente na altura em que ela esperava uma doente de dez anos de idade, a quem tratava, havia muitas semanas, de deformação da vista. A cura foi concludente. A princípio, a petiza não conseguia distinguir o quadro preto, na aula. Mas, desde as primeiras sessões com Lady Clerk, o seu estado melhorou muitíssimo. Aquela sessão foi rápida. A petiza, já habituada ao tratamento, deitou-se numa poltrona. Lady Clerk cobriu-lhe os olhos com um pano branco e começou a fazer-lhe passes na região frontal. Em menos dum minuto, a criança adormecia profundamente. Mas não se tratava de sono hipnótico. A embaixatriz inclinou-se durante alguns momentos sôbre a doente, multiplicou os passes e pareceu concentrar tôda a vontade num ponto determinado. Pouco depois, a criança despertou docemente e fêz a seguinte confidência ao articulista:

— Agora, vejo muito bem as duas estátuas douradas que estão nos Campos Elíseos. Vejo, também, as grandes chaminés que se erguem nos telhados. Na escola, já posso ir ao quadro sem dificuldade, como to-

---

minharem paralelamente aos Evangelhos, aurindo dêles a seiva que os vivificará encaminhando-os num sentido novo, é que a humanidade poderá ver irradiar do íntimo da sua alma o novo Sol da justiça, da bondade e da fraternidade que devem existir entre irmãos, que todos sômos filhos espirituais do mesmo Pai Celestial que tem acompanhado e auxiliado a nossa evolução e nos deu a consciência da nossa personalidade para que O descobrissemos dentro das nossas almas e O manifestássemos em actos de amor puro, porque a Sua actuação é tôda amor, abnegação, altruismo.

dos os outros alunos. Desde que conheço a senhora embaixatriz, a minha vida é bem diferente...

Barotte termina o artigo, preguntando se Lady Clerk não nos teria feito regressar à época do mesmerismo. Depois, acrescenta:

— Com efeito, ela não usa encenação alguma e serve-se, tão sòmente, do seu poder magnético, para fins científicos. Ela não é médica e só aceita os casos indicados pelo corpo médico, para bem da investigação científica. Aliás, o número de doentes tratados é tanto mais reduzido, quanto a cura é fatigante, não lhe sendo possível fazer mais que certo número de curas por ano.

E termina:

— Lady Clerk voltou, por algum tempo, à Inglaterra, depois de eu lhe haver desvendado o seu segrêdo. Lá trabalha, tranqüilamente, na pintura, que abandonou durante algum tempo. Singular destino o desta artista-terapeuta que se esforça por ocultar ao mundo os dons que possui, dedicando-os às crianças, numa sala modesta de hospital.

A obsessão e a sua cura

O *World Service Group*, de Londres, convidou o Dr. Charles Wickland, autor do famoso livro «Trinta anos entre os mortos», a falar da obsessão e a sua cura, bem como o sr. Collen-Smith.

Primeiro, falou o sr. Collen-Smith, que se mostrou convencido da interferência dos espíritos, isto é, da obsessão, embora, em muitos casos, verificasse que não havia obsessão, mas simplesmente qualquer defeito físico que produzia o desiquilíbrio mental. Depois, descreveu vários casos por tratamentos osteopáticos.

— Muitos casos de obsessão me têm sido apresentados — continuou—. Um dêles deu-se na pessoa duma rapariga católico-romana, mental e fisicamente afectada. Senteia-a numa cadeira voltada para a parede e aproximei-me por detrás dela, para lhe fazer passes magnéticos. Quando a minha mão chegou perto do seu corpo, os seus braços projectaram-se em espasmo.

«Continuei a fazer passes e, por fim, com um rápido passe longitudinal, da cabeça aos pés, isolei-lhe o espírito obsessor da aura. Acto contínuo, apareceram-lhe duas nódoas vermelhas, do tamanho de dez centavos, na parte posterior do pescoço. Ela caiu para a frente e permaneceu, ainda, em silêncio, durante muito tempo.

«Quando se levantou, disse:

— «Meu Deus, que me fizeste? Após um ano, é a primeira vez que sinto os membros dos corpo.

Entretanto, o sr. Collen-Smith (que é médium) viu, clarividentemente, a forma do espírito e verificou, por clariaudiência, que se tratava dum irmão da doente chamado «Will», antigo engenheiro, morto havia dez anos, em virtude de uma pneumonia e extracção de dentes, o qual declarou que fôra obsidiado por uma sua empregada, falecida recentemente.

Num inquérito realizado, o sr. Collen-Smith observou a verdade de todos os pormenores. A doente curou-se e retomou as ocupações normais.

Collen-Smith chamou a atenção para a diferença entre o seu processo e o do Dr. Wickland. O primeiro, confiava nos passes magnéticos e procurava afastar do médium o espírito obsessor; o segundo, aplicava primeiro a electricidade estática ao doente, para afastar o espírito obsessor que controlava o médium (Dr. Wickland) e ao qual se pediu que se retirasse com os espíritos curadores.

O Dr. Charles Wickland disse que estivera sempre ansioso por obter resultados que convencessem os seus colegas médicos da realidade da obsessão.

Não era, como se tem, freqüentemente, afirmado, a única causa de loucura ou desequilíbrio mental; era, todavia, causa freqüente que êle podia testemunhar, com o auxílio da bela mediunidade de sua espôsa.

A sr.ª Wickland era médium e nunca foi prejudicada, ao sofrer o contrôlo de espíritos obsessores desalojados dos doentes.

O Dr. Wickland descreveu, então, alguns casos.

Havia certa rapariga cujo corpo era duplamente corcovado e ninguém a podia convencer a sentar-se direita. Mercê de tratamento adequado, afastou da doente o espírito obsessor, que declarou haver quebrado a espinha dorsal, quando pertencia ao número dos vivos e não se podia endireitar.

Alguns médicos presentes foram convidados a fazer preguntas. Um disse que era completamente estranho aos pontos de vista apresentados, mas que ficára muito impressionado e surpreendido, ao ver que a mediunidade se usava para efeitos de cura.

O espírito da rainha Astride materializada em Copenhague

Segundo informa *Psychic News* (N.º 372), num artigo sensacional de que *La Revue Spirite* se acaba de fazer eco, a malograda rainha Astride, da Bélgica, ter-se-ía materializado em Copenhague, com auxílio do médium dinamarquês Einar Nielson. O pastor sueco Martin Liljeblad, da Igreja luterana de Selsingborg, teria tirado fotografias publicadas num livro de sua autoria e que produziu grande reacção no seio das autoridades eclesiásticas.

Liljeblad converteu-se ao Espiritismo há coisa de dezoito meses e realizou conferências e demonstrações espíritas em diferentes cidades suecas. Parece que o médium encorporou também o célebre Arcebispo Nathan Soderblom.

Psychic News afirma que o pastor teria sofrido dois meses de suspensão, em virtude da sua grande actividade espírita. Agora, procuram fazê-lo passar por louco, no intuito de pôrem termo ao escândalo.

Acaba de ser publicado um segundo livro do pastor, e a sua reputação de «mártir» concede-lhe ouvintes cada vez mais numerosos.

Alguns espíritas suecos que chegaram a Londres declararam que o médium trabalhara debaixo do mais rigoroso contrôlo: luz vermelha, três máquinas fotográficas, instantâneos, o médium e a rainha Astride, tudo, emfim, absolutamente visível ao mesmo tempo. A rainha falou em sueco e foi deslocada, juntamente com o médium.

A comparação das fotografias da rainha, quando viva, com as do seu espírito materializado, são idênticas e não se prestam a dúvidas. Finalmente, corre em Londres que o Rei Leopoldo é espírita e que costuma ir a Inglaterra fazer experiências e comunicar com o espírito da formosa mulher que todo o mundo chorou.

O Espiritismo na rádio-difusão

Um dos mais retumbantes acontecimentos espiritas mundiais foi, sem dúvida a inauguração da «Hora Espirita Radiofónica» na estação Rádio Transmissora PRE-3, do Rio de Janeiro, em 1 de Junho último, e sob os auspícios dum grupo de obreiros da mais fina têmpera, à frente dos quais se encontra o incansável Leopoldo Machado, polemista de respeito com quem os nossos adversários têm de contar, nos seus ataques ao Espiritismo. Depois do livro e da imprensa, o microfone apresenta-se como extraordinário veículo da Doutrina, e de tão prometedoras realidades, que o caso despertou a atenção da Sociedade de Medicina e Cirurgia da capital carioca, levando-a a protestar, não sabemos em nome de que princípios, contra aquele *horrível crime*, a ponto de pedir ao govêrno da nação que proïbisse a difusão de semelhantes desacatos ao bom senso, nessa altura encarnado na dita Sociedade, a que, aliás, pertencem verdadeiras sumidades cintíficas, dignas do maior respeito.

O quê? O Espiritismo pela rádio? Cruzes, canhoto!... Antes uma nova conflagração, de aspecto melodramático e que não deixasse pedra sôbre pedra, do que essa praga do Espiritismo, que faz loucos e mentecaptos. Antes um novo dilúvio! E as baterias assestaram-se e às controvérsias surgiram, de todos os lados, pró e contra a inovação, obrigando os diários a encher páginas e páginas de crítica severa, consoante as ideas de cada um.

Mas a inauguração da «Hora Espirita Radiofónica» resultou autêntico sucesso. Falou, em primeiro lugar, Leopoldo Machado, expondo os objectivos do empreendimento e a forma como seriam organizados os programas. Depois, seguiu-se o Presidente da Federação Espirita Brasileira, o da Liga Espirita do Brasil, o da União Espirita Suburbana, respectivamente, Drs. Guillon Ribeiro, Leôncio Corrêa e Henrique Andrade; o jornalista Brandão da Rocha, pelo vespertino *Vanguarda*, Humberto de Aquino, pela associação «Obreiros do Bem», Rocha Garcia, tesoureiro da «Hora» e o prof. Ismael Gomes Braga, todos ventilando assunto especial, para dar maior variedade e relêvo ao evento.

A segunda parte consistiu na irradiação de «O sonho de Donizete», dramatização do nosso amigo Leopoldo, que teve êxito estrondoso, tão estrondoso, que os pedidos de repetição surgiram, em número considerável.

E desde o dia 1 de Junho último, tôdas as quintas feiras, às 18 horas, as antenas da PRE-3 emitem, em propaganda sistemática, programas sempre interessantes e de todos os lados acorrem bemfeitores, trazendo donativos para a «Hora Radiofónica».

Os médicos da S. de M. e C. continuam a protestar contra a irradiação e dirigem-se ao Presidente da República, quási a pedir de mãos postas que «extirpe o cancro do Espiritismo», visto não haver justificação para que a «peste rôxa» entre livremente no domicílio de cada um, danificando lares e penates. Por outro lado, os médicos espiritas varrem a tesdáda e provám a infantilidade dos argumentos adversos. Há acesa luta, como se vê nas centenas de artigos, exposições, entrevistas, em letra garrafal e nas primeiras páginas das gazetas. Mas a S. de M. e C. não leva a melhor, porque o nobre povo brasileiro não está habituado a cangas subservientes e deseja inteira liberdade para ler e ouvir o que quiser. Demais o Espiritismo dá altos exemplos de generosidade e altruismo, que não são muito fáceis de imitar, e nisto reside, principalmente, o seu maior factor de propaganda.

Aos dirigentes da «Hora Espirita Radiofónica», as nossas saüdações, com votos de longa vida ao microfone. Pudessemos nós imitá-los, no rincão lusitano!...

Um fotografo que se espanta

Mundo Espirita de 9 de Setembro insere uma curiosa notícia extraída do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, e que não deixa de ter o seu sabor peculiar. O caso passou-se em Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul. O sr. Frederico Elwanger, presidente do Centro Espirita Paz e amor, foi ao fotógrafo, a-fim-de tirar o retrato. Depois de revelar a chapa, o fotógrafo notou um fenómeno verdadeiramente original: ao lado e um pouco acima da cabeça do fotografado, notava-se uma pequena caveira humana, envolvida numa espécie de auréola.

Na reünião do Centro, aquele confrade declarou que, ao sentar-se e pousar para o fotógrafo, fez uma prece em intenção do espírito do dr. Octávio de Morais, no desejo de que êste se materializasse e saísse a seu lado, na fotografia, para a remeter a um amigo que se encontra no Rio.

O sr. Elwanger afirmou que, depois da prece, se sentiu prêsa de fluidos, tendo o fotógrafo notado que êle se encontrava, realmente trémulo.

Por fim, o fotografado recomendou o máximo cuidado na revelação, pedindo que não retocasse a chapa, pois na mesma apareceria outra pessoa. O fotógrafo não pôde conter o riso. Julgou falar com um desequilibrado. O pior foi no dia seguinte, quando viu uma caveira, ao lado do sr. Elwanger. O caso transcendeu as paredes do laboratório e os noticiaristas rodearam o fotógrafo, que confirmou tudo, mas «não acredita muito que aquilo seja uma caveira»... Em seu entender, deve tratar-se, antes, de defeito da chapa.

Todavia, o que mais o surpreendeu foi o cliente ter avisado de que alguma coisa saïria a seu lado.

Pobre homem! Como não pode explicar o fenómeno, toca a atribuí-lo a um defeito de ordem material. Quantos *fotógrafos* semelhantes não há por êsse mundo, nas artes, nas ciências e nas letras e que, incapazes de explicar, também, certos fenómenos de ordem psíquica, os atribuem a ilusão óptica ou a caprichos do acaso!...

Inauguração dos Trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor

Conforme fôra anunciado, procedeu-se, no dia 5 de Novembro, pelas 21 horas, à inauguração dos trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor, relativos ao ano de 1939-1940.

A sessão realizou-se no salão de conferências da Sociedade Teosófica, à Rua Passos Manuel, N.º 20, cave, amàvelmente cedido pela sua Direcção.

Embora o número de sócios do «Luz e Amor», nessa data, pouco ultrapassasse as duas centenas, a assistência era numerosa, notando-se em todos os presentes uma expressão de espectativa e curiosidade.

Presidiu à sessão o confrade Dr. José Joaquim Gaita, na qualidade de delegado da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, a agremição espirita mais categorizada que no acto se fêz representar, o qual escolheu para assessores os confrades Coronel Faure da Rosa e Vendrell y Mercadal, dois militantes espiritas da Velha Guarda, cuja perseverança e fé nos sãos princípios da doutrina são sobejamente conhecidas.

* * *

Antes de abrir a sessão, o presidente da mêsa pediu à assistência três minutos de concentração, explicando, para os não espiritas que estivessem presentes, ser êste acto preliminar aconselhado para se criar ambiente propício aos trabalhos de carácter espiritual.

Emquanto se cumpria êste recolhimento, ia sendo lida pelo confrade Secretário Geral, Dr. Dias de Sousa, uma prece ferverosa e sentida que suavemente ajudava o auditório nêste esfôrço mental.

Por que se trata duma oração que conforta as almas, convidando-as à meditação e à solidariedade, aqui a reproduzimos, a-fim-de os nossos leitores poderem avaliar o efeito produzido nos assistentes, ao ouvirem fazer a sua leitura.

Eis a prece :

Deus Todo Poderoso! Infinitamente Bom, Infinitamente Justo, Infinitamente Misericordioso!

Para Vós, ergo a minh'alma em prece de agradecimento, por me encontrar entre tantos irmãos que se propõem continuar a difundir a Luz da Vossa Santa Lei.

Senhor! Amparai-me nesta Cruzada, dai-me fôrça, fé e perseverança para a levar a bom termo.

Jesus! Divino e amado Mestre! Modêlo vivo de virtudes, exemplo de perfeição que me esforçarei por imitar!

Aqui estamos, novamente, ao serviço da doutrina que prégaste entre os homens.

Baixa o teu limpido olhar sobre nós, Jesus! e vê quanta pureza de intenções, quanta inquebrantável fé, quanto sincero desejo de progresso, nos animam.

Permite que eu possa cumprir, inteiramente, a missão que me foi destinada, e honrar, em todas as circunstâncias, o posto que me competir nesta obra de ressurgimento.

Espíritos Superiores, Mensageiros de Deus e de Jesus, que presidis aos destinos da Humanidade e procurais, a cada instante, encaminhá-la na senda do Amor, da Caridade, do Bem e da Justiça!

Lançai sôbre nós os vossos fluidos vivificadores para que não possamos esmorecer no ardente desejo de progresso espiritual, à sombra da bandeira fraterna do Espiritismo.

Velai por nós, para que a nossa confiança no futuro que preparamos para a Causa, não possa ser perturbada e, assim, todos unidos, com uma só vontade e uma só fé, possamos constituir verdadeira fôrça ao serviço da Verdade.

Espíritos Guias e Tutelares do Centro Espiritualista «Luz e Amor»!

Eis-nos, de novo, reünidos, para receber as vossas inspirações e cumprir os vossos ensinamentos.

Iluminai as nossas consciências, com as verdades sublimes que brotam da doutrina de Jesus. Aclarai o nosso entendimento para que as possamos entender em Espírito e Verdade. Abri os nossos corações à prática de tôdas as virtudes, para que, prègando e exemplificando a palavra do Mestre, possamos contribuir, com o nosso esfôrço, para a tão almejada era de Paz e Progresso entre os homens.

Queremos, na nítida compreensão da tarefa que nos foi distribuída, que o Centro «Luz e Amor» seja um baluarte inexpugnável, onde hesitem e parem todos aqueles que para nós não vierem com os corações simples e puros; onde enfraqueçam e morram tôdas as aspirações que não visem o bem e a tranqüilidade de todos os nossos irmãos; onde se esbatam e desapareçam todos os sentimentos que não possam ser qualificados de verdadeiramente fraternos.

Que as bençãos de Jesus e a protecção dos seus Mensageiros desçam sôbre nós, ao iniciarmos os nossos trabalhos.

Aberta a sessão, o presidente da mêsa usou da palavra para agradecer à direcção do Centro E. «Luz e Amor», em nome da agremiação sua representada, Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, a honra de ter sido investido na presidência.

Afirmou que esta sociedade via com muita simpatia o regresso à actividade do «Luz e Amor». Desde a primeira hora se encontra a seu lado no bom combate pela causa, pois é sua convicção de que cada centro espirita que surge é mais um potente farol a rasgar as trevas do materialismo desenfreado que subverte o mundo; é mais um obreiro da seara do Senhor, decidido a lutar com perseverança e fé contra as fôrças do mal, que tanto torturam, na hora actual, os povos e as nações.

O momento é trágico e de sacrifícios. É preciso mobilizar tôdas as fôrças espirituais e morais para se opôr um dique intransponível à onda de abominação e iniqüidade que afoga a humanidade sofredora. Por isso, o «Luz e Amor», que volta a ocupar o seu pôsto, pode contar com a solidariedade e apôio da Sociedade Portuense, no caminho espinhoso que vai trilhar.

Congratula-se por ver anunciada a realização do 2.º Congresso Espirita Português; e, para que essa aspiração se transforme em realidade, promete ao «Luz e Amor» uma colaboração eficaz, franca e leal.

Entrando na ordem dos trabalhos, o presidente da mêsa, concedeu a palavra ao Presidente da Direcção do Centro E. «Luz e Amor», o confrade Isidoro Duarte Santos, o qual expôs, com geral agrado, os «Novos Rumos» que o Centro se propõe seguir, nesta segunda fase da sua existência.

Como se trata do plano de actividade traçado ao Centro pelos seus Corpos Gerentes, interessando que todos os consócios dêle tomem conhecimento, noutro local desta revista se faz a sua publicação.

Seguiu-se no uso da palavra o confrade Secretário Geral, Dr. Dias de Sousa.

Falou àcêrca da orientação a seguir nas sessões experimentais e anunciou que o Centro se propõe difundir a organização de Grupos Familiares em casa dos sócios que o solicitem. Promete assistência técnica do Centro a todos os Grupos, estando já elaborado o regulamento e as instruções para seu funcionamento.

Demonstrou, com larga soma de argumentos, que só nos Grupos Familiares se poderá obter a homogeneidade indispensável à produção de fenómenos espiritas, cuja análise resista às críticas mais severas. Demais, era esta a organização aconselhada, além doutros, por Allan Kardec e Léon Denis, os dois grandes Mestres do Espiritismo. Seguindo os seus conselhos, tem a certeza de colher bons frutos, capazes de convencer os adversários mais obstinados.

Finalmente, sobe ao estrado o confrade Dr. António Lôbo Vilela. Recebido carinhosamente por todos, que assim lhe manifestaram o apreço de que goza no seio da família espirita, o conferente espraiou-se em considerações filosóficas sôbre experimentação psíquica e espirita, afirmando, baseado na opinião dos mais categorizados escritores e estudiosos da matéria, que é mais completa, — por mais racional e consoladora — a experimentação espirita.

Os vastos conhecimentos e a cultura de tão autorizado confrade, ficaram evidenciados na forma atraente e sugestiva da sua dicção e no brilho que soube imprimir à sua conferência, sendo-nos inteiramente impossível dar uma pálida idea do seu trabalho, sob todos os pontos, interessantíssimo.

Ao terminar as últimas palavras, o Dr. Vilela foi aplaudido por tôda a assistência.

O confrade presidente agradeceu ao orador a sua bela lição e pediu-lhe que continuasse a dar à doutrina a autoridade do seu nome, a dispensar-lhe os ensinamentos da sua cultura, para que, assim, o Espiritismo pudesse conquistar lugar de primeira grandeza e fôsse o Sol em cuja órbita girassem tôdas as correntes neo-espiritualistas.

Os trabalhos decorreram num ambiente de elevação e simpatia e foram encerrados com uma nova concentração de três minutos.

Por êsse mundo...

(Conclusão da página 8)

girava em tôrno dum espírito que procurava reparar as faltas que cometera, quando estava na terra.

— Os espiritas ingleses prepararam-se, ultimamente, para intervir nas eleições parlamentares, a-fim-de combater certas iniqüidades de que têm sido vítimas.

— A revista inglesa *Psychic News* publicou um artigo àcêrca da cremação dos cadáveres e refere-se a uma sessão em que o espírito comunicante se queixava de ter sofrido, durante a cremação do seu corpo, por não estar ainda, inteiramente, desligado.

O desprendimento varia, segundo o grau de elevação moral do espírito. Por isso, acrescenta aquela revista que, emquanto os parentes enlutados repousam em suas casas, depois do entêrro, pode o espírito estar a sofrer horrivelmente, a ponto de justificar a existência do inferno ortodoxo, cheio de medonhos cenários que ultrapassam tudo o que a fantasia pode imaginar.

— O Dr. Inácio Ferreira, director do Sanatório Espirita de Uberara, continua a escrever grande número de artigos àcêrca das curas espiritas feitas naquele sanatório.

— Segundo informa a *Psychic News*, o médium pintor Agostinho Lesage contou que, na sua primeira viagem ao Egito, visitou o Vale das Rainhas, onde há pouco tempo foi descoberta uma povoação, cuja existência data de há 3.500 anos. Num dos túmulos abertos, encontraram um fresco em bom estado que parecia a cópia de certa pintura de Lesage, representando uma cena de ceifeiros, executada muito antes dêle ir ao Egito. Houve um arqueólogo que afirmou ser impossível ao melhor dos artistas fazer a reprodução da pintura, sem ter à vista o respectivo original.

— A Tenda Espirita de Caridade, do Rio de Janeiro, adquiriu o prédio n.º 202, da Rua dos Inválidos, que vai ser demolido, a-fim-de ali instalar todos os seus serviços. O edifício constará de sete andares. A Tenda ocupará o 1.º e o 2.º, onde realizará as suas sessões práticas semanais.

— Em Londres constituiu-se uma liga espirita dramática com o fim de propagar a Doutrina no teatro britânico.

— O coronel Luiz de Góis, professor da Faculdade de Medicina de Pernambuco, realizou oito conferências espiritas na cidade de Fortaleza.

— O Dr. Bruno Fuerst, professor da Universidade de Praga, fêz experiências de memória e concentração com os seus alunos, no Instituto de Ciências Psiquicas de Nova York.

A ciência é a luz que guia os homens nas trevas.

Linen

NOTICIÁRIO

As nossas conferências

Num ambiente magnífico e perante numerosa e selecta assistência, assistimos no dia 14 de Novembro à primeira conferência da série que o Centro Espiritualista Luz e Amor se propõe levar a efeito, no salão da Sociedade Teosófica de Portugal amavelmente cedido pela sua Direcção.

O conferente foi o nosso consócio coronel Faure da Rosa, que dissertou largamente acêrca do «Reencarnacionismo», com a proficiência que lhe é peculiar.

Não podia ter recaído em melhor elemento a análise do assunto. Dêste modo, tivemos o prazer de ouvir uma bela lição de hora e meia, cheia de ensinamentos, lição da qual todos beneficiaram grandemente.

O Vice-Presidente da Sociedade Teosófica, sr. Félix Bermudes, que presidiu, aproveitou o ensejo para demonstrar o seu contentamento pelo facto de se encontar entre espiritas, visto os princípios que informam a doutrina teosófica terem pontos de contacto que irmanam, em parte, as duas ideologias. Terminou, explicando a teoria do Karma e aconselhando todos os presentes a praticar o bem pelo bem, a-fim-de atenuarem o seu futuro.

Por fim, o Secretário Geral do Centro falou àcêrca dos nossos objectivos, pedindo a todos que não esquecessem a necessidade de se unirem, de maneira que facilitassem a tarefa da Direcção.

— A segunda conferência, a que presidiu o consócio Dr. Sebastião Elviro Martins, presidente da Assembleia Geral, realizou-se no dia 17 do corrente.

Sôbre o tema, «Os fenómenos do Espiritismo», dissertou o presidente da Direcção do Centro, sr. tenente Isidoro Duarte Santos, que bordou interessantes considerações de ordem moral, científica e filosófica, a respeito de cada um dos fenómenos cujo relato fazia.

A assistência que ouviu vivamente interessada tôda a exposição, dispensou ao conferente, no final, uma carinhosa prova de agrado.

O Secretário Geral do Centro deu conta da actividade desenvolvida pela Direcção até agora, e apresentou os resultados, que não podem ser mais animadores nem mais compensadores.

Campanha pró-sede do Centro

Em virtude do nosso movimento associativo se ter intensificado extraordinariamente, verificamos a necessidade duma séde própria, onde possamos instalar os serviços do Centro e da revista «Estudos Psíquicos». Muitos são os consócios que almejam por êste melhoramento, certos de que os adeptos acorrerão com suas cotas, reforçando o já grande número de sócios que nos honraram com a sua inscrição. E a-pesar-de já termos ofertas de mobiliário e donativos valiosos que hão de facilitar a nossa aspiração, a prudência manda sofrear os naturais anseios e aguardar a oportunidade, que não se fará esperar, certamente. De-vagar, para chegar depressa, como diz a sabedoria do povo.

Descancem, que tudo se fará a seu tempo. O Centro Espiritualista Luz e Amor é uma fôrça real e progressiva, dentro do movimento espirita português. É impossível deixar de reconhecer êste facto, tão evidentes e palpáveis são os seus efeitos, em centenas de almas que se dispuseram a lutar pela doutrina espirita, depois de se haverem regenerado, à luz dos mais belos ensinamentos.

Propaganda espirita

Por terem chegado tarde ao nosso conhecimento, só agora nos referimos às notícias que *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* publicaram àcêrca das conferências que o sr. Dr. António J. Freire realizou no Porto e em Viana do Castelo, em Outubro findo. As duas primeiras, realizou-as em Viana, a convite dos confrades desta cidade e foram subordinadas ao título de: «*Influência do neo-espiritualismo no pensamento contemporâneo*» e «*Da clarividência e das premonições supranormais*». Esta última, teve lugar na residência do nosso confrade sr. João Leão Quartin. A outra, realizou-se no «Viana Futebol Clube» e foi presidida pelo Presidente desta agremiação, sr. Teles de Azevedo, secretariado pelo 1.º tenente A. Morais Serrão, capitão do porto, e pelo Dr. Mendes Carneiro, professor do liceu.

As duas conferências realizadas no Pôrto, a convite da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, intitularam-se: «*Alguns aspectos da crise da morte e do mundo astral*» e «*Do conceito da evolução dentro do Espiritismo*».

Curso popular de Espiritismo. — Os nossos confrades srs. Custódio Rodrigues e Óscar Leitão enviaram-nos um interessante alvitre que veio, precisamente, ao encontro duma idea que desejamos pôr em prática, logo que disponhamos de séde própria. Trata-se dum Curso Popular de Espiritismo, a-través-de conferências apropriadas e no decorrer das quais serão versados todos os problemas concernentes à Doutrina. Essas conferências serão, depois, publicadas em «separata» desta revista, no caso de os donativos da Caixa de Propaganda serem suficientes para o efeito. E assim, sem outros encargos, os sócios poderão dispor, ao cabo de dois ou três anos, duma pequena enciclopédia espirita, que formará elegante volume. Os assinantes também poderão receber as separatas, mediante pagamento duma sobretaxa de assinatura. Bastará que no-lo comuniquem. Corresponderemos, dêste modo, ao interêsse e ao carinho que a família espirita tem demonstrado e demonstra pela nossa modesta obra.

Jornais brasileiros. — Recebemos e agradecemos a visita dos seguintes órgãos brasileiros: *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira; *O Arauto da*

Fé, de Cidade de Astolfo Dutra, Minas; *Amor à Verdade*, de Ribeirão Preto; *A Senda*, de Vila de São Sebastião, Rio Grande do Sul, e o *Boletim Mensal* do *Centro Espirita João Baptista*, de Dom Pedrito, também do Rio Grande do Sul.

A êstes bons amigos que, pela primeira vez, entram nesta casa, os nossos cumprimentos. Todos inserem boa colaboração filosófica e doutrinária.

Festa de Confraternização — Cumprindo o programa que foi traçado, realiza-se, no dia 14 de Janeiro de 1940, a primeira reünião de confraternização, para a qual já foram dirigidos convites à Federação Espirita Portuguesa e Centros federados.

Esperamos que a nossa festa marque uma data memorável na vida do Centro Espiritualista «Luz e Amor», conseguindo reünir sob um só tecto, numa única aspiração, num só desejo, a família espirita portuguesa.

Solidariedade

Para comemorar o Natal dêste ano e embora disponha de poucos recursos, o Centro Espiritualista «Luz e Amor» resolveu contribuir com as seguintes importâncias, destinadas aos necessitados socorridos pelas entidades abaixo mencionadas, a quem foram enviados os donativos:

Govêrno Civil de Lisboa	20$00
Federação Espirita Portuguesa	20$00
Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas	20$00
Centro Espirita «Luz», de Coimbra	10$00
Centro Espirita de Braga	10$00
Total	80$00

Caixa de Propaganda

No intuito de angariar numerário destinado à edição de folhetos de distribuïção gratuita, resolvemos abrir esta secção, que muito poderá contribuir para a expansão do Espiritismo. Todos os donativos, grandes ou pequenos, serão acolhidos com a mesma gratidão.

Hoje, registamos os seguintes:

Isidoro Duarte Santos	5$00
José Joaquim Gaita	5$00
Pedro Dias de Sousa	5$00
José Augusto Gonçalves	5$00
José Pereira Serra	5$00
José Águas Serra	5$00
D. Maria Eugénia Carmona	2$50
Carlos Castelo Lopes	2$50
D. Efigénia Vieira	2$50
D. Maria Rosa	2$50
António Lemos	2$50
José Monteiro	1$50
D. Virtuosa do Carmo	1$00
Total	45$00

Auxílio a "Estudos Psíquicos"

Destinados ao Fundo de Auxílio à revista «Estudos Psíquicos», recebemos os seguintes donativos, que profundamente agradecemos:

De F. H. B. J.	1.000$00
» A. F.	100$00
» S. P. I. P.	50$00
Total	1.150$00

Agradecemos, igualmente, tôdas as contribuïções, grandes ou pequenas, tendentes a consolidar a existência desta revista, que surgiu numa hora de grande crise mundial, a que não são estranhas as artes gráficas e a indústria do papel, já cheias de dificuldades para se poderem manter com dignidade.

Oxalá que todos compreendam os sacrifícios que é preciso fazer para sustentar uma publicação dêste género, que não dispõe de rendimentos e só vive das assinaturas.

Programa dos trabalhos do Centro E. "Luz e Amor", durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 1940, destinados aos sócios e suas famílias

Dia 14 de Janeiro. — Festa de confraternização, constando de palestras, contos espiritas, declamação de poesias, etc., em que tomarão parte alguns sócios do Centro.

Dia 28 de Janeiro. — Conferência pelo sr. Dr. Adriano Vieira Coelho, intitulada: *O Éter, alma universal e atómica.*

Dia 11 de Fevereiro. — Conferência pelo sr. Dr. José Joaquim Gaita, intitulada: *A palavra sem obras não frutifica...*

Dia 25 de Fevereiro. — Conferência pelo sr. Dr. Pedro Dias de Sousa, intitulada: *As materializações de Katie King* (com projecções luminosas).

Os trabalhos principiarão às 15.30 e terão lugar na Rua Passos Manuel, 20-Cave.

ATENÇÃO

Rogamos a todas as pessoas a quem temos enviado "Estudos Psíquicos" e que não desejem ser assinantes, o obséquio de devolverem os números em seu poder.